



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEDUC – PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

**EDUCADORAS NEGRAS: CONSTRUÇÕES DOCENTES, DE RAÇA E DE
GÊNERO**

Joanna de Ângelis Lima Roberto

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEDUC – PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

EDUCADORAS NEGRAS: CONSTRUÇÕES DOCENTES, DE RAÇA E DE GÊNERO

JOANNA DE ÂNGELIS LIMA ROBERTO

Sob a orientação do Professor

Ahyas Siss

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

**Seropédica/ Nova Iguaçu, RJ
Março de 2014**

370.981
R642e
T

Roberto, Joanna de Ângelis Lima, 1982-
Educadoras negras : construções docentes de raça
e de gênero / Joanna de Ângelis Lima Roberto. -
2014.

105 f. : il.

Orientador: Ahyas Siss
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação
em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares.

Bibliografia: f. 72-74.

1. Educação - Brasil - Teses. 2. Professoras
negras - Teses. 3. Relações raciais - Teses. 4.
Identidade de gênero na educação - Teses. 5.
Brasil. [Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003]. I.
Siss, Ahyas, 1953-. II. Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas
Populares. III. Título.



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares (PPGEduc)

JOANNA DE ÂNGELIS LIMA ROBERTO

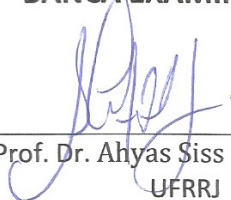
**EDUCADORAS NEGRAS: CONSTRUÇÕES
DOCENTES, DE RAÇA E DE GÊNERO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Diversidade Étnico-Raciais

Dissertação aprovada em 26/03/2014.

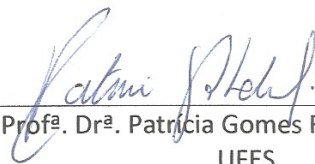
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ahyas Siss (Orientador)
UFRRJ



Prof. Dr. José Valter Pereira
UFRRJ



Prof.ª Dr.ª Patrícia Gomes Rufino Andrade
UFES

Aos meus Pais,
que me deram a oportunidade dessa encarnação tão engrandecedora.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade dessa vida e pelo dom da vida Eterna.

Aos Meus pais, George e Noemi, pois não me basta dedicar este trabalho fruto de muito estudo, nem todos os agradecimentos seriam suficientes.

A essa Espiritualidade Maravilhosa da Família Represa, que me assiste e me impulsiona.

Aos meus irmãos George, por ter sido meu companheiro em tantos momentos de infância e adolescência, e Georgius Gabriel por ser mais que meu irmãozinho é um amigo e meu bailarino preferido.

A Sandro, por tantos anos de amizade e hoje um companheiro, namorado e amigo fiel, me dedicando tanto amor e compreensão.

Ao Professor Ahyas Siss, por ter aceitado a difícil tarefa de me orientar, me estimulando no campo investigativo, auxiliando na minha construção enquanto Pesquisadora.

A Professora Maria Aparecida Barreto, Nossa Cida, por seu carinho e amizade, no pouco tempo em que Deus nos permitiu a convivência, contribuindo de forma doce nesse meu exercício rumo a Dissertação.

A minha Banca Examinadora, Ahyas Siss, Valter Filé, Patrícia Rufino, Amparo Villa Cupollilo, Rosana Batista Monteiro, por fazerem parte desta, contribuindo gentilmente nesta etapa.

A minha Amiga Aline Moura, por ter iniciado comigo, ainda na graduação, essa paixão pela pesquisa, nos congressos e viagens acadêmicas.

A Marluce e Ana Paula pelos anos dedicados aos estudos rumo ao mestrado e Sandra, por ter completado nosso grupo, nas aulas, no grupo de pesquisa e nos congressos.

Aos professores do Programa, pelo estímulo e compreensão.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.”
Madre Teresa de Cálcuta

RESUMO

ROBERTO, Joanna de Ângelis Lima. **Educadoras Negras: Construções Docentes de Raça e de Gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2014.

Esta pesquisa surge do interesse da pesquisadora em verificar se os processos de construções identitárias de gênero, e de raça/etnia de Educadoras Negras, que atuam em cursos de formação de professores influenciam, ou não, em suas ações pedagógicas junto aos educandos em seus processos de formações identitárias. Para tal trouxemos como questões de estudo, as relações estabelecidas entre as trajetórias de vida dessas professoras negras e as suas práticas escolares pedagógicas, bem como quais as principais estratégias por elas utilizadas para superar os possíveis obstáculos por elas enfrentados nessas suas construções identitárias de gênero e de raça. Para a elaboração desta investigação foi aplicada a abordagem Qualitativa, Como técnica de coleta de dados, técnica entende-se os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização da pesquisa, emprega-se a entrevista semi-estruturadas. Foi empregada a Análise do Discurso (AD), nas respostas concedidas pelas entrevistadas, onde, aqui utilizaremos como base, Lupicinio Iñiguez (2005), nos possibilitará decodificar as linguagens verbais, escritas, gestuais e corporais das entrevistadas. Foram realizadas entrevistas com quatro (4) professoras do ensino médio, que atuam na formação de professores em Colégios Estaduais na Cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, sendo uma delas professora do ensino superior também em uma IES privada. A pesquisa se justifica por buscar produzir conhecimento que contribua para a formação qualificada na área da educação para as relações étnico-raciais (ERERs) nos níveis médio e superior de formação de professores, estabelecendo correlações entre diferentes práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educadoras Negras, Educação Brasileira, Construções de identidades, Gênero, Raça/Etnia, Lei 10.639/2003.

ABSTRACT

ROBERTO, Joanna de Ângelis Lima. **Black Educators: Constructions of Race and Gender.** Dissertation (Masters Degree in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands) - Institute of Education and Multidisciplinary Institute, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropedica/Nova Iguacu, RJ, 2014.

This research appears in the interest of the researcher in check if the processes of identity constructions of gender and race/ethnicity of Educators Black, who act in training courses for teachers influence, or not, in their pedagogical actions along to the learners in their processes of identity formations. To this end we brought as issues of study, the relations established between the trajectories of life these teachers and their school practices pedagogical, as well as what the main strategies they used to overcome possible barriers they faced in this identity constructions of gender and race. For the preparation of this research has been applied to the qualitative approach, such as the technique of data collection, technical means the operational procedures that serve to mediation practice for conducting the research, employs a semi-structured interview. It was employed to Discourse Analysis (DA), in the responses provided by interviewers, where, here we will use as a base, Lupicínio Iniguez (2005), we will decode the languages verbal, written, gestural and body of the interviewers. Interviews were conducted with four (4) teachers from the middle school, which act on training teachers in State Schools in the City of Nova Iguacu, Rio de Janeiro, one of them being professor of higher education also in an (HEI) private. The research is justified by seeking in producing knowledge that contributes to the qualified training in the area of education for the ethnic-racial relations (ERERs) in medium and upper levels of teacher training, establishing correlations between different pedagogical practices.

Keywords: Educators Black, Brazilian Education, Constructions of Identities, Gender, Race/Ethnicity, Law 10,639 /2003

LISTA DE ABREVIATURAS

ACD- Análise Crítica do Discurso

AD- Análise do Discurso

CECAN – Centro de Estudos da Cultura e da Arte Negra

ERERs– Educação para as Relações Étnico- Raciais

FNB – Frente Negra Brasileira

GPESURER – Grupo de Pesquisa Educação Superior e Relações Étnico- Raciais

IAN- Imprensa Alternativa Negra

IES – Instituição de Ensino Superior

IBEA – Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada

IPCN – Instituto de Pesquisa de Cultura Negra

MNU – Movimento Negro Unificado

SEEDUC-RJ – Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro

SEPPIR – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

TEN– Teatro Experimental Negro

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Nível superior segundo o Sexo	35
TABELA 2 – Quanto ao Sexo na UFRRJ	35
TABELA 3 – Quanto à Etnia na UFRRJ	36

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Roteiro de Entrevista	75
ANEXO B – Termo de Autorização para Publicação	76
ANEXO C – Entrevistas	77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.1. Problematizando a Pesquisa.	15
1.2. Abordagem Metodológica Proposta.	16
1.3. Apresentação dos Capítulos.	18
CAPÍTULO II- NEGROS, EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A LEI 10.639/2003.	20
2.1. Movimentos Negros e Demandas por Educação.	26
2.2. A LEI 10.639 de 09 de Janeiro de 2003: seus Reflexos.	32
CAPÍTULO III- PROFESSORAS, MULHERS E NEGRAS: CONSTRUINDO A NAÇÃO.	34
3.1. A Feminização da Profissão Docente: Breves Apontamentos.	37
CAPÍTULO IV- OS CAMINHOS E DESCAMINHOS NAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE EDUCADORAS NEGRAS.	40
4.1. As entrevistadas e suas Construções de Identidades de Raça/ Etnia e Gênero.	40
4.2. Professora: ascendência profissional e histórico familiar.	47
4.3. Identidade Profissional, Raça e Gênero.	50
4.4. A Lei 10639/03 nas Escolas.	61
CONCLUSÕES PARCIAIS: AINDA HÁ MUITO CAMINHO A TRILHAR	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72
ANEXO A	75
ANEXO B	76
ANEXO C	77

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto instituição responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas.

(Nilma Lino Gomes, 2003)

Mulher, Negra, Professora e Pesquisadora. Essas características que possuo são também identidades que vem sendo construídas ao longo de 31 anos de idade, em meio a tantas interferências e influências. Desse modo, trago alguns conceitos para facilitar o entendimento do que seria ser Mulher, Negra, Docente e Pesquisadora. Como Mulher, construída assim socialmente, trago as marcas fenotípicas do sexo feminino, no entanto, muitas vezes questionada quanto à raça, me declaro negra, não apenas pela cor que tenho, pois muitos da minha cor não se declaram de tal forma, mas sim pela construção ideológica e política de minha cor, pois trabalhamos raça através de um conceito de construção sociológica, de uso corrente das ciências sociais e humanas.

Filha de mãe branca com pai negro, desde menina percebi que a família de meus avós maternos discriminava meu pai por sua cor de pele. Tal como meu pai, eu também era discriminada por ser negra, o que me impulsionou a buscar uma formação superior, entendendo que, desta forma, pudesse superar o racismo, pois estudar era uma forma de provar que podia me construir melhor do que me julgavam, já que a perspectiva para uma menina negra e pobre não é a das mais favoráveis.

Formada no Ensino Médio Técnico em Enfermagem, pude trabalhar e assim ajudar em casa e continuar os estudos em um pré-vestibular, porque minha meta era a Universidade. Ingressar no curso de Licenciatura Plena em Educação Física na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em 2002 foi uma felicidade sem tamanho, pois estar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade, era uma emoção indescritível, mesmo por que passar no vestibular para esta instituição não era fácil e eu já estava no segundo ano tentando o vestibular. Apesar de estar em uma Universidade pública precisava trabalhar para me manter por lá.

Havia poucos negros em minha turma, mulheres nem tanto, pois, neste caso, o ingresso pelo vestibular era separado, as vagas eram divididas por gênero. Assim questionava-me como lecionaria para meninos e meninas igualmente se não tinha esta prática na Universidade, já que as aulas de esporte eram divididas por gênero, bem como se esta universidade estava formando professores aptos para uma educação não sexista ou sexista. A questão de gênero falava muito alto, pois em um curso onde as habilidades motoras, força, velocidade, dentre outras são o que vale, mulheres só conseguiriam dar aulas para mulheres?

Nesta instituição, passei por momentos difíceis, preconceitos não só de gênero, mas também de raça perpassou os quatro anos de minha permanência por lá, durante as aulas, em torneios, com brincadeiras ditas inofensivas, mas bastante preconceituosas. Diante deste cenário, a surpresa não foi grande na hora dos estágios, cujos melhores, em locais com destaque e chances de se tornar uma funcionária efetivada, eram para os homens da turma, as mulheres se enquadravam no perfil de aulas de ginástica em academias, que tem menor prestígio social e, principalmente, as mais bonitas e com corpos esculturais, que estavam dentro dos padrões exigidos pela sociedade, que não era meu caso.

Concluí a Licenciatura em 2006, concluindo assim o principal passo para me tornar uma Professora. Participando de diversos concursos públicos, ingressei nas atividades docentes na rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC-RJ) em 2007, mas sem deixar de participar de outros concursos, pois precisava de outra matrícula para me manter, quando em 2010 ingressei na Rede Municipal de Macaé, ultrapassando os problemas iniciais, percebi que realmente podia mais do que se imaginava.

Ingressei no GPESURER (Grupo de Pesquisa Educação Superior e Relações Étnico-Raciais) na UFRRJ no ano de 2009, em busca de respostas, pois depois de graduada percebi que a graduação era apenas mais um passo, meus questionamentos em relação a gênero e raça continuavam permeando meus pensamentos, neste momento nascia uma Pesquisadora, inclusive devido aos constantes episódios assistidos no cotidiano e na escola onde atuava, crianças tão racistas, meninos e meninas tão preconceituosas. De modo que, não entendia como alunos negros poderiam ter atitudes racistas, para com alunos negros.

Questionei-me como eles não se reconheciam negros, se eu os via negros? Por que as meninas não tinham as mesmas oportunidades que os meninos? Por que as meninas ridicularizavam as outras meninas por causa de seu cabelo? Interroguei-me inclusive, como eu me construí mulher negra, após ter tido embates e conflitos pelos diferentes espaços que percorri como o espaço familiar com tantas influências racistas, a vizinhança, amigos, escola, faculdade, trabalho, como foi esse meu processo de formação.

Desde então, venho participando de diversos fóruns acadêmicos ligados à temática desta pesquisa, além de participar do I Censo da UFRRJ realizado em 2010, nos três campi da Universidade. Em alguns eventos participei como ouvinte, buscando aprofundar conhecimentos. Foram os casos, por exemplos, da minha participação na 33ª e 35ª ANPEd (Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, em 2010 (Caxambu) e em 2012 (Porto de Galinhas); no VI Seminário Educação e População Negra & I Encontro Regional da ABPN no Sudeste em 2011 na Universidade Federal Fluminense (UFF); no I Congresso Nacional de Africanidades e Brasilidades, na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2012.

Participei de outros eventos acadêmico-científicos, agora com apresentação de trabalhos. A importância de participar nesses eventos científicos decorre do fato de que eles cumpriram o importante papel de oxigenar e tencionar minha pesquisa, quando levantaram questões de natureza epistemológica e política a seus diferentes aspectos, às quais precisei buscar respostas, ainda que não conclusivas, impulsionando a Pesquisadora a enfrentar suas dúvidas e medos acadêmicos, pois apresentar trabalhos nesses eventos era mais um desafio, neles se encontravam alguns “Papas” na questão Étnico-Racial.

Foram os casos, por exemplos, dos I, III e IV Seminário discente do Programa de Pós – Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares em 2009, 2011 e 2013, na UFRRJ em Seropédica; no VII Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e no 5º Seminário Fronteiras étnico-culturais e Fronteiras da exclusão realizado na Universidade Católica Dom Bosco em Campo Grande (MS); I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação/ III Encontro de Sociologia da Educação, na Universidade do Minho em Portugal e na 36ª Reunião Nacional da ANPED em Goiânia, em 2013.

1.1 . Problematicando a Pesquisa

Como educadora tenho observado que atualmente fala-se muito em uma escola para todos, com o objetivo de formar um cidadão autônomo, moral e intelectualmente, mas olvida-se que, para isso, o corpo docente deve ser preparado, não apenas com o currículo a ser ministrado, pois este há muito é monocultural e homogeneizador, em relação à diversidade de seus alunos, como por exemplo, sei por experiência própria que, nas escolas as datas comemorativas não valorizam o negro, os heróis são brancos. Em nossos livros didáticos existe uma ausência de referência positiva da pessoa negra, corroborando para sua autoimagem negativa, conseqüentemente da criança negra.

O dia 20 de Novembro, Dia do Zumbi, líder Negro e da Consciência Negra, não é feriado nacional, apenas seis Estados aderiram ao feriado, são eles: Rio de Janeiro, Alagoas, Amazonas, Amapá, Mato Grosso e Rio Grande do Sul, sendo que, neste último, apesar de haver a Lei Estadual nº 8352, é facultativo em alguns de seus municípios¹. Ou seja, o processo de tornar-se negro e a construção da identidade negra, deve passar necessariamente pela desconstrução das representações negativas, erigidas durante anos, socialmente, por meio da ideologia do “supremacismo branco” (NASCIMENTO, In: Cavalleiro, 2001).

Todavia, por melhores que sejam preparados os docentes, quanto à formação acadêmica, eles carregam consigo os preconceitos e as ideias depreciativas, que trazem de uma vida inteira, reflexos dessa educação eurocêntrica, que se pode entender como a eleição de maneira indevida dos valores próprios da sociedade europeia como sendo valores universais. Notasse em todas as sociedades a existência de uma estratificação social, no entanto na sociedade moderna como nos assinala Todorov (1993) essas estratificações não são imutáveis, um simples vendedor pode virar um presidente, como no caso do Brasil um simples metalúrgico se tornou um presidente, mas isso ocorre por que “as únicas diferenças praticamente indelévels são as físicas; as que se chamam de ‘raça’ e as de ‘sexo’”.

Logo, se as diferenças sociais se suplantam as diferenças físicas, surgem às atitudes que se baseiam no “sincretismo do social e do físico, o racismo e o sexismo. Mas o paralelo logo acaba, já que a situação das mulheres em relação aos homens é infinitamente mais complexa” (TODOROV, 1993, p.112). Visto que a mulher passa por todo esse processo de construção de identidade na sociedade brasileira, há a compreensão de que as mulheres negras e mestiças estão sujeitas a uma dupla discriminação - de raça e de gênero.

(...) Historicamente, as condições de vida, acesso à escola, saúde, lazer, inserção no mercado de trabalho da mulher negra são diferentes das oportunidades oferecidas à mulher branca, homem branco e negro.

(...) as péssimas condições de vida, em que o negro e particularmente a mulher negra estão submetidos, é na sua essência um resultado do comportamento preconceituoso, racista de alguns indivíduos da sociedade e no plano mais geral, a defesa do poder, por determinados segmentos da sociedade que se beneficiam

1 No ano de 2012 os dados da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), apontavam para mais de 1000 cidades no Brasil que teriam o feriado do Dia 20 de Novembro. Lista completa das cidades no site da Seppir.

com as diversas desigualdades existentes. (SANTOS, C. “A mulher negra”. **Coletivo de Mulheres Negras da Bahia**, ano I, n.2,jul./ago .de 1982, p02).

No campo da educação, inúmeras pesquisas demonstram a maior representatividade de brancos e, muitas vezes com salário superior. Oliveira (2006), ao analisar a discriminação racial no magistério, concluiu que a representatividade dos negros na Educação não é equivalente à dos brancos, agravando-se este o quadro quando se trata da Educadora Negra. Observou que, o que acontece no Estado do Rio de Janeiro é equivalente ao que a pesquisa mostra do Brasil, que quanto mais elevado o nível de ensino, há uma maior concentração de professores, ou seja, há uma maior concentração de professoras no ensino fundamental, concentração esta ainda maior de mulheres negras, a presença de homens nesse nível de ensino é maior de negros que brancos.

Já o ensino médio encontra-se mais homens, brancos e negros na mesma proporção; o ensino superior é masculino e branco, sendo que a proporção de homens negros é maior que mulheres brancas; o ensino profissional é também masculino e prioritariamente negro, o número de homens negros é o dobro que de homens brancos, sendo o número de mulheres reduzido independente da cor; quanto ao ensino de Educação Física, que também é masculino, homens negros e mulheres brancas suplantam seus parceiros do mesmo sexo. (OLIVEIRA, 2006)

Essa pesquisa busca dar respostas ao problema que pode ser assim colocado: de que forma os processos de construções identitárias de gênero e de raça/ etnia de Educadoras Negras que atuam em cursos de formação de professores podem influenciar ações pedagógicas?

Colocado de outra forma, este estudo tem como objetivo maior verificar se os processos de construções identitárias de gênero, e de raça/etnia de Educadoras Negras, que atuam em cursos de formação de professores influenciam, ou não, em suas ações pedagógicas junto aos educandos em seus processos de formação identitárias. Tendo em vista que Gênero “é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”. Ele é, também, a primeira forma de significar as relações de poder² (PARAÍSO, 1997).

Para responder ao problema proposto estabelecemos as seguintes questões de estudo:

- Quais as relações estabelecidas entre as trajetórias de vida de professoras negras e as suas práticas escolares pedagógicas?
- Quanto ao gênero, como essas professoras se constroem enquanto mulheres?
- Quais as principais estratégias por elas utilizadas para superar os possíveis obstáculos por elas enfrentados nessas suas construções identitárias de gênero e de raça?

Esta pesquisa encontra suas justificativa e relevância acadêmica, na necessidade de construirmos conhecimentos novos sobre essa temática uma vez que estudiosos da questão da mulher, em geral, e suas condições na sociedade, poucas vezes incluem aí a discussão sobre a raça. Consideramos importante atentar para os efeitos da opressão de gênero unida à desigualdade de raça, contribuindo assim no avanço das pesquisas nessa área, articulando as categorias gênero, identidades, prática docente e educação das relações étnico-raciais.

1.2. Abordagem Metodológica Proposta

Para a elaboração desta investigação foi aplicada a abordagem Qualitativa, por ser esta diversa e flexível, não se utilizando de regras rígidas, podendo ser aplicável em diversos casos. Tem como principal característica o fato de seguir os princípios da tradição ‘compreensiva’ ou ‘interpretativa’ (Alves-Mazzotti e Gewandsznajder, 1999). Por não ser rígida ela permite que o pesquisador utilize sua imaginação e seja criativo, explorando novos enfoques, antes não pensados. Fala-se abordagem qualitativa, porque “com estas designações, cabe referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referencias epistemológicas.” (SEVERINO, 2007)

Foi utilizada uma pesquisa bibliográfica relevante sobre a escolarização dos Negros e Negras no Brasil, bem como sobre a formação dos movimentos de Negros e negras e a importância da Mulher negra na educação, para que pudesse entender a atual situação da população negra no Brasil. À vista disso

Pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p.122)

Como técnica de coleta de dados, técnica entende-se os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização da pesquisa, emprega-se a entrevista semi-estruturadas. Entrevistas estas, que possibilita tratar de pontos mais complexos, analisando-os mais profundamente diferente do questionário, são utilizadas visando apreender os pensamentos, argumentos, realizações, etc. dos sujeitos da pesquisa. Para as entrevistas foi utilizado um roteiro previamente estruturado, utilizando para a gravação dessas um Tablet, CCE 7 polegadas.

Severino (2007) conceitua entrevistas estruturadas, como “aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna”. Logo, como entrevistas semi-estruturadas, que foi utilizada na pesquisa, são compostas por perguntas abertas e fechadas, também chamadas focalizadas, o pesquisador “faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos.” Sendo possível também adotar um tipo misto, com umas partes mais e outras menos estruturadas. (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNAJDER, 1999, p.168) Tais entrevistas, foram divididas em quatro (4) blocos, no qual cada um tem como foco um eixo da pesquisa.

Foi empregada a Análise do Discurso (AD), nas respostas concedidas pelas entrevistadas, onde, aqui utilizaremos como base, Lupicinio Iñiguez (2005), nos possibilitará decodificar as linguagens verbais, escritas, gestuais e corporais das entrevistadas. Visto que para Stubbs (1983, p.17)

A Análise do Discurso é um termo muito ambíguo. Vou utilizá-lo neste livro para referir-me principalmente à análise linguística do discurso, falado ou escrito, que se produz de modo natural e é coerente. Em linhas gerais, refere-se à intenção de estudar a organização da linguagem além da oração ou da frase e, por conseguinte, de estudar unidades linguísticas maiores, como a conversação

ou o texto escrito. Disso se deduz que a Análise do Discurso também se relaciona com o uso da linguagem em contextos sociais e, concretamente, com a interação ou diálogo entre os falantes. (apud, Iñiguez, 2005, p 108)

Para sermos mais precisos utilizaremos a Análise Crítica do Discurso (ACD), que não é uma variante da AD, mas uma concepção diferenciada. Rojo & Whitaker (1998) sustentam que ela é uma “teoria utilizada como uma caixa de ferramentas que permite formar e abrir novas visões e novos enfoques e onde o/a analista se converte em artífice graças a seu envolvimento com aquilo que estuda” (apud, Iñiguez, 2005, p 118). Discurso que na perspectiva da ACD, segundo Rojo (2005) apresenta um aspecto tridimensional, ou seja, todo discurso compõem, “ao mesmo tempo, uma prática textual, uma prática discursiva e uma prática social”. Sendo elas:

Prática textual: chamamos discurso a uma unidade linguística, superior à oração, coesa e dotada de coerência, constituída a partir de determinados materiais linguísticos. Prática discursiva: todo discurso tem como moldura uma situação, em um tempo e espaço determinados, e por esse motivo damos o nome de discurso a uma produção discursiva que permita a realização de outras práticas (julgar, classificar, informar), que se enquadra e adapta à regulamentação social dessas e ao mesmo tempo as estruturas e dá significado. Prática social: o discurso se encontra configurado pelas situações, estruturas e relações sociais, pela ordem e estrutura social; mas, por sua vez, também configura todas essas coisas e incide sobre elas, seja consolidando-as, seja questionando-as; trata-se, portanto, de uma prática social, com origem e efeitos sociais. (Rojo 2005, p.251-252 In: Iñiguez, 2005)

Desse modo, o universo proposto dessa pesquisa é formado por Educadoras Negras. Seu recorte amostral de início era formado por três (3) professoras negras do ensino médio que atuassem na formação de Professores em nível médio, na Rede Estadual de Ensino no município de Nova Iguaçu, cidade localizada na Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro e três (3) professoras negras que atuassem em cursos de licenciatura em IES públicas. No entanto esse recorte amostral foi modificado no decorrer da pesquisa, devido à falta de tempo da pesquisadora, visto que o tempo para se realizar a pesquisa de mestrado é muito reduzido.

Foram realizadas entrevistas com quatro (4) professoras do ensino médio, que atuam na formação de professores em Colégios Estaduais na Cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, sendo uma delas professora do ensino superior também em uma IES privada. Esse trabalho se justifica por buscar produzir conhecimento que contribua para a formação qualificada na área da educação para as relações étnico-raciais (ERERs) nos níveis médio e superior de formação de professores, estabelecendo correlações entre diferentes práticas pedagógicas.

1.3. Apresentação dos Capítulos

A presente pesquisa está estratificada em cinco capítulos:

No primeiro capítulo, apresento a temática da pesquisa e a metodologia que lhe dará suporte ao seu desenvolvimento;

No capítulo intitulado “Negros, Educação Brasileira e a Lei 10.639/2003”, capítulo onde recupero brevemente, para minha compreensão em perspectiva histórica, o desenvolvimento

histórico da educação no Brasil e a relação às questões étnico-raciais brasileiras na perspectiva das demandas educacionais dos movimentos negros brasileiro, através de autores com Siss (2003), Gonçalves & Gonçalves e Silva (2000) e Pinto (1992, 1993).

O Capítulo “Professoras, Mulheres e Negras: Construindo a Nação”, onde discorro sobre Magistério, Mulher Negra e Professora, analisando o quantitativo de mulheres na Educação brasileira e sua importância para tal, revisito categorias analíticas e conceitos dessa área, abordando as relações de gênero e raça/etnia. Nesse exercício teórico apoio-me nas contribuições que algumas estudiosas dessa temática vem oferecendo, Oliveira (2006), Muller (2008), Gomes (2001, 2003, 2010), Paraíso (1997) dando suporte teórico à pesquisa.

No capítulo intitulado: “Os Caminhos e Descaminhos nas construções Identitárias de Educadoras Negras”, realizei a Análise dos discursos, utilizando para tal o suporte de Iñiguez (2005), pois para este autor o “discurso é um conjunto de práticas linguísticas que mantém e promovem certas relações sociais”, sendo assim a análise do discurso compreende em estudar de que maneira as ações atuam no presente, conservando e suscitando essas relações. Retomamos as questões de estudo, procurando responde-las através das falas das entrevistadas.

Finalmente, apresento as conclusões mesmo que parciais, por ainda persistirem algumas questões que farão parte de futuros estudos, após a prática desta pesquisa.

CAPÍTULO II - NEGROS, EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A LEI 10.639/2003

O Brasil é uma imensa consequência da herança tecnológica, cultural e humana africana. Seres humanos e conhecimento africano foram as chaves para a colonização portuguesa ter sido bem-sucedida. (Henrique Cunha Junior, 2013)

Para entendermos a situação atual da posição do negro na Educação na sociedade brasileira, torna-se necessário uma volta ao passado, saber como começou esse processo de escolarização no Brasil. “Pois para os afro-brasileiros a exclusão do processo educacional escolarizada é histórica” (SISS, 2003).

Esse país que “dizem descoberto” pela metrópole Portugal tinha como único objetivo explorar matéria prima dessa terra e como reflexo deste, desapropriaram nativos fazendo deles escravos. A educação nunca foi o intento dos exploradores, sendo que para autores como Souza (1982); Moura (1983); Hasenbalg (1992); Andrews (1992); Carvalho (1995); Munanga (1996), existe o binômio educação e cidadania, onde “permitem identificar a educação como um dos principais e mais poderosos mecanismos de estratificação social, exercendo papel fundamental nos processos de mobilidade vertical ascendente.” (SISS, 2003)

Com o desembarque da companhia de Jesus no Brasil em 1549, desembarca também o mito de que veio para educar a elite colonial brasileira. É importante deixar claro que a educação escolar não era uma opção de primeira hora dos Jesuítas, ela foi resposta a uma saída ao fracasso que foram às primeiras formas de atividade missionária na Costa. Em leitura de correspondência Jesuítica do período 1549-62 encontra-se o primeiro projeto de ação catequética dos jesuítas, que se resumia em pregar a doutrina, aprender sua língua e ensinar-lhes o português. Quando em 1550 na chegada de 7 órfãos de Lisboa, implantam-se as “casas de meninos”. (CUSTÓDIO e HILSDORF, 1995)

Constatada a dificuldade de catequese e convencimento de adultos, a experiência de trabalho com crianças torna-se um sucesso, pois lidar com os filhos dos “gentios” era melhor que lidar com seus pais, fazendo então o recolhimento dessas crianças nas “casas de meninos”. Ao mesmo tempo Nóbrega idealiza a criação dos aldeamentos, anuncia que a catequese em aldeias falhara em partes na Bahia, Pernambuco e São Vicente, a ação dos padres alcançara somente a doutrinação das índias forras, das mulheres dos portugueses e da escravaria.

Há então, um novo projeto missionário desde meados de 1550, “sintetizados na proposta de 7 pontos de Nóbrega e concretizado pela aliança do poder secular: proibição de antropofagia; proibição das guerras tribais; sedentarização ; monogamia; uso de roupas; ‘viver em terras repartidas’; direção dos padres”. O que é importante ressaltar dos projetos dessa primeira década é que se confundia o doutrinar e domínio, que era obtido, da língua falada e escrita definidos como escolarização elementar usada na catequese das crianças, “mas a ‘escolarização secundária’, ou seja, o domínio das letras clássicas no colégio de humanidades não existiam , o que era identificado, era somente as atividades de estudos entre e para os componentes da Companhia. (CUSTÓDIO e HILSDORF,1995)

Com a mudança no registro de 1554 para 1560, os ‘filhos de portugueses’ podem aprender a gramática, ou seja, os colégios se abriram para os ‘meninos de fora’ da Companhia. Em 1561, já havia aulas de gramática latina em São Vicente, no ano seguinte, voltaram a estudar gramática em Piratininga, que durou por pouco tempo devido às guerras, o grande ataque Tupi em julho de 1562 a São Paulo e dos Tamoios à costa. Segundo Anchieta, em 1585, somente 3

estabelecimentos da colônia possuíam uma estrutura jurídico-pedagógica de colégio secundário, o da Bahia (1564), o do Rio de Janeiro (1568) e o de Olinda (1576).

O Colégio primaz da Bahia atendia a 60 meninos brancos, o de Olinda 40 crianças e no Rio de Janeiro 30 filhos de portugueses. No Colégio da Bahia caso de Olinda é que se refere a crianças deixando em suspense o sexo dos alunos. A Casa de São Paulo só vai aparecer em 1631 como “Collegium inchoatum”, começando a ter personalidade jurídica independente do Colégio do Rio de Janeiro. (CUSTÓDIO e HILSDORF, 1995)

O Colégio de São Paulo manteve-se ativo até 1759 com o nome de ‘Colégio de Santo Inácio’, com o Colégio restaurado teve início em 1708 o curso de teologia e os cursos de Artes e Filosofia, também funcionava quando havia estudantes suficientes para isso. Revendo essa parte da História da Educação foi importante

reler a correspondência jesuítica e a bibliografia publicada é rever o mito propagado em torno da atuação dos jesuítas em São Paulo, que faz de um colégio a origem de uma cidade. Os jesuítas não tiveram (nem quiseram ter) colégios secundários de humanidades desde o início de suas atividades. O trabalho nos colégios não foi contínuo e de êxito espetacular desde o século XVI.’ O Colégio de São Paulo’ aparece na maior parte dessa memóri-história como uma ‘casa de meninos’ para doutrinação e alfabetização. E nem se chamava São Paulo. (CUSTÓDIO e HILSDORF, 1995, p. 179)

Segundo Coelho (2006), há em 1759 a expulsão dos jesuítas tendo como reflexo o desmantelamento da estrutura educacional rudimentar já que esta era dominada por esta ordem quase que de forma solitária. No entanto com a vinda da coroa, a Família Real Portuguesa para o Brasil em 1808, foi imprescindível a criação de cursos que suprissem a necessidade dessa elite intelectual. Foram criados os cursos de Economia, Matemática Superior, Escola de Cirurgia, Cursos Jurídicos e Escola de Artes, além de a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar em 1810, a fim de formar oficiais militares.

Em 1824, vigorou a primeira Constituição do Império e nos incisos 32 e 33 previa a educação primária “gratuita a todos os cidadãos e a criação de escolas e universidades onde seriam ensinados os elementos das ciências, belas-artes e arte” (ALMEIDA; BARRETO, 1967; ROMANELLI, 2001, Apud Coelho, 2006), existindo a proibição de escravos e de leprosos frequentarem a escola.

No entanto, em seu artigo “A Educação do Negro: Uma Revisão da Bibliografia”, Regina Pahin Pinto, diz ter informações de que no quilombo da fazenda Lagoa-Amarela, no Maranhão, seu líder o negro Cosme, criou uma escola de ler e escrever, além de citar a existência de igrejas maometanas mantidas pelos negros islamizados Nagôs e Haussás da Bahia (PINTO, 1987).

Segundo Nascimento (1949) era proibido durante o período colonial o alfabeto dentro das casas-grandes, a descendentes de fidalgos e dos afortunados portugueses.

Sobretudo aos africanos escravizados estavam impedidos de aprender a ler e escrever, de cursar escolas quando estas existiam, embora a alguns fossem concedidos, a alto preço, o privilégio, se fossem escravos em fazendas de padres jesuítas. Estes, visando a “elevação moral” de seus escravos, providenciavam escolas, para que os filhos dos escravizados, recebessem lições de catecismo e aprendessem as primeiras letras, sendo-lhes impedidos, entretanto, almejar estudos de instrução média e superior. Nessas escolas dos jesuítas, as crianças

negras eram submetidas a um ‘processo de aculturação, gerada pela visão cristã de mundo, organizada por um método pedagógico’ de caráter repressivo que visava a ‘modelagem da moral cotidiana, do comportamento social’ (FERREIRA & BITTAR, 2000, Apud Gonçalves & Gonçalves e Silva, 2000, p. 181)

A Lei de 15 de outubro de 1827, foi elaborada pela comissão de instrução pública, que determinou a criação de escolas de primeiras letras (SISS,2003). Em 1831, com Abdicação de Dom Pedro I e a crise econômica, confirma-se as lacunas deixadas pela falta de recurso na educação e seus reflexos sociais, nem assim a questão educacional passou a ser a principal preocupação da Corte brasileira (COELHO,2006). Tem-se o Ato Adicional de 1834, no artigo 10, parágrafo 2º:

Descentrava o ensino, concedendo às assembleias das províncias a faculdade de legislar a respeito da criação de escolas de primeiras letras, deixando às províncias o ensino elementar e o secundário(...), a atenção da elite política dirigente do Estado, na esfera da Educação, estava voltada para o ensino superior, bem como para o Colégio Pedro II, principal via de acesso às faculdades imperiais, local de formação dos quadros do governo. (SISS, 2003, p.26)

Como desdobramento deste, há comprometimentos para a educação e sua estrutura, impossibilitando a criação de um sistema escolar nacional, havendo disparidades entre o ensino das Províncias, onde as mais pobres tinham um ensino deficiente e as mais desenvolvidas economicamente via-se o ensino progredir. (BRITO, 1997, Apud, COELHO, 2006).

As deficiências do sistema de ensino acabaram por enfatizar a distância entre as classes: a educação, a formação e o letramento constituíram fatores de distinção, em expressões de diferenças. A falta de uma organização nacional e de um sistema estruturado favoreceu as elites que custavam colégios para seus filhos (ROMANELLI, 2001, Apud, COELHO, 2006, p. 59)

Para Nagle (1976, p.102), uma parcela pequena da população se constituía, como a “aristocracia dos que sabem ler e escrever (...) que fala, vota e determina” (Apud, Siss, 2003, p.26). Então, compondo este quadro de instituições da época, destacam-se as faculdades de Direito e Medicina, a faculdade de Direito de Olinda foi criada em 1824 e em 1854 foi transferida para Recife, outra foi criada em São Paulo em 1828 e estas tinham o papel de legislar para fazer desaparecer o que se denominava a parte “gangrenada da população: negros e índios”. Já as Escolas de Medicina foram criadas em 1813, começando como escolas médico-cirúrgicas do Rio de Janeiro, e em 1815 na Bahia, as quais por decreto em 1832 transformaram-se em faculdades. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro se ocupava em descobrir doenças tropicais, tal como febre amarela, e o mal de chagas, que seriam sanadas com programas eugênicos, já na Faculdade de Medicina da Bahia, destaca-se a escola de Nina Rodrigues, que tinha como função a Medicina Legal do Brasil, “esta instituição, considerando negros e índios raças degeneradas, ocupa-se dos estudos sobre o doente, o degenerado” (MULLER, 2008).

As Faculdades eram destinadas aos filhos de fazendeiros que formavam a elite do poder. Ou seja, se nem a educação básica se encontrava no horizonte das prioridades das classes dominantes no regime, que ignorava a existência de brancos pobres e de africanos e seus descendentes, escravizados ou livres, sendo os últimos à maioria visível e significativa da

população brasileira, que em 1872 era composta por 9.930.478 pessoas, destas 4.245.428 homens e mulheres livres pretos (as) e pardos (as) e 1.510.806 escravizados pretos e pardos. (KLEIN, 1978, apud SISS, 2003, p 27), estes não teriam direito de ingressar nestas faculdades. No entanto um Decreto de Leôncio de Carvalho, de 1878, cria-se “os cursos noturnos para livres e libertos no município da Corte, mas aos escravos era vetado, este veto cai em abril de 1879 (PERES, 1995, apud Gonçalves e Silva, 2000), sendo respeitado em algumas Províncias e em outras não. Em projeto de emancipação em 1880 de Joaquim Nabuco, “previa implementação do ensino primário em vilas e cidades, obrigando-se aos proprietários o envio de seus escravos às escolas para que, além da alfabetização, adquirissem os princípios da moral”.(SISS, 2003, p.28).

A demanda por educação vinda por parte dos afro-brasileiros, já é visível nas primeiras décadas do século XX, a herança desse passado escravista, marca muito profundamente as experiências da população negra , quando nos referimos a sua educação, podendo ser encontrado em páginas de jornal análises sobre o papel da educação enquanto mecanismo de ascensão social.

Todos falam com entusiasmo que os pretos da América do Norte são milionários, industriais ,médicos, pharmaceuticos, engenheiros, etc. tem sua razão, sabem por que? - Porque os pretos da América do Norte, mesmo escravizados recebiam instrução e, os pretos do Brasil só recebiam instrução sobre plantação de café e cereaes. (Horácio da Cunha . “ Os homens pretos e a instrução”. O clarim d’Alvorada, ano II, nº 17, dez. de 1925, p.3, apud SISS, 2003)

Aos programas de ensino de moral e cívica, cabia o dever de combater os vícios desde a infância, ou seja, cabia a escola e não a caserna evitar a degeneração da raça. “A ênfase no papel da educação indica que no seio do pensamento Eugenista consolida-se a posição de que seria possível corrigir as raças ‘ inferiores’”. (COELHO, 2008, p. 29)

A partir do final da década de 20 começam a se multiplicar, nos grandes centros urbanos brasileiros, as escolas primárias, junto a elas um civismo, o Amor à bandeira, o comportamento exemplar de quem serve ao seu país, em defesa de uma raça virtuosa, mas não era só essa face que a escola tinha na época, como nos narra Nunes:

A escola risonha e franca tinha também versões menos luminosas, nas quais ainda se praticavam os castigos físicos e morais; nas quais se exacerbava a vigilância sobre o estado de limpeza do corpo, da roupa e dos modos dos alunos; nas quais os professores driblavam as autoridades pedagógicas e suas medidas de controle e avaliação dos resultados pedagógicos e os métodos oficiais de alfabetização. (NUNES,2000, p.371)

Formalmente, a primeira constituição Brasileira garantia a igualdade política da população, no entanto “a noção de raça não só se constituía, mas, também legitimava uma prática de manutenção de desigualdades”, logo a presença de descendentes de africanos representava um grande incomodo nos centros urbanos. Como já foi dito, mais da metade da população nacional era formada por pessoas da cor negra e isso faz aparecer os projetos imigrantistas no Brasil, com ideias de branqueamento da população, ocasionando a purificação étnica, através da diluição do “sangue impuro” dos negros com o “sangue puro” dos europeus. “A condição de inferioridade dos não brancos seria temporária e, portanto reversível”, na concepção de teóricos como Saint-simon, Renan e do Conde de Gobineau, deveria se povoar a terra com a raça europeia por ela ser

superior as outras raças, tornando-a habitável como a Europa (SAINT-SIMON, In: Todorov, 1993).

As teorias racistas e de branqueamento estão presentes em obras de alguns autores no Brasil, como Perdigão Malheiro; Sylvio Romero; Euclides da Cunha; João Batista de Lacerda; Roquette Pinto; Lapouge; Pierson; Oliveira Vianna e Nina Rodrigues, já citado por ter feito escola na Bahia e teve como seguidor Arthur Ramos e Edison Carneiro. Considerado o Pai fundador da antropologia e dos estudos do negro, apesar de seu racismo, tem contribuições importantes na área da religião afro brasileira principalmente resgatando muito da cultura africana na Bahia. Torna-se a “voz destoante no coro do branqueamento” tem um pessimismo quanto à utopia de um Brasil branco, culpa da raça negra pela inferioridade do povo brasileiro e diz que o “mestiçamento descontrolado (‘sem um rigor antropológico’) privou o país do progresso”. Tem como maior preocupação o desequilíbrio regional como temia também Sylvio Romero, no qual poderia ocasionar a separação do Sul, mais branco ou resultar numa grande barbárie como ocorreu na América Central, no Haiti e São Domingos (SEYFERTH, 1989).

Em Sylvio Romero vemos alguns ensaios que sistematizam a tese do branqueamento da raça no Brasil, este um dos primeiros cientistas sociais brasileiros, acreditava “na metáfora spenceriana da ‘sobrevivência dos mais aptos’”, como os darwinistas sociais. Para ele a solução para o problema brasileiro era o mestiço, o produto do cruzamento de três raças, sendo duas inferiores; onde o resultado seria fenótipo branco, com isso a unidade nacional seria atingida em três séculos, havendo a depuração do mestiço prevalecendo assim às características brancas. Euclides da Cunha, via a mestiçagem como prejudicial, “motivo de decadência e inferioridade, no entanto elogia o mameluco que era o sertanejo forte produto do cruzamento do bandeirante forte e do índio”.(SEYFERTH,1989.)

João Batista de Lacerda, médico e antropólogo, desenvolve a tese antropológica do branqueamento, que ganha pela primeira vez um fórum internacional, e a leva como representante brasileiro ao Congresso Universal das raças, realizado em Londres 1911 e apresentado como a solução brasileira para o crucial problema das relações raciais. Em tom otimista abate o pessimismo de Sylvio Romero e Euclides da Cunha, utilizando projeções estatísticas antropológicas realizadas por Roquette-Pinto; dá um prazo de cerca de cem anos para que os negros desaparecessem sendo que o número de mestiços e índios seriam ínfimos.

Porém a tese do branqueamento contraria em boa parte os dogmas fundamentais do racismo, especialmente o defendido por Lapouge e outros darwinistas sociais e pela eugênia de Pierson, que seria o mais perverso, no qual condenava à inferioridade não apenas os não brancos, mas todas as raças não arianas.

Mesmo depois da primeira Guerra Mundial e a desmistificação do arianismo, este não desapareceu no meio acadêmico, ganhando força em obras de Oliveira Vianna publicadas em 1918 e 1923, construídas na área da Sociologia e da Psicologia identificando-se com o darwinismo social e com o fascismo. Para este autor o poder deve ser exercido pela aristocracia ariana: “um Estado centralizado, uma ditadura da raça ariana como meio de se chegar a uma nação branca”. Esse fundamento racista da utopia do branqueamento no âmbito das ciências sociais, só vai ser negado na década de 1930 (SEYFERTH, 1989).

Também na década de 30, Manuel Bonfim, um dos pioneiros do Socialismo no Brasil, foca nas suas obras temas como a doença, criticando o parasitismo da sociedade Ibérica, (o caráter explorador), que para ele era a causa das atuais condições e a falta de progresso nas Republicas Latino-americanas. Via na mistura das raças um caráter renovador, mas não escapava

do ideário do progresso. Dava ênfase na necessidade da educação, como mostra em Roquette-Pinto. Educar significava retirar do atraso, civilizar.

Negando a existência de uma questão racial no Brasil, Gilberto Freyre publica em 1922, obra que diz evidenciar a “democracia racial”, no entanto é importante deixar claro que não foi o único no ideário desse mito, pois esta ideia é derivada da miscigenação já presente nos escritos do abolicionista Joaquim Nabuco no século XIX, também já citado aqui por seus feitos. Porém a interpretação de Freyre foi a principal responsável pela persistência não só do mito, mas também da suposta base empírica para tal mito. O senhor de escravo condescendente e paternalista, o escravo bem alimentado, tendo uma escravidão branda, uma facilidade de ascensão social para os escravos.

Diante do abandono ao qual foi relegada a população Negra, forma-se um movimento no qual sua principal bandeira era a Educação, que será nosso foco na próxima seção. Os Movimentos de protestos de Negros, um dos mais emblemáticos foi a Frente Negra Brasileira fundada na década de 30 na Cidade de São Paulo e no Rio de Janeiro foi na década de 40, organizado pelo TEN (Teatro Experimental Negro), fundado em 1944, que tinha como líderes Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos e sem dúvida “se configura como o mais importante grupo de pressão afro-descendente junto ao Estado e a Sociedade Civil” (SISS, 2003). Com a atuação desses militantes e cientistas negros, há uma ampliação dos estudos das relações raciais no Brasil, responsável por muitos eventos como por exemplo o 1º Congresso Negro Brasileiro em 1950, que tinha como principal objetivo “o desmascaramento dos preconceitos de cor e da discriminação racial”. A Educação sempre esteve presente como bandeira de luta dos movimentos Negros, embora vista algumas vezes com diferentes significados.

Ora era vista como estratégia capaz de equiparar os negros aos brancos, dando-lhes oportunidades iguais no mercado de trabalho; ora como veículo de ascensão social e por conseguinte de integração; ora como instrumento de conscientização por meio da qual os negros aprendiam a história de seus ancestrais, os valores e a cultura de seu povo, podendo a partir deles reivindicar direitos sociais e políticos, direito a diferença e respeito humano” (GONÇALVES,2000, p.337 apud GONÇALVES & GONÇALVES E SILVA, 2000, p.188).

Em 1951, a questão racial passa a ser melhor pesquisada, a partir de projeto patrocinado pela UNESCO, que reuniu cientistas sociais brasileiros, americanos e franceses, podemos citar alguns pesquisadores, Roger Bastide, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, Costa Pinto, René Ribeiro, Thales de Azevedo, Charles Wagley, Harvin Harris, tendo como trabalho de campo o Nordeste, São Paulo e o Rio de Janeiro, resultando assim em inúmeras publicações. A pesquisa não encontra o “paraíso racial” imaginado e publicado por Freyre, no entanto a questão racial foi minimizada, evidenciando as discriminações e preconceitos a fatores de classe, sendo que muito desse resultado foi devido às comparações feitas ao modelo americano de relações de raça.

Pierson em obra publicada em 1971, diz que não há problema racial no Brasil e reduz tudo a questão de classe, o problema do Brasil é um problema unicamente de econômico e educacional que foi gerado pelas “pessoas de cor”, no caso os descendentes de escravos, que estão situados nas classes mais baixas. Acreditava-se “na ‘fraca moralidade’, na ‘apatia’ e na ‘inércia inata’ desse grupo racial, bem como na impossibilidade de se educar raças inferiores para a civilização.” Porém, pesquisadores americanos influenciados por Pierson e Freyre, mostram em pesquisas a possível ascensão social de pessoas de cor, reafirmando mais uma vez o mito da

democracia racial, pois se eles ascendem não existe uma barreira de cor, como existe nas sociedades de castas. Sendo que Florestan Fernandes mesmo com sua importante contribuição, foi o responsável pela distorcida interpretação das relações raciais após a abolição, utilizando muitas vezes esse conceito de casta, buscando explicação para a discriminação e o preconceito no passado escravo no Brasil (SEYFERTH, 1989).

2.1. Movimentos Negros e Demandas por Educação

A população negra apresenta maiores índices de analfabetismo e é menos escolarizada do que a população branca. Proporcionalmente, maior número de crianças negras em idade escolar está fora da escola; maior número de escolares negros se evade da escola ou apresenta atraso escolar, seja pela entrada tardia, seja devido às contínuas repetências. (Regina Pahin Pinto, 1993)

O escravismo foi um ato criminoso, ou seja, nossa sociedade “foi fundada sob atos criminosos, o que produziu as desigualdades de base.” Desigualdades essas, que persistem intocáveis devido à deficiente visão democrática de nós cidadãos (Cunha Junior, 2013).

A discriminação se faz presente em muitos momentos na vida das pessoas, no entanto é na sua inserção escolar que ela é mais reproduzida. Lamentavelmente a situação da população negra relatada por Pinto em 1993, não é muito diferente da situação da população negra na atualidade. Estudos publicados pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA, 2008), mostram que apesar do crescimento dos anos de estudo da população brasileira em geral, nesses dez anos (de 1993 a 2003), a diferença entre negros e brancos caiu pouco, de 2,1 anos para 1,9 ano a favor dos brancos.

As taxas de analfabetismo de pessoas de 15 anos ou mais, tiveram uma queda significativa, em toda a população, caiu de 16,4% em 1993 para 11,6% em 2003, sendo que tais benefícios não foram suficientes para eliminar ou reduzir a discrepância entre brancos e negros, pois estes estavam também acima da média nacional com 16,8%, sendo que os brancos estavam com 7,1%. Colocando assim os negros como um grupo sobre-representado neste universo de analfabetos. (IPEA, 2008)

A História da Educação tem desprezado as iniciativas de grupos de negros e negras no campo da educação, seu engajamento em campanhas de alfabetização, bem como a criação de escolas e centros culturais, com um currículo visando à pluralidade étnica do alunado negro (PINTO,1992).

Esta seção busca elucidar o que são esses movimentos que surgiram dos descontentamentos de grupos de negros e negras, com finalidade de lutar pelo reconhecimento da cidadania o que inclui a demanda pela educação, além de fazer crítica ao racismo, suas críticas giravam em torno das desigualdades sócio-econômicas, que fazia brancos e negros desiguais, aumentando as taxas de desemprego e criminalidade entre os negros, o baixo número de representatividade política, a ausência de uma imagem positiva dos negros nos meios de comunicação de massa. Esses movimentos são compreendidos como Movimentos Negros.

Os primeiros movimentos de protestos negros surgiram devido a um contexto de mudança social, “com um formato de ator coletivo moderno, que se constrói na cena política, lutando contra as formas de dominação social.” (FERNANDES, 1986, apud, GONÇALVES & GONÇALVES E SILVA, 2000)

Movimento Negro nacional deve ser compreendido como o conjunto das iniciativas de natureza política, educacional, cultural de denúncia e de combate ao preconceito racial e às práticas racistas, de reivindicação de uma cidadania plena aos brasileiros em geral e aos afro-brasileiros em particular, atuando, portanto, em prol da igualdade e da valorização dos seres humanos.(...) , há que se analisar o Movimento Negro nacional como um sujeito histórico coletivo posto que existe um substrato comum que unifica a sua prática: a luta anti-racista, pela dignidade humana, pela igualdade de direitos, pelo respeito ao Outro e pela reconfiguração da sociedade brasileira em bases mais justas, igualitárias, democráticas e sólidas. (SISS, 2003, p.22)

Esses movimentos Negros podem ser analisados, a partir de grandes momentos. O primeiro grande momento está à formação de Palmares em 1630 provavelmente, o quilombo com maior território e que resistiu por mais tempo aos ataques dos brancos, tendo como comandante de sua destruição o bandeirante Domingos Jorge Velho, resultando na morte de Zumbi, o líder do quilombo dos Palmares em 20 de Novembro de 1695.

O movimento revolucionário baiano de 1798, mais conhecido como revolta dos Alfaiates ou Revolta de Búzios, também muito importante e pouco divulgado, “um dos mais amplos, do ponto de vista político, econômico e social ocorridos no Brasil-Colônia.” A repressão a esse movimento foi uma das mais violentas, tendo a execução de quatro revolucionários baianos jovens e pardos, sendo dois soldados e dois alfaiates, enforcados na Praça da Piedade. Outros revolucionários tiveram pena de prisão, neste meio havia cinco mulheres: Luiza Francisca de Araújo, parda, 30 anos; Lucrecia Maria Gercent, Crioula, forra; Domingas Maria do Nascimento, parda, forra; Ana Romana Lopes, parda, forra; Vicência, crioula, forra, havendo 45 pessoas presas entre homens e mulheres nos primeiros três meses de repressão, além de muitos degredados para Fernando de Noronha e para a África. (GARCIA, 2006, p.215)

Dentre os vários movimentos rebeldes e de resistência de escravos e escravas, assinalam-se os Levantes dos escravos de Salvador, Bahia, outros vários em 1807 e 1813, além do movimento rebelde que culminou na Independência da Bahia, fazendo parte também das lutas pela Independência do Brasil. Sendo o levante dos escravos urbanos o mais considerado pelos historiadores, pelo seu grau de organização e potencial ofensivo contra a dominação do homem branco. Tendo como destaque uma mulher, Luíza Mahin.

Na história dessa personagem da História do Brasil, existem algumas divergências. Sem registros materiais ou documentos que comprovem sua existência, Luíza Mahin entrou para a história devido à escrita do filho, “o poeta e precursor do abolicionismo no Brasil”, Luiz Gama. Alguns pesquisadores dizem que ela nasceu em Costa Mina, na África, no início do século XIX, foi trazida para o Brasil como escrava. Outros se referem a ela como sendo natural da Bahia e tendo nascido livre por volta de 1812. No entanto todos corroboram da opinião que era uma mulher guerreira, inteligente e rebelde, cuja casa serviu de quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador, Bahia, como a Revolta dos Malês (1835) e na Sabinada (1837-1838). Quituteira de profissão distribuía as mensagens em árabe, através dos meninos que “viriam comprar quitutes”. Fugindo da violenta repressão desencadeada pelo Governo da Província, partiu para o Rio de Janeiro, onde também participou de rebeliões negras, sendo presa e deportada para a África (Gonçalves, 2011).

Torna-se importante também ressaltar o importante papel que outras mulheres tiveram na história de lutas no Brasil, como o caso da Independência da Bahia, 02 de Julho de 1823, contando o destaque de três mulheres nesse movimento, a abadessa Sórora Joana Angélica; Maria

Quitéria, primeira mulher soldado do Brasil, vestindo-se de homem para defender a Bahia e o Brasil; e por último e creio que em nosso caso a mais importante por ser ela uma mulher negra, Maria Felipa, que foi uma mulher com muita bravura e competência, comandou aproximadamente 40 mulheres, num ato de muita audácia, “onde queimaram 42 barcos da esquadra, permitindo ao povo de Salvador a supremacia nos embates e a definição da situação, com a vitória sobre as tropas da dominação Portuguesa”. Ressaltando conjuntamente outras mulheres Negras importantes na nossa história, como Aqualtune, Acotirene, Zeferina, Tia Ciata, Maria Carolina de Jesus e Lélia Gonzalez, lembrando que

É certo que várias outras mulheres igualmente importantes para a memória afro-brasileira poderiam figurar esta lista, entretanto a alusão às heroínas citadas tem por objetivo rememorar a trajetória de todas as lideranças femininas que foram e continuam sendo referencia no combate ao escravismo e suas consequências nefastas. (GONÇALVES, 2011).

As organizações de protestos Negros surgiram em diversas partes do País, ocorrendo assim durante todo o século XX. Sua principal bandeira como já foi dito era Educação, sendo vista como o único canal para a integração a sociedade e ascensão social. Valendo-se da primeira Constituição republicana no seu artigo 72 § 24 afirmava:

ser ‘(...) garantido o livre exercício de qualquer profissão moral, intelectual e industrial’ os afro-brasileiros a exemplo do que os imigrantes já vinham fazendo há algum tempo, investirão na educação abrindo escolas primárias, ginásios e liceus, todos de caráter multicultural, além de conclamar os integrantes de seu grupo racial a frequentarem a escola, nos turnos diurnos e noturnos. (SISS, 2003, p.38)

No período pós-abolição, a discussão da questão racial em relação aos movimentos, se coloca mais em forma de imprensa alternativa, surgem vários jornais principalmente em São Paulo. Sendo estes, também utilizados para divulgação de aulas oferecidas pelas entidades negras, pois com a carência de políticas de educação para a população negra, passaram a prover escolas destinadas à alfabetização de adultos, além de estimular uma formação mais completa para as crianças negras. (Gonçalves & Gonçalves e Silva, 2000).

A notícia da primeira referência da ação de afro-brasileiros na área da educação foi em 06 de outubro de 1907, no jornal negro *O Propugnador*, publicado pela Sociedade Propugnadora 13 de maio, que integrava a Imprensa Alternativa Negra (IAN), através desta mostra a atuação de diversas organizações ativistas negras no campo da educação,

naquela época como em períodos recentes, vai se construir como canal privilegiado de circulação das ideias e das demandas desse grupo racial, aparece artigo informando sobre a continuação de aulas oferecidas nos turnos diurnos e noturnos pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário, que recebia em suas demandas alunos de qualquer origem racial (SISS, 2003, p.39).

Surge em 1910, *O Bandeirante*, em Campinas, depois 1915, *O Menelik*, primeiro da capital paulista, em 1924, *O Clarim da Alvorada*, e no Rio de Janeiro, em 1929, *O Quilombo*. “Mas é ainda de São Paulo a iniciativa de criar a Fundação do Centro Cívico Palmares, em 1926” (GARCIA, 2006, p.121).

Já na Era Getulista (1930-1964), encontram-se registros de movimentos, onde o mais célebre foi o da Frente Negra Brasileira (FNB), formada pela pequena classe média negra da Cidade de São Paulo, em 1931, onde foram mobilizados mais de 100.000 militantes. Que para Nascimento (2000, p.206, apud GARCIA, 2006):

A Frente Negra Brasileira representava, sem dúvida, a maior expressão da consciência política afro-brasileira da época, consciência essa formada ao reagir contra o mais evidente aspecto do racismo, a sistemática segregação e exclusão à base de critérios raciais. Tratava-se de uma consciência e uma luta de caráter integracionista, à procura de um lugar na sociedade (brasileira), sem questionar os parâmetros euro-ocidentais dessa sociedade nem reclamar uma identidade específica cultural, social e étnica. (p.121)

Para d'Adesky (2009), a FNB defendia a integração do negro à sociedade brasileira através da rejeição dos valores africanos e da Escola, queria copiar os modelos dos novos imigrantes, especialmente os italianos, onde a rápida ascensão social foi vista como prova de uma importância da aceitação de valores e comportamentos europeus na diminuição dos preconceitos contra os negros do Brasil. Ela não entendia o grau da marginalização que os negros sofriam e desprezava que o preconceito racial era herança desse passado colonial e das influências das teorias racistas europeias, aqui remodeladas no contexto brasileiro. A FNB “interiorizou um modelo alienante que lhe deixava pouco espaço para pensar e construir uma identidade diferenciada” (d'ADESKY, 2009, p.152), atuou até 1937, pois a ditadura do Estado Novo a colocou na ilegalidade.

Renasce o movimento negro nos anos de 1940, em São Paulo surge a Associação do Negro Brasileiro, tendo como fundadores os líderes da antiga Frente Negra, o *Jornal Alvorada* era seu órgão oficial. Na Cidade do Rio de Janeiro o Teatro Experimental Negro (TEN), organizou o Protesto racial, liderado por Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, no final dos anos 40 como já mencionado anteriormente. Tendo um papel importante na Carta Constitucional em 1946 com o desmoronamento do Governo de Getúlio Vargas (GONÇALVES & GONÇALVES E SILVA, 2000). Nesse cenário político, em 1949, observa-se a Conferência Nacional de Negros, no Rio de Janeiro, com delegações da Bahia, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro.

Neste mesmo ano, em Salvador, surge o grupo de estivadores, intitulado de Afoxé Filhos de Gandhi, sendo uma entidade de resistência cultural que se desenvolveu no mesmo contexto histórico dos demais grupos do período, porém sem o compromisso de contestar a sociedade racista e classista, vinculando-se às forças conservadoras da Bahia, sendo conservador também na questão de gênero, pois mulheres não podem participar deste grupo. Há de se destacar também a ausência da mulher nesse processo, pois, a historiografia a desconhece nos movimentos sociais. Apenas em 1950, elas aparecem em uma reunião no Rio de Janeiro, no Conselho Nacional de Mulheres Negras. “Esse ‘surgimento’, numa entidade nacional, faz supor a existência, no período, de várias outras iniciativas que ficaram ‘invisíveis’”. Tendo maior força o movimento contemporâneo de mulheres negras, no bojo da luta feminista e antirracista na década de 1970. Destacando, como um marco na luta pelas questões específicas das mulheres negras nessa luta o Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo (GARCIA, 2006).

Não se devem olvidar os esforços dos afro-brasileiros para se organizarem em movimentos raciais e participarem da democracia recém-estabelecida, provocando um considerável antagonismo entre os brancos, que tentam “então se apoderar do terreno elevado da

moral através de denúncias piedosas de ‘racismo às avessas’ entre os negros”. Tem-se então como o principal esforço de amenizar esse conflito racial durante a Segunda República a Lei Afonso Arinos de 1951, que tornou ilegal a discriminação racial nos serviços, educação e emprego público (ANDREWS, 1998, p. 286 e 288).

Na década de 1970, há a retomada de vários movimentos negros de diferentes tipos. Funda-se em Salvador o Ile-Ayê, primeiro bloco afro, nessa fase, criado no Brasil. Em 1975, o movimento Negro organizou a Semana da Arte e Cultura de São Paulo. Surgem também em São Paulo: Federação das entidades Afro-Brasileira do Estado de São Paulo e o jornal JORNEGRO; IBEA (Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas); CECAN (Centro de Estudos da Cultura e da Arte Negra); Grupo de Artistas Negros, dentre outros. E no Rio de Janeiro Grupo Latinoamérica; IPCN (Instituto de Pesquisa de Cultura Negra); Escola de Samba Gran Quilombo; Sociedade de Intercâmbio Brasil-Africa e o *Jornal Abertura*.

A libertação de Angola e Moçambique e a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos da América ocorridos nos anos 70, influenciaram a organização do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, tendo como marco inicial de formação o ato de protesto contra a violência policial deferida contra negros, representada pela morte e tortura do operário Robson Silveira da Luz e contra a discriminação racial sofrida pelos quatro garotos negros impedidos de jogar voleibol no time do Clube de Regatas do Tietê, essa manifestação pública ocorreu em São Paulo com a presença de 2.000 pessoas.

Tendo como programa básico de ação a desmistificação da pseudo democracia racial brasileira, o MNU apresenta palavras de ordem e propostas que elucidam não só como se acontece o processo de alienação da criança negra; a organização política dos afrodescendentes para se transformarem em movimento de massa; buscar aliança com grupos antirracistas e apoio à luta internacional contra o racismo, organizar-se em sindicatos e partidos políticos; além da luta pela inclusão da História da África e dos Negros no Brasil nos currículos escolares (Ferreira, 2009). O MNU entende a educação como área prioritária, colocando a educação como item no seu programa de ação, bem como o papel do movimento:

o processo de alienação da criança brasileira se faz sobretudo através da escola, onde se dá o reforço de um conjunto de ideias elitistas que distorce os valores culturais e nega a participação dos oprimidos no processo histórico brasileiro. Ora, um povo que não sabe do seu passado, um povo sem história não pode visualizar os caminhos a empreender ao seu futuro. No caso da criança negra, é justamente na escola que se dá quebra de sua estrutura psicológica, emocional e cultural através da internalização da ideologia do branqueamento, do mito do brasileiro cordial e do mito da democracia racial. No final desse processo se ela não reage, acaba por se envergonhar das suas origens e da sua condição de negro. Por outro lado, é importante ressaltar que esses processos se reforçam, também, a nível universitário. A educação deve ser um instrumento de libertação e não de alienação do povo. Portanto, devemos lutar pela transformação não só da estrutura, como dos conteúdos do sistema educacional brasileiro, exigindo a colocação, no nível da história europeia, a história da África, assim como a ênfase sobre a participação do Negro e do Índio na formação sócio cultural do Brasil.

- Cabe ao MNU denunciar e combater a publicação de livros didáticos para crianças e adolescentes com conteúdos racistas.

- Realizar debates e cursos para professores e normalistas sobre o racismo na Educação.³

- Efetuar debates e atividades didáticas anti-racistas e anti-classistas com a criança e o adolescente negro, na periferia, favelas, alagados, etc, visando despertar sua consciência negra e crítica para a história do Negro no Brasil, na África e para a luta geral dos oprimidos.
- Arregimentar pedagogos, psicólogos, historiadores, etc, negros e não-negros com o objetivo de analisar, documentar e instrumentalizar os militantes do MNU (direção e base) para o desenvolvimento de seu trabalho em termos de educação.
- Levantar junto a grupos e organizações culturais, trabalhos didáticos para ação de recuperação da cultura negra junto às crianças e aos adolescentes.
- Solicitar às instituições de caráter político partidário, atuação junto ao Ministério de Educação e Cultura (MEC), no sentido de estabelecer uma política de publicação que impeça o uso de recursos oficiais para a edição e divulgação de livros que reproduzem e perpetuam o racismo e os estereótipos negativos entre o negro.
- Contra a discriminação racial nas escolas. Por melhores condições de ensino aos Negros.
- Pela reavaliação do papel do Negro na História do Brasil.
- Pela participação dos Negros na elaboração dos currículos escolares em todos os níveis e órgãos culturais.
- Pela inclusão da disciplina História da África nos currículos escolares.
- Por um ensino voltado para os valores e interesses do povo Negro e de todos os oprimidos.
- Por mais vagas nas escolas públicas municipais, estaduais e federais.
- Por mais bolsas de estudo.
- Pela criação de escolas técnicas municipais profissionalizantes.
- Pelo ensino público gratuito em todos os níveis (Cf. Programa de Ação, discutido aprovado no III Congresso Nacional do MNU, Belo Horizonte, abril de 1982, mimeo, Apud SANTOS , 2007)

Nota-se nesse documento do MNU, a luta pela Educação em todos os níveis de ensino, tal como reivindicações por ações afirmativas. Os Movimentos Negros tem lutado para provar a existência do racismo no país e para dissipá-lo. Como legítimo representante desse movimento Abdias do Nascimento (Deputado de 1983 a 1987), em Março de 2004, recebe homenagem do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o reconhecimento oficial do governo brasileiro, como “maior expoente brasileiro na luta intransigente pelos direitos dos negros no combate à discriminação, ao preconceito e ao racismo” (Semog e Nascimento, 2006:115, Apud SANTOS, 2007, p. 147).

Em debates ou discussões no parlamento, o deputado Abdias do Nascimento, não hesitava ao ratificar que o Brasil era e ainda é um país racista que discrimina os negros por serem negros, por causa da cor de sua pele e não por serem pobres, “além da conduta irrepreensível na luta antirracismo no parlamento brasileiro” (p.152), para ele a educação continuava sendo um bem primordial. Lutava aquela época por implementação de ações afirmativas, por ele chamadas compensatórias, no cenário da educação, propondo que estas contemplassem também outros grupos discriminados socialmente no Brasil, como Indígenas e Mulheres (SANTOS 2007).

Foi através dessas constantes reivindicações dos Movimentos Negros em relação à igualdade na educação, no sentido de recuperar a História da África e valorizar a cultura Negra, que houve em 2003 a promulgação da lei que estabelece a obrigatoriedade de um conteúdo pedagógico focado no continente africano, a Lei nº 10.639 de 09 de Janeiro de 2003 e o Decreto nº 4.886 de 20 de Novembro de 2003 (SERRANO e WALDMAN, 2007). Torna-se obrigatória o

ensino da história e da cultura afro-brasileira, além de também determinar o entendimento do dia de 20 de Novembro como Dia Nacional da Consciência Negra no calendário escolar. Bem como, o decreto nº 4.886 tem como objetivo a “eliminação de qualquer fonte de discriminação e desigualdade racial direta ou indireta, mediante a geração de oportunidades” (Decreto nº 4.886, item II, Objetivos específicos, apud Serrano e Waldman, 2007, p.18), bem como a criação da SEPPIR (Secretária Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) em 21 de Março de 2003.

Outras conquistas importantes para a população negra, foram a criação dos artigos 215 e 216 da constituição, que visam as “questões relativas à preservação dos valores culturais da população negra”, elevando “a terra dos remanescentes de quilombos à condição de Território Cultural Nacional” (REVISTA PALMARES, 2000, apud (REIS, 2008), além da aprovação do Estatuto da Igualdade Racial pela Câmara Federal, em setembro de 2005; a implantação de ações afirmativas como a política de adoção de reserva de vagas para população negra em universidades públicas, a partir de 2003. (REIS, 2008)

2.2. A Lei 10.639 de 09 de Janeiro de 2003: seus Reflexos

A Lei 10.639/03, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo ao currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática da História Afro-Brasileira e sua Cultura. O então Presidente da Republica Luiz Inácio Lula da Silva, sanciona assim que a Lei nº 9.394/96 passa a vigorar acrescida dos artigos 26-A, 79-A (VETADO) e 79-B. Artigo 26, trata dos componentes do currículo escolar:

Art.26 Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Art.26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§1º O conteúdo programático a que se refere o *caput* deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Licenciatura e História Brasileira. (BRASIL, 2004)

Juntamente ao surgimento da Lei nº 10.639/2003 e o Decreto nº 4.886, surgiram também no meio educacional, manifestos de apoio e protestos contrários. Nos protestos atestavam que essas leis teriam um cunho autoritário, pois a Lei de Diretrizes e Base da educação aprovada em 1996 (9.394/96), já afirmava que o ensino no Brasil deveria levar em conta as contribuições das

diferentes etnias quanto à formação do povo brasileiro, quais sejam, suas matrizes indígenas, africanas e europeias, ou seja, “Art.26 §4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente de matrizes indígena, africana e europeia.”

Argumentam ainda, que a legislação seria racista, por privilegiar um setor específico do mosaico étnico brasileiro em detrimento dos demais, ainda nesse argumento dizem que os outros grupos poderiam reagir por não estarem pouco representados nos currículos.

Porém em defesa da legislação, existe muitas contra-argumentações, como as da conselheira do Conselho Nacional de Educação e também a primeira negra a ocupar um cargo no órgão, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, diz que a lei é fundamental por contribuir para melhorar o conhecimento a respeito da história dos negros, auxiliaria a tratar os negros positivamente, pois ainda existem livros e escolas que tratam a história do negro de forma simplificada ou até ridicularizada, afirma também que não sustenta o argumento de estar privilegiando a etnia negra em detrimento de outras, pois no Brasil mesmo com a maioria da população demográfica sendo negra é simultaneamente a minoria sociológica, sendo assim um grupo sub-representado socialmente e “essa ausência de representatividade obviamente repercute no sistema de ensino, que desqualifica ou simplesmente se cala a respeito da história e da cultura negro-africana” (SERRANO e WALDMAN, 2007, p. 19).

Segundo Cavalleiro (2001), o espaço escolar deve contribuir positivamente na construção da identidade negra deixando de reproduzir o modelo de beleza branca predominante na mídia que reafirma a suposta superioridade do modelo branco europeu, fazendo uma reflexão sobre os efeitos prejudiciais dos diversos tipos de discriminação, pois a criança que sofre o preconceito dificilmente é acolhida, a falta de atitudes de professores parece reforçar que essa criança está sozinha e não pode contar com a colaboração deles e a criança que discrimina pode continuar a repetir a ação visto que nada é feito a ela, seu comportamento não é recriminado.

Azoilda Loretto da Trindade (2009), diz acreditar que a discussão e a ação docente em relação à história e cultura afro-brasileira no cotidiano escolar é a resposta a uma demanda reprimida da sociedade brasileira, frente às questões Negras, além de perceber tensão entre o reconhecimento, a necessidade, a priorização e a ação. Destaca alguns obstáculos no longo caminho entre a intenção ao gesto:

- a) A incompreensão da danosa dimensão do racismo como afetando a todas as pessoas.
- b) A inabilidade de ver, reconhecer o racismo e saber enfrentá-lo à queima-roupa.
- c) O silêncio, o sorriso e a convivência ainda são ações pedagógicas a serviço, cúmplice do racismo.
- d) A indisposição afetiva, política e pedagógica para enfrentar a ignorância acerca da temática.
- e) O desconhecimento da realidade social e histórica da população negra em termos macrossociais. A leitura, interpretação, análise e estudo dos indicadores sociais, sobretudo de desigualdades, parece não fazerem parte da formação política pedagógica dos gestores em serviço.
- f) A dependência da ação pessoal de educadores, quer nos níveis central, intermediário ou nas escolas, para implementar a lei ou abordar a temática das

relações étnico-raciais, do racismo, ou das africanidades brasileiras, no cotidiano das escolas. (TRINDADE, In: Souza, 2009. p.20)

No capítulo a seguir, discorreremos sobre a importância do papel exercido pelos (as) professores (as) e, de modo particular, o das professoras negras nos processos de construção da nação brasileira.

CAPÍTULO III - PROFESSORAS, MULHERES E NEGRAS: CONSTRUINDO A NAÇÃO

(...) Contra a discriminação sexual além da discriminação racial, que nos torna mais exploradas que o homem negro, mais desrespeitadas que as demais mulheres, inferiorizadas duplamente: enquanto mulheres e enquanto negras. Aceitas apenas como “instrumento” de trabalho (empregadas domésticas, serventes, faxineiras, etc.,) ou instrumento de prazer (“as mulatas que não estão no mapa”), que são utilizadas para saciar os apetites, recalques e as taras sexuais masculinas. (Editorial. “A mulher negra e suas questões específicas”. NIZINFA, ano I, nº 1, Junho, 1975, p.3)

As desigualdades raciais no Brasil são exorbitantes, estendendo-se ao mercado de trabalho principalmente no campo da educação. A situação do negro cada vez mais desprestigiada em relação ao branco e quando se trata de mulher negra esta se encontra na última esfera do mercado de trabalho, vítimas do sexismo e do racismo, estão concentradas nos piores postos de trabalho, com as menores remunerações, ocupando as menores posições de prestígio na hierarquia social. (IPEA, 2008).

Segundo Roque de Barros Laraia (2000, apud Coelho, 2006, p 54), o sistema de divisão sexual do trabalho é determinado culturalmente, não tendo “função em uma racionalidade biológica”. No entanto, mesmo sem uma prova biológica da superioridade masculina, ao longo dos anos, na sociedade brasileira vem sendo reforçado até os dias atuais, uma visão androcêntrica de sociedade.

O IPEA veiculou recentemente estudo que realça o retrato das desigualdades de gênero e raça nas diversas áreas da sociedade brasileira⁴. O que os dados de 2003 indicam, que de uma população de 173.936.282 pessoas, contatava-se que em sua composição de cor o Brasil era 52,7% branco; 41,4% pardo; 6% preto; 0,4% amarelo e 0,2% indígena. Consequentemente, quase metade da população brasileira é vítima em potencial, sofrendo as desigualdades, educacionais, no mercado de trabalho, no acesso a bens e serviços. Por conseguinte, mais da metade da população está suscetível à discriminações em relação ao sexo, pois deste total, a população brasileira se dividia em 48,8% de homens e 51,2% de mulheres. Sendo as mulheres negras mais de 41 milhões de pessoas, representando 23,4 % da população brasileira, ou seja, são estas que sofrem com a dupla discriminação, a de raça e de gênero.

No Censo do IBGE de 2010, do total de 190.755.799 da população Brasileira, 90.621.281 são brancas, 14.351.162 pretas, 82.820.452 pardas, 2.105.353 amarelas, 821.501

4 <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>

indígenas e 36.051 sem declaração, logo, se unirmos pretas e pardas temos 97.171.614, ou seja, a maioria da população. Sendo do quantitativo populacional a maioria de 97.348.809 é composta por mulheres, onde 59.565.188 frequentavam escolas ou creche, também as mulheres estavam na frente com 30.232.801. Quando tratamos dos dados de nível superior de graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado, as mulheres ainda contam com o maior número, sendo eles:

Tabela 1 –Nível superior segundo o Sexo

	Total	Mulheres	Homens
Superior de Graduação	6.197.318	3.529.896	2.667.423
Especialização	666.613	413.237	253.376
Mestrado	177.472	96.908	80.563
Doutorado	77.763	39.533	38.230

Fonte de pesquisa: Censo, 2010.

Mesmo sendo as mulheres o maior público discente nas instituições superiores de ensino como nos mostra pesquisas do Censo de 2003, com 56,4% (GISI, 2006), do Censo de 2010 e no Censo realizado na UFRRJ em 2010, pesquisa realizada nos três campi da Universidade, Seropédica, Nova Iguaçu e Três Rios, e quanto à raça a maioria é branca, mesmo se unirmos Negros e mestiços. Por conseguinte, a UFRRJ é majoritariamente feminina e branca. Ainda assim, segue-se privilegiando o gênero masculino na população brasileira.

Tabela 2 – Quanto ao Sexo na UFRRJ

Fonte de pesquisa: GPESURER, 2010.

Tabela 3 – Quanto à Etnia na UFRRJ

Fonte de pesquisa: GPESURER, 2010.

Observou-se que a população negra é a mais prejudicada pelas desigualdades sociais, no entanto são mais intensas em relação às mulheres de raça negra, elas estão em piores situações no mercado de trabalho, sendo bem representada no trabalho doméstico. As mulheres negras, em

2006, representavam 21,7% das trabalhadoras domésticas enquanto as mulheres brancas representavam 12,6%. Sendo que, em relação às trabalhadoras com carteira de trabalho assinada o percentual das mulheres negras (23,9%) é menor que as brancas com 30,2% (IPEA, 2008.)

Fato importante da história, é que, para os homens negros nascidos no início século XX, a escolarização quando ocorria era na idade adulta. Já a situação da mulher negra era diferente, eram encaminhadas a orfanatos, recebendo preparo para trabalhar como empregadas domésticas ou costureiras. Sendo muitas das vezes adotadas como filhas de criação por famílias ricas para posteriormente tornavam-se empregadas domésticas não remuneradas, o que, de certa forma, acabou marcando o espaço da mulher negra no mercado de trabalho, sua situação amenizava o grave problema do desemprego no meio negro na época, como o líder negro paulista, Francisco Lucrecio narrado por Barbosa (1998, p. 37)

A maior parte das mulheres que arcava com as despesas da família, porque eram importantes na época as empregadas domésticas, principalmente as negras, pois elas sabiam lidar com a cozinha, com a limpeza e elas encontravam emprego mais facilmente que os homens (apud, GONÇALVES & GONÇALVES E SILVA, 2000, p.190).

Ainda nas pesquisas publicada pelo IPEA, nota-se que, as mulheres tendem a ser as únicas responsáveis pela renda familiar “nos arranjos familiares mulheres com filhos”, correspondendo a 15% do total de famílias do Brasil, sendo que os homens sozinhos com filhos não ultrapassavam 2% em 2003.

No campo da Educação pesquisas de Oliveira (2006) e Teixeira (2006), mostram que a presença é predominantemente feminina no Brasil. A presença feminina conta com 81,2% contra 18,8% de presença masculina, quanto à cor/raça, é majoritariamente branca com 64,2 % contra 34,3% de negros (somando pretos e pardos) e outros 1,5%. Sendo que, conforme o nível de ensino aumenta a participação de mulheres negras diminui, isto é, segundo o Censo Demográfico 2000, no Brasil, do total de professoras negras 70,2% se encontram no Ensino Fundamental, contra 53,3% do total de professoras brancas (TEIXEIRA, 2006), as mulheres negras estão sub-representadas com 1% no ensino superior, 8% no ensino médio, contra 4,5 % e 12,5 % respectivamente para as mulheres brancas (OLIVEIRA, 2006), no entanto o Ensino Superior é predominantemente masculino e branco (23,3%), contudo, a proporção de homens pretos e pardos é superior à mulheres brancas, 8,0% contra 5,1%, o que nos indica um peso maior de gênero sobre raça, na área da educação e que quanto maior o nível de ensino maior a presença de pessoas do sexo masculino e de cor/raça branca (TEIXEIRA, 2006).

Se estas pesquisas mostram que a presença feminina é maciça na educação e principalmente no ensino fundamental, pesquisas realizadas por Muller (2008), publicadas em seu livro “A Cor da Escola”, ilustram as mulheres como as verdadeiras “construtoras da nação”, pois a escola primária brasileira teve papel fundamental na construção da identidade e do sentimento de nação, já que se necessitava dar forma ao povo brasileiro, que era visto como um aglomerado de populações e não como um povo. Muller (2008) afirma inexistir “pesquisas históricas sobre as formas de inserção profissional de mulheres negras em condições de exercer funções intelectuais no mundo do trabalho” (p.41).

Na próxima seção analisaremos alguns pontos apresentados na academia, como as possíveis causas da feminização da profissão docente.

3.1. A Feminização da profissão docente: Breves Apontamentos

Na história da educação brasileira, a presença de negros e mestiços com instrução, sempre foi vista como a exceção que confirmava a regra, no entanto temos referências de intelectuais negros ou mestiços como Cruz Lima, André Rebouças, Luís Gama, José do Patrocínio, Machado de Assis, Lima Barreto e outros anônimos como Dom Obá II D’Africa (o príncipe do Povo), Hemetério José dos Santos, o único professor negro no Colégio Militar (a partir de 1898), além de negros no Rio grande do Sul, no século XIX e XX, que fundaram o periódico, O Exemplo, que lutava contra o preconceito racial. O esforço para alcançar profissões de melhor prestígio quase sempre se deparava com a relutância em “aceitar que o negro ‘saísse do seu lugar’”. (MÜLLER, 2008, p.43)

As Escolas Normais no Brasil⁵, instituição de ensino secundário para a formação de docentes para o ensino primário, criadas na década de 1830, representavam as poucas chances de continuidade dos estudos para Mulheres, pois nessas escolas, que recebiam “às camadas remediadas da população, que, àquela época, não viam na educação um mecanismo de ascensão social”, deparava-se com mulheres de famílias ricas que desejavam ascender no grau de escolaridade. (NOVAES, 1992; ALMEIDA, 1998, apud COELHO, 2006).

Essas Escolas preparavam professores para a ação docente, “constituiu-se no espaço de produção/reprodução dos saberes e das normas da profissão docente (SANTOS, 2006). Os alunos eram separados por sexo e só na presença de professores e inspetores poderiam ficar em locais comuns. Já aquela época, o conteúdo curricular dessas Escolas apresentava toda a ideologia da dominação masculina, de forma que as mulheres adsorviam as diferenças considerando-as naturais.” (COELHO, 2006)

Almeida (1999, p.16, apud, SANTOS, 2006, p.3) afirma ter sido a partir de meados do século XVIII, com a solidificação do Estado Nacional, “a escola passou por um processo de secularização com a instituição do sistema de ensino estatal” e o avanço de organizar uma concepção de ser professor foi o instrumento principal da construção de uma consciência profissional, a do professor brasileiro. “A influência que as Escolas Normais adquiriram ao selecionarem e formarem os futuros professores foi um passo fundamental para a definição dessa identidade profissional”. Essas conquistas fizeram com que ampliasse os espaços para formação profissional, surgindo no segundo quarto do século XX, o curso de Pedagogia.

Não se pode negligenciar o fato de que a educação no Brasil, apenas após a República, receberia uma ampliação nas oportunidades nos bancos escolares, concretizando-se a partir da segunda metade do século XX. No princípio, o magistério primário era composto por homens e mulheres, sem distinção, com o tempo à preferência passou a ser mulheres que cursaram ou não a Escola de Normal. Em decorrência desse fato há uma profissionalização tardia do professor, que foi marcado por uma nítida feminização. (SANTOS, 2006)

E paralelamente a essa discussão sobre a profissionalidade e identidade docente é fundamental referirmo-nos à grande feminização da profissão, que é vista como um dos fatores de desvalorização profissional da carreira docente. Michael Apple (1998) foi o primeiro a definir a categoria de gênero como um elemento indispensável para a compreensão do trabalho docente. Para o autor classe, sexo e ensino são indissociáveis. (SANTOS, 2006, p.3)

5 Em cada província foi criada em um ano: Niterói (1835), Bahia (1836), Minas Gerais (1840), Ceará (1845), São Paulo (1846), Sergipe (1870), Pará (1871) e Rio de Janeiro (1880). (Coelho, 2006)

Nesta época a raça ou a condição social, não pareciam ser um impedimento por completo, já a partir da década de 20, do século passado, com as reformas educacionais, os padrões definidos para as professoras primárias passam a ter uma conotação racial e social precisa, deveriam possuir além do diploma da Escola Normal, como o mérito e exibir um biótipo “saudável”, as regras jamais se referiram às jovens negras. Porém, nas fotografias analisadas na pesquisa de Müller (2008) após estas reformas não se deparou mais com moças negras nas fotos de normalistas do Instituto de Educação, como se observava em fotos anteriores a reforma.

Em suas pesquisas, Müller (2008) observou que as professoras só solicitavam inscrição para concurso no cargo de auxiliar de ensino. As inscrições de homens eram bem reduzidas, aumentando no ano de 1915. A autora pode analisar também que, nos documentos de identificação que eram necessários para o requerimento, em sua maioria não havia o registro do quesito cor, quando esta não era omitida, os candidatos eram no máximo morenos ou pardos, o que pode ser explicado pelo fato dos pais desses candidatos serem homens e mulheres negros livres. Entendendo o fato que, preto e negro era cor de cativo, logo ao adquirir o status de homem livre, passava-se a ser registrado como pardo. Como nos mostra Mattos (1998, p.98) :

“A noção de ‘cor’ herdada do período colonial, não designava, preferencialmente, matizes de pigmentação ou níveis diferentes de mestiçagem, mas buscava definir lugares sociais, nos quais etnia e condição estavam indissociavelmente ligadas.” (apud Müller, 2008, p.49)

Ou seja, a ‘cor’ denotava um lugar social do indivíduo. O outro fato que mostra que os (as) candidatos (as) poderiam ser negros (as) é observando as certidões de nascimento, pois, não se encontrava o sobrenome dos avós materno ou paterno. Ou ainda, verificando alguns sobrenomes específicos, de modo que sobrenomes como Silva, Jesus, Santos, Nascimento, Conceição, eram sobrenomes de pessoas negras, brasileiras ou africanas como demonstra o livro com os resultados do Censo Municipal de 1906, localizando uma lista com a presença de 182 centenários cariocas e a síntese de suas vidas, sendo boa parte destes Negros.

Os pais dos (as) candidatos (as) faziam parte dos extratos superiores da camada trabalhadora da população ou pertencentes de uma pequena classe média carioca não-branca, que eram militares, alferes ou tenentes, pequenos funcionários públicos, trabalhadores qualificados ou empregados do comércio, mesmo porque, para se ingressar no magistério era necessário ter instrução, logo, o mínimo de condições para prover os estudos. A maioria desses pais era casada, sendo 75% de brasileiros, havendo no meio das candidatas filhas de pais portugueses, italianos ou espanhóis. Quanto à cor dos (as) candidatos (as), encontram-se nos registros 46% de brancos (as), 49% não havia cor, 2,5% eram pardos e 1,25 % eram morenos. O que nos faz concluir que a maioria, esses de cor não declarada deveriam ser negros.

No próximo capítulo que trata da pesquisa de campo propriamente dita, realizaremos a ACD, através das análises dos discursos das educadoras negras entrevistadas, podendo então compreender seus processos de construções de identidades e as influências desses nas suas práticas pedagógicas.

CAPÍTULO IV- OS CAMINHOS E DESCAMINHOS NAS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE EDUCADORAS NEGRAS

A Distinção entre os sexos deve ser analisada com mais vagar. Ela pode ter sido – por vias transversas- a responsável pela representação da professora disseminada em nossa sociedade. Conforme apontou Luzia Margareth Rago (1985, p.90), o ideal de professora é a “mulher honesta, casada, boa mãe, laboriosa, fiel e dessexualizada”. Além da formação erudita, das habilidades “inatas” trazidas nos genes – as representações reproduzidas socialmente fundiam os papéis de professora e de mãe, no que tangia ao cuidado com o outro: crianças, adolescentes, e os futuros maridos -, elas deveriam demonstrar honestidade, boa conduta e respeito aos padrões morais da época.(Coelho, 2006, p 63.)

Percorrendo um longo caminho, entre os livros e a presença das sujeitas da minha pesquisa, visitei e revisei fatos e relatos de construções muito interessantes, que se não tivesse percorrido talvez não me visse tão negra e tão mulher, devido aos contratempos apresentados a minha vida. Dentre tantas dificuldades nesse percurso, encontramos greves, desencontros e falta de tempo por parte da pesquisadora e das entrevistadas.

Buscamos Educadoras que se autodeclaravam negras, independente de seu fenótipo, tais como nuança da cor de pele, cabelos, nariz. No início da pesquisa a idade das sujeitas da pesquisa, não havia sido estipulado, no entanto, a faixa etária entrevistada foi de 46 a 57 anos de idade, professoras com mais de 25 anos de formadas, sendo que uma exerce há 15 anos a profissão. É importante ressaltar o tempo de formada, pois todas se formaram antes da promulgação da lei 10.639/03.

As transcrições de entrevistas foram feitas literalmente, pela própria pesquisadora, proporcionando a entrada no mundo das entrevistadas, facilitando assim a Análise Crítica do Discurso posteriormente e que tem como orientação, Lupicino Iñiguez (2005). Estas foram analisadas em quatro blocos de perguntas, no qual cada um representa um determinado eixo abordado na pesquisa. O primeiro Bloco está composto por perguntas ligadas às construções de identidades, ligado às identidades variáveis de Gênero e Raça/Etnia. O segundo, tendo como eixo a origem e a mobilidade social das professoras, composto por perguntas que nos possibilita analisar se a professora está em ascendência ou descendência profissional em relação aos seus pais. No terceiro bloco complexificamos as perguntas, unificando raça, gênero e identidade profissional. Por último, porém não menos importante, encontra-se o eixo que relaciona a Educação das Relações Étnico-raciais, trajetórias profissionais e o niilismo docente, que encontramos presente nas falas das professoras, além de analisar a relação do local de trabalho das entrevistadas com a Lei 10.639/03.

4.1. As entrevistadas e suas Construções de Identidades de Raça/ Etnia e Gênero

Professora Rosa: Nascida em Novembro de 1963, 50 anos. Casada e tem um filho. Formada em Estudos Sociais, como este foi extinto, fez posteriormente História, atua em dois colégios Estaduais, em um deles a 30 anos, pois fez formação de professores , sendo seu primeiro concurso para professora do ensino primário e hoje é enquadrada como professora de História.

Professora Laura: Nascida em Novembro de 1956, 57 anos, solteira e não tem filhos. Há 35 anos em sala de aula, já esteve durante este tempo em outras funções também, como coordenadora geral e diretora. Trabalha em um Colégio Estadual, na Formação de professores, mas já trabalhou em colégio particular.

Professora Maria: Nascida em Março de 1956, 57 anos, solteira e não tem filhos. Apesar de ser formada há 25 anos em Belas Artes, atua a 15 anos no magistério em Colégio Estadual e a poucos anos passou para prefeitura do Rio de Janeiro.

“Solteira, porém casada! (risos) vivo com uma pessoa a muitos anos. Quando tenho que colocar no papel coloco que sou solteira!”

Professora Monique: Nascida em Setembro de 1967, 46 anos, casada e tem uma filha. Com 25 anos de magistério, formada em Educação Física, atua em dois Colégios Estaduais, com ensino Fundamental segundo segmento, ensino Médio Formação de Professores e em Universidade Particular.

Este bloco que tem como objetivo discutir as questões de raça/etnia, gênero e os contextos e relações que influenciaram tal construção.

No Brasil, como mostra alguns autores, existem vários sistemas de classificação de cor, Ricardo Ferreira (2009) revela também a ausência de unanimidade e Jacques d’Adesky (2009) afirma existir cinco sistemas de classificação de cor que predominam no Brasil.

O sistema do IBGE, usado no censo demográfico, com as categorias branco, pardo, preto e amarelo; o sistema branco, negro e índio, referente ao mito fundador da civilização brasileira; o sistema de classificação popular de 135 cores, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE em 1976; o sistema bipolar branco e não-branco, utilizado por grande número de pesquisadores de ciências humanas; o sistema de classificação bipolar branco e negro, proposto pelo Movimento Negro. (d’Adesky, 2009, p.135)

Existem fatores que dificultam e tornam complexo o processo de identificação racial brasileiro, pois a autopercepção muitas das vezes pode diferir da percepção do outro, sendo assim, fatores ideológicos podem levar uma pessoa de características fenotípicas brancas se declarar negra, devido seu envolvimento com a cultura negra. (FERREIRA, 2009) Logo, o conceito de raça aqui é visto na perspectiva de autores como Hall (2006), Oliveira (2006) e Munanga (2010). Hall (2006) sintetiza dizendo que raça é um conceito de construção sociológica, de uso das ciências sociais e humanas que auxilia na análise de um sistema social, e não no sentido que lhe é investido pelas ciências naturais, ou seja, “raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica” (p.63).

A categoria raça, nesse estudo, não é fundamentada nas percepções fenotípicas, como a cor da pele e textura de cabelo. Por esse motivo, trabalhamos com a autodeclaração das entrevistadas. Tendo em vista que todas se autodeclararam negra, sendo que uma, Rosa, tem a cor da pele branca.

Eu sou Negra! Pra mim, não tem essa coisa de pele, eu acho que tem pelos valores, que a gente adquire, através da vida. Eu tenho um avô negro, porque meu avô era mulato, mulato...negro, que tinha uma tonalidade linda, uma cabeça linda, com olhos azuis maravilhosos, ta! Se você pegar minha estrutura física, eu tenho meus quadris largos, uma grande abundancia, meu nariz não tem nada de afilado, acho que se encaixa muito bem com meu rosto. E o interior? Uma força muito grande. As pessoas, que ao me ver, não me classificam como Negra, mas eu me reconheço como Negra!(...) Eu também tenho essa situação dentro da minha própria família, porque minhas primas, não aceitam que eu me declare negra, porque elas são brancas, elas tem olhos claros e para elas todos na nossa família somos brancos; elas não reconhecem meu avô quanto mulato.(Professora Rosa)

Na pesquisa não perguntamos o sexo das entrevistadas, visto que sexo é a marca biológica, estamos interessados em saber como elas se constroem quanto ao Gênero, logo, a definição de gênero que nos orienta é edificada por Scott (1990) e foi construída aos poucos e por partes. E define gênero como um elemento constituído pelas relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo a primeira forma de dar significado às relações de poder. Sendo assim

o gênero é uma construção social e histórica de homens e mulheres, que se dá em muitas instâncias sociais (sendo a escola e , conseqüentemente, o currículo que nela se insere, uma dessas instâncias). Entende-se, dessa forma, que o masculino e o feminino são construídos pelas práticas sociais masculinizantes e feminizantes, de acordo com as concepções de cada sociedade. Assim, o fazer-se homem e o fazer-se mulher é um processo, ou seja, aprender-se a ser homem ou mulher, conforme as visões de mundo que orienta as práticas cotidianas dos indivíduos (SCOTT, 1990, apud, PARAÍSO, 1997, p. 27)

E segundo Gomes (1995), “expressar-se enquanto mulher negra é traduzir diferentes conflitos: raciais, de gênero, sociais e políticos” (p.129). Quanto ao gênero apenas uma não respondeu mulher, pois não foi criada de uma forma como a sociedade exige que uma mulher seja educada.

O que aconteceu é que eu fui criada para ser o homem e a filha mulher. (...) Eu hoje me identifico como Ser Humano, independente de Gênero(...) Hoje eu não consigo me ver assim: é mulher ou é homem, hoje eu me vejo a parte de gênero, eu sou um ser humano que tem ma forma de pensar tanto masculina como feminina, que eles me criaram bem dizer para a diversidade, qualquer problema eu consigo resolver com facilidade, mesmo que depois eu desarme. (Professora Rosa)

As outras três professoras responderam Mulher, sendo que uma delas estranhou a pergunta dizendo: *Mulher... achei engraçada a pergunta...(Professora Monique)* Ficou pensativa e sorriu.

Compreendo sua estranheza, pois estávamos à frente de uma pessoa do sexo Feminino, logo, víamos uma mulher, isso segundo o senso comum, mas, como já vimos a construção do ser mulher se suscita de acordo com os contextos e as relações sociais, com a família, escola, trabalho, amigos, ou seja, nos espaços sociais, por conseguinte, o quê significa ser mulher para elas, muitas das vezes se confunde com o papel que a sociedade determinou, não só para a mulher mas também para a professora.

Apesar das conquistas sociais relativas aos direitos de homens e mulheres, a representação sobre a mulher, como a predestinada ao papel de curadoras, estendeu-se para o magistério, entendido como sacerdócio, como missão, de forma que o professor é aquele que professa um credo – é um fiel. É verdade que feminizou o magistério. (HYPOLITO, 1997). No entanto, a inserção da mulher no universo educacional e a instrução que lhe foi dispensada permitiam, no nosso entendimento, a ocorrência do amálgama a que Hypolito se refere : vocação/ensino/maternidade/funções domésticas (HYPOLITO, 1997,p.57), e que acabou por cristalizar-se como representação do magistério. A concepção corrente de que a mulher deveria cuidar das crianças acabou por sustentar a ideia de que o magistério era uma área eminentemente feminina. (Coelho, 2006, p.68)

Logo segundo as entrevistadas:

Ser mulher significa ser mãe, esposa, amiga, batalhadora, lutadora, eu sempre me vi como uma grande amazona, a gente ta o tempo todo a frente de alguma atividade, sempre cuidando do filho, cuidando dos alunos, porque sou professora, cuidando do marido, sempre tendo que encampar alguma batalha, sempre cuidando. Cuidar é uma palavra que faz parte do meu vocabulário constantemente. Eu sou uma defensora das ideias do Leonardo Boff... Eu acho que isso é básico, se todo ser humano cuidasse do outro as relações sociais seriam diferentes.(Professora Monique, uma filha)

Ah, a maternidade, mesmo sem eu ter filhos. Muito responsável pelos filhos dos outros, pelos irmãos mais novos, pelas crianças que passaram pelas minhas mãos, meu primeiro emprego foi de baba, então minha afilhada hoje tá com 36 anos, me chama de tia até hoje, me respeita até hoje. Uma coisa maternal mesmo... (Professora Laura, não tem filhos)

Ser mulher é uma coisa extremamente complexa, você é tudo e não é nada. A gente tem que ser completa, ser ativa, resolver tudo,né?

E ao mesmo tempo você tem que ter a humildade de dizer, que não, que ta tudo bem! Às vezes tem que pisar no freio firme, assumir as coisas, para ser ouvida, ser atendida. Ser mulher para mim é ter um montão de habilidades, sentimentos e emoções, entendeu? Que você tem que

organizar isso muito bem se não, até você acaba se sucumbindo, se maltratando, né?! Para você conseguir vivenciar isso, selecionar cada coisa no seu lugar e estar bem com você mesma, é o principal. (Professora Maria, não tem filhos)

É muito difícil, eu me ver como A Mulher. Porque mulher, a gente acaba ligando à fragilidade e raramente eu me ser frágil. (Professora Rosa, um filho)

É importante ressaltar que está tão embutido o ser mulher, como o ser mãe na sociedade, que a professora Rosa enfatiza só ter tido um “filho de barriga”, mas ter sido adotada por cinco filhos, por a “mulher ser maternal”, acaba trazendo para si a responsabilidade de cuidar do outro, meso que esse seja um irmão mais novo, um sobrinho, o marido, ou no caso de Professoras, os alunos. E incorporadas nesses contextos, nessas relações sociais, suas vivencias, suas tensões, trajetórias tudo isso se entrelaça a elementos que influenciam em suas construções, principalmente ao aprender a ser Mulher e o contexto familiar sem duvida é o que influencia, segundo Santos (1983):

O contexto familiar é o lugar primeiro onde a ação constituinte do Ideal do Ego se desenrola. É aí onde se cuida de arar o caminho a ser percorrido, antes mesmo que o negro, ainda não sujeito, a não ser ao desejo do Outro, construa o seu projeto de chegar lá. Depois é a vida de rua, a escola, o trabalho, os espaços de lazer. Muitas vezes, é nesses lugares segundo, pleno de experiências novas, que o Ideal do Ego – cuja vigas mestras já foram erigidas – encontra ocasião de reforçar-se, assim adquirindo significado e eficácia de modelo ideal para o sujeito. (p.36, apud GOMES 1995)

Como podemos observar nas falas das professoras, todas tem como referência a família, mas não do mesmo modo.

Fui rejeitada quando nasci, por que meu pai queria um filho homem e veio uma menina depois de 9 anos de casado. Então com 7 anos de idade eu já estava no açougue trabalhando no caixa sendo obrigada a fazer as quatro operações porque, eu tinha que dar conta do filho homem que ele queria ter e ao mesmo tempo tinha que ser extremamente feminina em casa porque era a filha mulher que a mãe queria ter. Depois do açougue papai passou a trabalhar na feira, eu passei a trabalhar com ele como porqueira, ele tinha... criava, bichos então... a gente era obrigado a ir aqui para os terrenos, para cuidar dos cabritos e quando precisava matar porco, a gente tinha que matar porco. Ia para a feira e ao mesmo tempo tinha que produzir na escola (...). O mais interessante foi a forma de criação que eu tive, sendo criada como o filho homem e a filha mulher, isso me preservou. Que eu não me tornei uma filha mulher fútil, tive que buscar o meu caminho, construir o meu saber. Eu busquei o quê?

Todo o meu melhoramento, todo meu crescimento estaria na aprendizagem... (Professora Rosa...)

O fato de ter sido rejeitada pelos pais, mesmo sendo filha única, não a tornou uma pessoa revoltada e até vê aspecto interessante na sua criação, a tornou alguém que utilizou tal fato, transformando-o para seu melhoramento, contribuindo no seu aprendizado, no entanto não comemora seu aniversário.

To tentando fugir, porque eu não gosto de festa. (...) minha mãe uns 4 anos antes dela morrer, eu descí para tomar café com ela no dia do meu aniversário, ela tava chorando demais e maldizendo o dia que ela fez tratamento para me ter. É porque eu nunca fui uma filha da qual ela queria, por que ela queria uma árvore de natal, aquela mulher que anda de cabelo sempre arrumado, maquiada, com muitas joias (...) minha mãe sempre valorizou muito o externo, a ditadura da beleza ...(Professora Rosa)

Essa fala nos trás qual a figura do gênero feminino é esperado pela sociedade, já demonstrado, e retratado pela mãe da entrevistada, o que poderia ser reproduzido por ela, o que não é o caso. Já as demais tem na família grande referência, todas falam da importância da mãe nas suas construções, acrescentando outros Membros da família.

Eu graças a Deus convivi muito com minha mãe, numa época onde a mulher era muito submissa... Bem família, minha mãe, minha madrinha e a diretora do colégio onde estudei, onde aprendi tudo de educação, os amigos de uma forma em geral e o meio religioso também. Que eu fui criada dentro da umbanda e do catolicismo, então eu ia para as sessões durante a noite e de manha cedo eu tava na igreja. Era uma época que você tinha que colocar véu, pra chegar perto pra receber a hóstia, então essa questão feminina, a família, a escola, os amigos e o meio religioso, foi tudo isso... (Professora Laura)

Perguntei o porquê de ela ter as duas religiões quando criança, se era obrigada pela família dela, a resposta foi negativa, era uma opção dela.

Não, eu gostava, sempre gostei da questão mística, minha mãe nunca nos obrigou a nada, tanto que eu tenho uma irmã que é evangélica desde pequenina, então eu gostava queria ser filha de Maria, eu queria ser amiga da mãe de santo, eu queria ter um cargo religioso e eu só fui receber esse cargo religioso tem 5 anos... Minha madrinha morreu, aquela coisa toda, ai eu fiz amizade na escola com um rapaz que se tornou Pai de santo, nós ficamos amigos a 38 anos, ai a 5 anos atrás eu resolvi fazer um agrado no Candomblé, quando ele foi ver que agrado que eu tinha que fazer, Ogum me convidou para Equede. Como o professor falou agora⁶, você que estuda muito você não pode, você como

professor não pode ter uma religião determinada, porque todas são certas, senão você influencia seu aluno. Então eu que tenho amigos em todas as religiões, a minha religião me permitia entrar em qualquer lugar, então você conhece e vê q o que importa nas pessoas é o caráter, não é a religiosidade, é o caráter. (Professora Laura)

Laura mostra em sua fala como o professor pode influenciar seus alunos, que a questão religiosa deve ser bem resolvida para que não haja atitudes preconceituosas por parte dele, se ele for preconceituoso ele pode influencia-los negativamente. E percebo no exercício da profissão que o professor deve ter muitas questões bem resolvidas, não só a religiosa, pois é visto como um espelho por seus alunos, então sua influencia também pode ser grande.

Acho que aprendi na família, em casa, mãe, referência de mãe, formas de agir. Eu perdi minha mãe deve ter uns...oito (8) anos. Quer dizer perdi minha mãe e ate hoje faz uma falta muito grande, porque era um modelo de decisão, um modelo de postura, um modelo de dignidade, entendeu? E eu me coloco muito em cima disso, foi na família que peguei esse jeito, embora eu ache até, colocando a minha irmã do meu lado a gente é completamente diferente, mas a família dá esse respaldo para você, se a mãe é uma referência... mas, para ela (irmã) a referência é completamente diferente. Agora que você ta perguntando é que notei. Não tenho como dizer, mas eu acredito que tenha vindo disso, meu temperamento... (Professora Maria)

Inicialmente na família, depois nas relações, nos grupos, escolares e grupos de movimento Negro, mais inicialmente foi família...

Participei na adolescência, mas grupos de cultura. E atualmente eu coordeno um grupo, que é um grupo danças populares, não é um grupo que tá integrado no movimento Negro, é um grupo de professores que se propõe a estudar, dançar, cantar, as danças de matriz africana. Nós mudamos o nome, outras pessoas foram chegando, porque antes era só alunos da Universidade, quando nós saímos(saiu de uma Universidade para outra) conseguimos integrar outras pessoas de outras universidades. (Professora Monique)

E Monique ainda acrescenta a importância de seu avô, mesmo não o tendo conhecido, o papel que teve para sua família, como aquele que conversava e contava as histórias, assim fortalecendo esse laço familiar e cultural.

É uma coisa legal de dizer, eu sei que seu tema é a mulher negra, e que nem sempre numa relação familiar o homem tem um papel diferencial, geralmente essa relação da mulher é com a mãe, com a tia, com a avó, mas na minha família esse lugar do homem negro filho de escravos, foi justamente essa...

Minha mãe diz que o meu avô, era ele que trazia para conversa, era ele que contava história, aí você tem esse lugar do Griot. Ele fazia muito bem o papel do griot, na família e na comunidade, então quando a gente nasce, e eu não conheci esse avô, minha mãe, minha tia, minha outra tia, madrinha, elas mantiveram o lugar do griot, entendeu. Então o tempo todo o meu referencial, não é a minha mãe somente, é minha mãe e meu avô. Se você conversar com a minha irmã, é minha mãe e meu avô, entendeu, o tempo todo, minha mãe, minha tia e meu avô, minha mãe, minha tia e meu avô. Ele é a grande referência da importância de ser uma mulher negra dentro dessa estrutura.

4.2. Professora: ascensão profissional e histórico familiar

Esta seção aborda o tema do segundo eixo da pesquisa, que visa analisar se houve ascensão profissional das entrevistadas em relação aos seus pais. As perguntas eram em relação ao grau de estudos dos familiares, se havia outras pessoas com nível superior na família e a relação dos pais com a escolha profissional delas. Pois segundo Bourdieu (2008), “um jovem da camada superior tem oitenta vezes mais chances de entrar na Universidade que o filho de um assalariado agrícola e quarenta vezes mais que um filho de operário, e suas chances são, ainda, duas vezes superiores às daquelas de uma jovem de classe média” (p.41).

Pode-se constatar através dos relatos, que houve uma ascensão profissional das educadoras em relação aos pais e também observamos uma visão de uma mobilidade social ascendente com os estudos, como no caso da Professora Maria que seu pai queria uma profissão que o projetasse socialmente. “*Ele queria alguma coisa que pudesse projetar ele de alguma forma, ele queria arquitetura, ‘por que você não foi arquiteta?’*”.

Acho que sou todas as classes, porque a minha maneira de ser não me impede de ir a lugar nenhum, eu não me sinto constrangida de ir a lugar nenhum, então eu posso entrar em todas elas. Eu já tive oportunidade de chegar perto de todas elas, mais eu sou mais popular, né, é lógico. (Professora Laura)

Média, em função da minha renda e por causa da minha realidade social que vivo hoje. Pelo local onde moro por todas as coisas que consigo realizar, minha filha estuda numa escola privada muito boa. Eu vim de classe popular, mas já estou a bastante tempo na classe média. (Professora Monique)

Classe média, porque mesmo o professor ganhando pouco, a gente em vista de muitas profissões, pela quantidade de horas de trabalho, a gente recebe um valor que não é tão pouco assim, é que o mundo capitalista, te

exige cada vez mais, cada vez mais consumo, então você quer cada vez mais, para ter mais. (Professora Rosa)

Média. Apesar de as coisas hoje estar tão descaracterizada.

Tive uma experiência de uma aluna que ligava o ar e ficava o dia inteiro sem necessidade, falei: “você ta gastando muito ar”.

Ela disse: “ah, não é de graça não?”

Por que dentro da favela onde ela morava era de graça. (Risos)

Pra você vê. Eles tiram onda. (Professora Maria)

As relações de consumo na atual sociedade capitalista, deixa a noção de classe bem descaracterizada como diz a professora Maria, no entanto devemos atentar que de uma forma em geral elas se encontram na classe média e tem mais qualidade de vida ou deveriam ter, já que ganham relativamente bem em relação ao tempo de trabalho por dia como nos fala Rosa. Em pesquisa Oliveira (2006) evidencia que para a maioria negra o magistério significa mobilidade social ascendente. E no tocante grau de instrução dos pais das entrevistadas, nenhum concluiu a Educação Básica.

Pai analfabeto, minha mãe tinha até a 4ª série. (Professora Rosa)

Percebi na fala dessa professora que o fato de seu pai ser analfabeto, a incomodava, por ele nunca a ter permitido alfabetizá-lo. Pois ele não acreditava na educação como ela relata.

Nas palavras dele quando eu me matriculei na formação de professores, era que é mais fácil ensinar um cavalo a baixo de chicote do que uma criança e é a grande decepção que eu tenho é que mesmo eu sendo professora, eu não consegui alfabetizar meu pai, ele sempre se recusou a ser alfabetizado. (Professora Rosa)

Só ler. Minha mãe nem pegar num lápis sabia, só sabia assinar o nome, mas era inteligentíssima.(Professora Laura)

Era primeiro grau, como antigamente era muito difícil, mas eles eram bem estruturados, escreviam muito bem, minha mãe desenhava muito bem, envolvida com artes, então ate peguei um pouco disso.(Professora Maria)

Os dois só fizeram o primeiro segmento né... o antigo primeiro grau.(...) minha avó era analfabeta... (Professora Monique)

Pude observar a importância dos estudos para a ascensão profissional, nos relatos há a importância do nível superior na família.

Do lado da minha mãe todos nós temos nível superior. Minha avó tinha uma defesa, minha avó era analfabeta, baiana, filha de negro com índio, defendia a ideia de que, ela não tinha conseguido dar, ela não conseguiu que todos os filhos fossem para o nível superior, só uma tia minha, que era minha madrinha, mas que os netos dela, todos faziam nível superior e foi exatamente o que aconteceu, todo mundo tem nível superior hoje. (Professora Monique)

Eu e minha irmã. Tenho um irmão também, mas, que não chegou a fazer faculdade. Somos três. (Professora Maria)

Da família inteira? Porque da minha mãe eram 8 irmãos, da família da minha mãe tem eu e Dinha, somos duas; duas mulheres... Agora meus pais sempre valorizaram os estudos, mas o estudo até o ensino médio, porque quando chegou para eu fazer a graduação, eu não podia estudar fora de Nova Iguaçu, porque eles achavam que eu podia ser sequestrada, então eu me casei muito cedo, casei em 84, casei 10 dias depois que eu entrei para o Estado, logo tive filho. (Professora Rosa)

Observo o orgulho dela quando diz, somos duas mulheres, pois os homens não fizeram o Curso Superior, mas elas Mulheres conseguiram. Mesmo porque, historicamente até o início do século XX, a educação era prioritariamente para os homens, as mulheres recebiam a instrução necessária “para fazer valer o traquejo social”, limitando-se a elas “o aprendizado das prendas domésticas e das boas maneiras: leitura e escrita, noções de música e dança, bordados finos, quitutes caseiros e, em alguns casos, a língua francesa.” (WEREBE, 1963, apud Coelho, 2006, p. 261) passando a ter instrução em nível primário e secundário mais acentuado a partir de 1920, esporadicamente atingindo o nível superior.

*Todo mundo, só uma que não por que não quis e que trabalha em escola, mas não fez porque não quis. Meu irmão mais velho é jornalista, o outro advogado já ta até aposentado da rede ferroviária, tem eu que sou professora, tem minha irmã uma que é atriz, e a caçula que é pedagoga. Mamãe se danou na fila do Rangel Pestana, por isso digo que era muito inteligente, **porque meu pai não se preocupava com a educação feminina, só a masculina, só homem que tinha que estudar, mulher não ainda peguei essa época... so os homens podiam estudar.** Minha mãe que corria atrás das vagas. Meu pai não se opunha, mas quem se danava era mamãe. (Professora Laura)*

A fala de Laura corrobora com o trecho citado de Werebe (1963), pois o pai dela era de uma época, onde mulheres não precisavam estudar, mas sua Mãe via a necessidade. Em relação à posição dos familiares e a escolha profissional, vemos orgulho por parte da família de Laura, apoio na da Monique, Maria foi apoiada pela Mãe, apenas a família de Rosa foi contra sua decisão, mesmo porque a família tinha certa situação, no entanto, o pai era rude, açougueiro.

Orgulho, muito orgulho. Minha filha professora... Nossa

Minha mãe era lavadeira e meu pai da rede ferroviária. (Professora Laura)

Sempre me apoiaram desde o inicio, desde quando eu resolvi fazer o normal né... Porque minha entrada como professora foi pelo normal, né... Minha mãe sempre teve junto, sempre apoiou todo o processo (Professora Monique)

Foi positiva, minha mãe sempre me apoiou, meu pai que ficou assim... Ele queria alguma coisa que pudesse projetar ele de alguma forma, ele queria arquitetura, “por que você não foi arquiteta?”

Mas Tb depois... Mas minha mãe sempre me apoiou muito, foi boa, foi positiva. (Professora Maria)

Ficaram decepcionadíssimos, porque meu pai não aceitava que eu fizesse o magistério, para ele, nas palavras dele quando eu me matriculei na formação de professores, era que é mais fácil ensinar um cavalo a baixo de chicote do que uma criança e é a grande decepção que eu tenho é que mesmo eu sendo professora, eu não consegui alfabetizar meu pai, ele sempre se recusou a ser alfabetizado. (Professora Rosa)

4.3. Identidade Profissional, Raça e Gênero

Os indivíduos são formados de identidades, uma mulher não é só mulher, nem apenas negra ou branca, ou índia, não é apenas professora, mas muitas das vezes mãe, amiga e conselheira. E diante desses aspectos é importante ressaltar que Identidade aqui não é entendida como um constructo fixo, mas sim com algo em constante processo de transformação. Para Hall a identidade torna-se uma "celebração móvel": sendo continuamente construída e reconstruída em relação aos arranjos pelos “quais somos representados ou interpelados” nos sistemas culturais que nos envolvem. Não é definida biologicamente e sim historicamente, de modo que os sujeitos assumem identidades diferentes em diferentes momentos, sendo assim em nós há identidades contraditórias que estão sendo continuamente deslocada. (Hall, 2003).

Ao tecer essas identidades tão complexas e as tão simples, descobrimos mulheres negras e professoras com histórias incríveis e tão comuns como tantas outras, falamos dessas identidades e das suas relações com as práticas pedagógicas dessas mulheres. Deste modo começaremos explorando a identidade Profissional e dentre as quatro professoras a única que entrou no magistério, sem querer e se descobriu professora, numa história interessante e motivadora.

Eu não era professora, eu fui escolhida pela profissão. Eu sempre briguei para não ser professora desde criança, porque a família do meu pai existia minhas professoras, minha tia era diretora de escola, todo mundo era professor, eu dizia eu não vou ser, e a minha mãe: não, você vai ser! E eu dizia: eu não vou ser!

Acho que o que me fez foi ver a necessidade, de... eu fiquei querendo saber... até então eu era desenhista, produtora visual, comunicadora, mas eu comecei a sentir que o mercado de trabalho não tinha desenhistas, entendeu?

Cada uma situação a gente acaba sendo uma pessoa mesmo, e eu tive e tenho uma folguinha... da minha diversidade, de tramar, de trabalhar com carnaval, e nessa fase eu trabalhei com um grupo de pessoas, fazendo um abre alas e eu vi um grupo de meninos começarem, a entrar, ajudar sem nenhuma orientação, mordendo com a tesoura, estragavam papel, ficavam ali, e depois dormiam ali, depois não vão mais pra casa não, ficando na rua, aí eu vi. Isso me incomodou, isso foi uma coisa. Quer dizer não aprendia uma profissão, largava tudo pela metade e ainda caia na rua né!? Uma situação de informalidade pior.

Então eu comecei a ficar preocupada e fiz um projeto. Eu não era professora, trabalhava em sindicato, desenhista e vida empresarial só. Aí uma amiga falou e insistiu muito, para eu escrever um projeto, eu escrevi o projeto que concorreu na comunidade solidária em 98. A gente conseguiu ganhar um prêmio para financiar o projeto para 80 alunos, para profissionalizar esses 80 alunos e da participação total, dar estágio... E era tudo na área de desenho, artes do carnaval... Então eles entraram. Para cada disciplina tinha professor, pintura tinha outro, desenho técnico. Era uma estrutura incrível, todos ganhavam muito bem, e eu fazia a coordenação disso tudo, então quando faltava um professor por qualquer motivo, eu tinha que entrar, porque eles não tinham hábito de ter aula regularmente, então tinha que criar o hábito e não podia falhar. Então tinha que ter aula, tá caindo chuva, tem que ter aula.

Eles eram jovens até 14 anos, até hoje tenho contato com eles no mercado, faço alguma coisa, pesquiso em cima disso. (...)

Eu consegui perceber que eu dava aula, que eu gostava de dar aula, aí que eu me descobri professora, entendeu.

Ai, fizemos uma reunião com alguns outros professores da Escola de Belas Artes, na rede pública não tínhamos experiência, só trabalhando enquanto artista. Então fizemos concurso e passamos, foi cada um para um lado. E eu comecei a gostar muito do que eu tava fazendo dar aula. E aí quando cheguei a 15 anos atrás descobri que a escola

Eu ganho o dia quando chega um aluno: Professora o que precisa para ser professor de artes? E eu: por quê?

Porque eu quero fazer artes! (Professora Maria)

Professora Maria era desenhista como ela mesma disse produtora visual, comunicadora, que teve um pai que queria uma profissão que o projetasse, como arquitetura. Criada em família de professoras, sem querer se viu professora e apaixonada pela profissão e isso se ouvia em sua voz e se via em seus olhos.

Desde muito cedo eu sempre trabalhei como explicadora em casa, porque eu nunca consegui esperar as coisas virem até mim, eu sempre fiz acontecer para ter (...) A buscar, buscar, a galgar e sempre batalhando as minhas conquistas, que já que não tinha direitos, só tinha deveres, eu tinha também que buscar aquilo que eu queria e sempre vi no aprendizado uma melhora muito grande para mim (...) Acho que o maior elogio que tive foi, alguns anos, porque eu trabalho em uma escola particular também, e uma aluna que ficou reprovada na escola particular acabou indo para a escola pública que eu trabalho e depois de alguns meses na escola pública ela veio conversar comigo, tava muito feliz em ver que a minha prática na escola pública era a mesma da escola particular. Acho que isso é um grande elogio. Não era mais que minha obrigação, mas dentro da realidade que a gente vive... pelo menos eu tento ser coerente, pode ser que em alguns momentos eu não consiga, mas, também depois de 29 de magistério é muito gratificante você encontrar... poxa professora você tá dando aula para minha filha, já me deu aula na escola tal, lá atrás. Isso é gratificante, isso, não tem dinheiro que pague... (Professora Rosa)

Ensinar, passar, jogar aquela sementinha e eu que tenho 35 anos ver os frutos, isso que é interessante. O que eu encontro aí pela rua, é bacana. Inclusive aqui na escola eu devo ter uns quatro (4) que estudaram comigo e hoje dão aula aqui. Me respeitam muito mesmo. (Professora Laura)

O desejo de ensinar, mesmo, de ajudar no processo de superação de construção isso foi o que sempre me movimentou. Durante muito tempo eu cheguei a dizer que não sabia fazer outra coisa. Ia dar aula né... esse desejo, eu defendo que através da educação eu conseguiria ajudar nessa superação, na emancipação das pessoas. Só q hoje esta muito

difícil fazer isso to começando a duvidar dessa “verdade” (fazendo entre aspas), entendeu...

Eu digo verdade, porque sempre tive isso como uma grande verdade, meu caminho é educar é ensinar, é ajudar porque eu sempre trabalho com classes populares eu to a muitos anos como professora do Estado, a 25 anos, só que de uns aos pra cá eu comecei a questionar se é isso mesmo que eu quero, se vale a pena, eu não questiono se vale a pena lutar, eu questiono se vale a pena educar em escola, entendeu, então na verdade percebo que quero continuar ensinando, mas eu não quero mais esse ambiente, o sistema publico ta falido... (Professora Monique)

Verifico um desejo de ajudar, de superar, de modificar a situação dos alunos e da educação em si, no entanto fica no ar um niilismo docente, que será mais enfatizado nas próximas falas. Niilismo, que etimologicamente- do latim nihil (nada) – é o pensamento obcecado pelo nada. Conquanto, aqui é compreendido como uma revolta pessoal ou um esgotamento, ou seja, não é concebido aqui por uma doutrina filosófica, mas sim tem a ver com um sentimento ou “experiência de viver dominado por uma pavorosa falta de propósito e de esperança e (acima de tudo) de amor”, como vemos em Cornel West (1994) quando fala da ameaça niilista na América Negra, em “Questão de Raça”. E Professora Monique continua sua fala relatando esse seu esgotamento.

Eu não consigo perceber nenhum caminho de mudança, de alteração, então eu to para pedir exoneração. Eu tenho duas matriculas, ou vou exonerar ou vou tentar licença sem vencimento, se não sair dentro do prazo que preciso eu vou exonerar uma matricula, que é a matricula mais nova, que catorze anos é muito tempo para esperar eu não dou conta, eu não to dando conta mais, e essa matricula que é mais antiga que é a que tenho 25 anos eu to naquela de, faltam quatro para me aposentar então ou vou tentar esperar.

Eu a questiono, então vai empurrar com a barriga?

É literalmente... E ai isso é complicadíssimo, porque eu acabo indo contra tudo que eu defendi a vida inteira, a vida toda. Eu formo professores, né? Então ai e mais um problema para mim, porque eu vivo o tempo todo na contradição, que eu defendo uma serie de ideias na Universidade, né... Porque eu dou aula tanto pro curso de pedagogia quanto para o curso de educação física, então eu tenho uma serie de defesas, e ai quando eu venho para o campo, que eu tenho que lidar com a realidade do campo eu não consigo desenvolver nenhuma delas e ai é um conflito eterno. Quando eu trabalho com formação de professores, eu ainda chego perto de desenvolver. Primeira vez que não consigo trabalhar de forma qualitativa com formação de professores é nessa escola. É muito complexo, essa escola é muito complexa.

Nós estávamos conversando sobre o problema do segundo turno, mas aqui o problema não é só do segundo turno é ...são todos os turnos. Aqui

o normal é complicadíssimo... já dei aula em vários lugares... eu sempre tive muito prazer um tesão muito grande em trabalhar com formação de professores. Quando fui diretora adjunta de uma escola, a última escola que trabalhei com formação, só que quando resolvi sair da direção adjunta eu perdi minha matrícula na escola, não tinha mais turma para mim. Ai eu comecei a bater cabeça, até eu achar uma escola onde eu conseguisse e que eu acreditasse que eu poderia fazer meu trabalho, cai aqui. Eu pedi para vir para cá justamente por isso, formação de professores, ótimo, vou conseguir desenvolver aquilo que eu acredito, a mesma dificuldade que a gente percebe ...

A realidade dessa escola é essa né... Então, com trabalhar, sem material, sem quadra, sem cobertura, sem estrutura, desde que eu entrei pro estado é que eu lido com essa realidade, só que tem uma hora que o sistema te vence, é muito tempo brigando porque eu preciso de quadra, porque eu preciso de baliza , porque eu preciso de rede, porque eu preciso de material , que uma bola só não é o suficiente para ensinar, modalidade nenhuma, isso a muitos anos, a mais de 20 anos.

Além de suas contradições e a falta de material, a Professora Monique ainda encontra o problema de ter que dividir o espaço, que nem uma quadra não é, uma realidade encontrada em muitas escolas públicas, não só do Estado, mas, em muitas prefeituras também, e que nós professores de Educação Física vivemos anos após anos, sem nada ser resolvido e tem que dar resultados positivos.

Professores no mesmo horário, que é uma coisa inviável, você não pode ter dois profissionais de educação física no mesmo horário, né? É a mesma coisa que você querer colocar dois professores de matemática na mesma sala. Impossível, mas para educação física isso é permitido, tudo é permitido. Mesmos que você desenvolva qualitativamente seu trabalho, por que não te dão espaço, não te dão material, não dão a condição de trabalho. Essa é a questão. Eu tava falando disso essa semana. Eu comprei bola do meu dinheiro, comprei bomba do meu dinheiro, foram muitos anos assim comprando material do meu dinheiro, para dar aula, só que nesses últimos 10 anos, 10 anos pra cá, eu passei a cansar, passei a não comprar mais do meu dinheiro e dar com o que eu tinha na escola, mas até então eu tava na formação de professores, era viável era possível. Agora a partir do momento que eu chego no ensino fundamental, ai acabou, né... No fundamental você não consegue trabalhar com material alternativo, como você consegue trabalhar na formação de professores...Tem toda uma estratégia de jogos. Jogos dramáticos, jogos competitivos, cooperativos, essa faixa etária já trabalha com a concepção do senso comum que educação física é sinônimo de futebol, não é nem esporte, é sinônimo de futebol então, tudo que você propõem diferente eles não querem , entendeu..

E Professora Maria, que a principio não queria ser professora, mas se encantou com a profissão e depois de anos de formada fez concurso, também demonstra certo cansaço, o niilismo docente, perdeu a vontade de realizar o que fazia na escola antes e havia prazer.

É assim, eu não posso te dizer, Joanna, que para mim é uma coisa de Vitória, não é sabe. E hoje mais ainda do jeito que está tão desvalorizado, a gente ainda se sente, sabe?!

Não sei por que mais para mim é a mesma coisa é igual. Sou professora, sou negra sim, nasci na minha raça, adora ser negra, gostaria de ver isso muito mais bem trabalhado. Não faço mais trabalho sobre negro, dia da consciência negra, faço mais nada aqui, já fiz.

Comentei que a amiga que havia indicado a escola e principalmente ela, por desenvolver muito bem a Lei 10639/03, comentara sobre a mostra que realizou a uns anos.

Isso que ela pegou foi o mínimo.

E questionei: Parou por quê? Desanimou?

É muito difícil a cabeça das pessoas e eu não posso me queimar lá fora por pessoas que não querem. Eu consegui arranjar luz, eu consegui um Ballet, a gente trouxe aqui, a gente fazia festas monumentais aqui, com o 4º ano (formação de professores) eu e uma outra professora, umas coisas muito bonitas, muito bonitas(...) Fizemos oficinas de trança afro, conheço uma mulher que trabalha com panos africanos, tinha uma aluna grávida, aí ela deu uma palestra sobre amarrar o pano assim, assim e as meninas já ficaram prontas para o desfile de moda, lembro até hoje. As fotos todas sumiram, não tem mais nada. No final não chamaram a Mara nem para fazer um agradecimento. Eu pensei, eu nunca mais faço isso. As crianças debochando da mulher falando, sabe, ela mal conseguia falar. Sabe, não teve preparação, teve professor que não quis liberar turma, porque ele disse que tinha prova... Aconteceu isso tudo. Agora você acha que depois disso tudo, eu fiquei muito sentida. Essa moça vai e volta pra África, entendeu, eu tenho amigo na África, já fizemos trabalhos assim na Lapa, eu trabalhei assim, não é trabalhar não, é fazer um trabalho de voluntariado. No trabalho de voluntariado na nossa militância, sabe eu acredito, que se não for assim a gente não vai coseguir nada, se eu for esperar salário, se for esperar dinheiro do Estado para fazer aquelas máscaras, aquelas coisas que a Ana viu, não tinha saído, entendeu. E quando sai, sai coisas assim quando eu resolvo investir no meu trabalho. O que acontece? Vou investir nisso aí a coisa acontece. Agora para você investir sozinho não tem como. Entendeu?

Ao encarar a difícil tarefa de tentar compreender e entrelaçar as identidades das entrevistadas, Mulher, Negra e Professora, temos novamente a mulher que cuida, o instinto maternal, a protetora.

Acho que é o instinto maternal mesmo. (Professora Laura)

Retruquei: Se você fosse homem seria diferente?

Ah, seria! (Professora Laura)

É a minha vida não consigo diferenciar, alias, a minha profissão, ela não está fora de mim, eu não sou professora só dentro da sala de aula. Acho que professores e médicos são profissões que vocês não estão vocês são. Porque não dá para você vivenciar a vida, fazer uma leitura de mundo sem perceber que aquilo ali vai estar ligado à sua prática em sala de aula, não adianta você usar a terminologia: não você tem que fazer o que eu falo e não o que eu faço! Professor tem que ter uma postura que independente ou não vai, ééé, diferenciando ele onde ele está. Porque a ele não é permitido determinados comportamentos, determinados, é, criar determinadas situações, porque não é só você transmitir o conhecimento é muito mais do que simplesmente informação . (Professora Rosa)

Professora Rosa, entoa em alto e bom som, a importância de ser professora, comparando a profissão com outra de alto prestígio social, alegando ainda que o profissional de educação não pode se permitir certas situações, deve ter um comportamento condizente a sua profissão, pois como já vimos em outro momento nas falas das entrevistadas, deve ser o exemplo, pois é o espelho para muitos alunos e alunas.

O mesmo processo, não tem diferencial do ser mulher para mim, né? Eu sou mulher negra que ta na luta o tempo inteiro. (Professora Monique)

Questionei: Como qualquer mulher estaria?

Não como qualquer mulher, porque quando eu defini para você o que é ser mulher, na minha cabeça já fica subentendido ser negra... eu não separo...

Então fiz um comentário: Você não sabe o que é ser mulher branca, não é?

*Exatamente, eu não separo as duas coisas. Então qualquer questão relacionada ao agir como mulher no mundo, eu vou estar falando do lugar da mulher negra. Então quando eu digo eu sou uma amazona, eu sou uma guerreira, eu sou uma lutadora, sou alguém que cuida, é porque ta na minha história de mulher negra , ta nessa relação. (...) é porque essa discussão do cuidar já ta na minha família a muito tempo. Meu avo foi filho de escravo, ele nasceu em 1888, e vem dele esse processo, de que um tem que cuidar do outro, então ele ensinou, a minha mãe tem mais duas irmãs e um irmão, então a fala do meu avo era: **vocês são mães, irmãs, amigas umas das outras**, né. Então eu minhas irmãs e minhas primas, fomos educadas no mesmo processo, somos mães, irmãs, primas, amigas umas das outras. **Então se você é educado na tua relação***

familiar assim, você consegue, acaba transferindo isso para fora, então não tem como ser uma coisa na família e outra coisa no mundo, né?!. Você percebe isso claramente, em todas as mulheres negras da família, todo mundo nesse movimento de cuidado, mesmo assumindo outras profissões. Eu sou professora, minha irmã do meio é assistente social, a minha irmã caçula é administradora, de certa forma cuida, minha prima é fisioterapeuta, **todo mundo trabalha cuidando. E todo mundo com essa consciência muito clara do que é ser mulher negra na nossa sociedade.**

Verifico o cuidar que ela se refere, saindo da família e sendo externado para a escola, estendendo-se a sua prática, mesmo que limitada devido a fatores já citados. Quando questionadas se suas identidades possuem relação com sua prática pedagógica, observo uma afirmativa das quatro professoras, são mulheres que são influenciadas diretamente por suas identidades e essas se relacionam com suas práticas.

Ah, possui. Você querendo você consegue. Porque hoje passados 35 anos eu to vivendo um sonho. (Professora Laura)

O tempo todo eu banco essa bandeira, né... nas minha aulas. Do que é ser negro, eu não falo só do ser mulher negra, sempre falo do que é ser negro dentro da nossa sociedade, agora quando, geralmente as meninas que ficam mais próximas, que Educação física gera essa possibilidade, aí essa discussão acaba vindo a tona, porque eu me tornei um referencial em muitos lugares onde trabalho ou trabalhei, então as meninas me veem de uma forma diferente, semana passada eu fui surpreendida, na volta da greve entram alunas novas em uma das turmas de formação de professores, então elas não me conheciam. Aí quando eu cheguei, elas falaram: nossa professora como você é bonita, seu cabelo é lindo sua maneira de vestir, e tal. Aí eu sempre aproveito essa oportunidade para firmar o dialogo, mas a maneira como eu me visto, isso já é um diferencial para os alunos. (Professora Monique)

Sim, sim. Porque não dá para você ser uma coisa e ter outra prática, tem que ter coerência. Essas discussões tem que ser levada onde você for, ano passado eu tive, algumas discussões em sala de aula por causa dessa DITADURA DA BELEZA, que a gente vive hoje. Em que umas alunas no 2º ano de formação de professores, estavam questionando cabelo. “A porque o cabelo é bom, o cabelo é ruim”. Então eu parei a atividade que eu estava fazendo para a gente discutir isso. Quando é que um cabelo é bom? Quando é que ele é ruim? A sociedade que vai dizer que o cabelo é bom? Não o cabelo é bom ou é ruim quando você gosta dele, quando você se identifica com o seu, até usei o meu dentre a fala delas, porque o meu é boi lambeu, mas para mim não é um cabelo bom, eu acho que para mim um cabelo bom, que eu gostaria de ter, seria um cabelo totalmente cacheado, então são reflexões, são situação que você encontra, que mesmo você tendo preconceitos, porque a gente não consegue cortá-los

da nossa vida, é levar o outro a refletir e refletir também com aquilo que o outro te traz de retorno, porque eu acho que o crescimento que a gente tem é a partir daí, é na diversidade que a gente consegue pensar o outro e repensar o que nós somos, porque ninguém nasce pronto. (Professora Rosa)

Como as professoras falaram da questão do cabelo, ele como o corpo é uma expressão dessa Cultura Negra, são usados e divulgados argumento contra o cabelo crespo, utilizando-o para tirar o Negro do lugar da beleza, pois a beleza ainda está submetida aos padrões eurocêntricos, foi um ideal de beleza constituído socialmente, sob um contexto histórico, político e cultural. Pesquisas da escritora Ayana D. Byrd e da Jornalista Lori L. Tharps (2001, apud, GOMES, 2003), mostram que na maioria das sociedades africanas ocidentais, no início do século XV, o cabelo funcionava como condutor de mensagem, ou seja, para o cabelo era parte integrante de um intrincado sistema de linguagem. (GOMES, 2003).

O estilo de cabelo utilizado serviria também para identificar características sociais dessa mulher como o estado civil, a religião, a idade, origem geográfica, identidade étnica, riqueza, posição social, onde cada clã tinha seu próprio estilo. Características de Mulher de cabeça delicada com cabelos anelados e grossos demonstrava o padrão estético de mulher com força, prosperidade, poder de multiplicação, tendo a possibilidade de parir filhos saudáveis. A pesquisa sobre as práticas culturais ligadas aos penteados pode ser uma forma instigante de adentrar a cultura negra com os jovens e adolescentes, segundo Gomes (2003).

Quanto ao tratamento dispensado as professoras negras e brancas

Olha... Aparentemente não, mas como eu vou te dizer... Linearmente existe, sabe aquela coisa de onde você guarda seu preconceito, a pessoa nem sabe que tá lá. Existe, existe. Você pode me perguntar como você sabe já passou por isso, tenho uma coisa muito rápida para te falar. (Professora Maria)

E relata situação constrangedora que passou em recente evento da escola realizado no SESC de Nova Iguaçu. Onde outra professora pede ajuda a ela para o evento e a coloca na cochia. Falei que havia observado nas fotos no corredor da escola que não haviam professores negros no evento, e ela com um tom de voz baixo e muito sentida disse que a negra que estava lá, estava na cochia, se referindo a ela.

Não a negra que tava lá ficou lá para entregar coisas. Quando eu queria alguma coisa eu ia lá sentava e via, ninguém ia tirar minha liberdade. Mas era como se fosse... não é estranho isso?

Outra coisa também, na hora de chamar, esqueceu da professora Maria, ate gosto que aconteça. Ai uma aluna veio de lá do fundo: professora entra aqui, entra aqui.

Eu falei: a ta, a ta, é pra entrar eu entro.

Agora você vai me dizer que não? É diferenciado. Agora você vai falar, na escola: ah, não, a professora Maria. Vamos fazer uma apresentação, ai chega, pra professora Maria tem que fazer isso, isso. Mas tem que selecionar prova para não sei o quê, chama a professora P., para dar prova para 3 pessoa. (Professora Maria)

Fiz um adendo: Quando é para trabalho pesado...

É para você ver, que o negro é relacionado com o trabalho de manufatura, ao artesanato. (Professora Maria)

Sim, a diferença é grande, tanto é... pela classificação que o outro faz de você, quanto também a classificação que você faz de você, hoje eu causei um transtorno na sala dos professores, porque eles queriam que eu permanecesse mais tempo lá, e eu dizendo a eles que não podia, para vir lhe dar entrevista, quando eu falei do tema que você estava pesquisando, A Mulher Negra, né, no curso de formação de professores, eles se espantaram porque eu ia dar uma entrevista, se eles me veem como branca e ao me autodeclarar negra foi um choque, dentro da sala dos professores, porque eles veem a questão de estar equivocada, que eu também tenho a situação dentro da minha própria família, porque minha primas por parte de mãe elas não aceitam que eu me declare negra, porque elas são brancas, elas tem olhos claros e para elas todos na nossa família somos brancos; elas não reconhecem me avô quanto mulato. (Professora Rosa)

Não, nem na escola, nem na Universidade, eu nunca passe por essa diferenciação, em relação a Administração. Sinto em relação aos alunos. A administração não. (Professora Monique)

Já houve muito, mas hoje não. No século XX sim, no XXI não. (Professora Maura)

Ainda em relação às identidades das professoras, mas agora ligado a possíveis experiências de preconceitos que elas teriam passado e se elas se sentiriam a vontade para falar sobre o assunto, me responderam:

Ah, o tempo todo. Sinto, falo tranquilamente. Mais visível na Universidade. Porque o aluno que tá no ensino médio e no ensino fundamental, eles não ostentam o preconceito, você percebe a existência dele naqueles olhares assim e na risadinha. Foi o que te falei que aconteceu hoje. Mas no ensino superior não, isso fica mais claro, né... como por exemplo na U. A. eu dava aula de dança, eram duas disciplinas uma era dança e a outra folclore e por trabalhar com as danças de matriz africana, e por acreditar que essas danças são alijadas, do processo de formação eu sempre priorizava esses conteúdos. Então eu sempre dei pouquíssimas danças europeias eu sempre dava mais danças indígenas e africanas, aí eu virei a mãe de santo da Universidade. Eu sempre com saias muito coloridas, eu sempre usei muita chita, ao só para dar aula. Eu tenho roupa de chita que eu uso no meu dia-dia, para ir a uma festa, eu uso gosto muito de chita, eu gosto muito de cor, aí nesse processo de levar a dança...(Professora Monique)

Conta a historia de preconceito que passou na Universidade.

Tanto que tinha um grupo que caminhava comigo, que descobriu o grande barato que era poder dançar e viraram meus súditos, no olhar do preconceituoso: “os filhos de santo” da professora Monique, isso na U.A. E na U.E., eu cheguei a ter alunos que reclamavam na coordenação pedagógica que eu levava macumba para sala de aula. Isso em clima complicado, o coordenador acabou me apoiando, mas um apoio com algumas restrições né: “o professora toma cuidado com o eu você ta fazendo , com o que esta desenvolvendo, como é que esta sendo feito isso?”(...) por que eu levei para um trabalho no SESC que eles tinha que vivenciar uma roda de jongo , coco e ai para eles eu tinha levado para um centro, para uma Roda de candomblé. Uma coisa louca. E ai você vê a questão da ignorância do preconceito. Esse ano eu passei de novo.

Em uma aula ensinei ciranda, que não é uma dança de matriz africana. Expliquei, que eu sempre explico a origem da dança. expliquei o que era ciranda, a influencia de todas as etnias , todas as culturas, para que a ciranda se constituísse. E ai na semana seguinte, um grupo veio:

“ Professora tem alunas que reclamaram que a senhora deu macumba na sala de aula”.

Falei gente, mas eu ensinei ciranda e a ciranda nem é de matriz africana. Como assim? E ai volta à discussão, eu já to naquela fase da irritação, da vontade de dizer: vai pesquisar, vai estudar, antes de falar, vai descobrir o que é isso. Não é possível, vocês na Universidade ainda tem esse tipo de postura. (Professora Monique)

Ah, preconceito... já...Por ser Negra, por ser mulher Negra. Pra comprar em loja, pra pegar taxi e pra parar em determinados lugares, éé... Principalmente em loja, e um preconceito social muito grande. Eu cheguei, agora se eu sou amiga de A B C ou D ai muda completamente, esse é o social. É impressionante, muda completamente. Laura é amiga de fulano ai acabou, muda tudo. (Professora Laura)

Passei, passei alguns. Passei com alunos, eu dando aula na zona Sul. Sabe essa minha experiência de trabalhar com carnaval, é muita coisa tratada, essa coisa de se impor, jogar palavra, de falar, de pisar, de olhar para cara deles, e olhar assim mesmos (demonstrou), porque tem que me respeitar, porque me dou o respeito, entendeu! Se não, não respeita, tem que saber se impor mesmo. Então diante disso, eu tive altos perrengues, na zona sul assim. Uma turma assim, um colega falou: tem uma turma problema, estamos desesperados, classe média alta, os pais vivem viajando, a gente precisa de professor que tenha domínio, que segure bem a coisa, ai na época eu tinha horário vago, fui pra lá no Recreio.

Quando cheguei sabe qual foi a primeira pergunta quando eu entrei? Eles me olharam assim: “ Ih, já tem professor negro nessa escola?” Olhei assim e comecei escreve e disse: “isso não vai dar certo. Vai falando que seu pai deve ter dinheiro isso vai me dar um bom processo!” Eles sentados com pés na cadeira de perna aberta. E falei: pode sentar direito, me poupa, senta direito. Sabe, ai acabei, você ganha essa credibilidade dentro da turma nos primeiro três minutos do primeiro e segundo tempo, como você já deve ter visto. Então a partir dali... esse foi um preconceito de dentro da sala de aula, aqui já tive muito isso. Depois disso mesmo, teve uma menina com um trabalho ridículo, nessa semana⁷. E um garoto falou: Professora sabe com que a senhora parece? Com aquela menininha, aquela bonequinha que apresentou. São deboches, são situações que a gente vê, e você vê que em baixo daquilo deve ter tido um preconceito e o pior que as vezes é do próprio aluno negro isso me deixa mais ... eu sinto muito isso. Quando eu percebo que uma aluna, ta me tratando de forma áspera porque eu sou negra e a aluna às vezes também é negra. (Professora Maria)

Indaguei: E os alunos que não se reconhecem enquanto negros?

Eles se ofendem!

Pois é, mas se é para começar na base o difícil é definir qual é o núcleo dessa base que tem que começar primeiro? Na casa? E da casa ir para a escola? Mas a casa é a primeira a ridicularizar, a primeira a não ter estrutura nenhuma, nem para educar a nível social o próprio filho, né?! É muito complicado! Ai você joga para escola, a escola para outro. Outras necessidades, não ta nem ai para esse tipo de coisa. (Professora Maria)

A professora Rosa é a única que diz não ter passado pelo preconceito de raça/etnia, pelo fato de não ser reconhecida como negras pelas outras pessoas, devido sua cor da pele.

Sim. Sinto. Ééé, a questão do preconceito nunca foi pela etnia, porque as pessoas não me veem como negra, mas é até por uma opção de vestimenta, é porque eu não ligo muito para o externo, então se eu tiver que sair do jeito que eu estiver em casa eu vou sair e na minha adolescência, é havaiana, melissa, eram calçados que as pessoas não usavam, só quem usava eram pessoas de poder aquisitivo muito baixo mesmo, e eu nunca esquentei, então varias vezes por eu andar desse jeito nas lojas em nova Iguaçu, ficava de lado, mesmo chegando na loja para comprar um artigo caro e à vista você ficava sempre de lado, como ainda hoje (dando ênfase), você chega e as pessoas, vão primeiro dar atenção aquele que está bem vestido, que está de calçado melhor, com roupa melhor, então a gente passa por situações, mas são situações que a mim já não incomoda. (Professora Rosa)

Na próxima seção, analisaremos a temática referente à Lei e as Escolas das professoras pesquisadas, no entanto esbarraremos ainda na questão do preconceito, onde darei prosseguimento à discussão.

4.4. A Lei 10639/03 nas Escolas

O que me surpreende durante as entrevistas é que as quatro professoras entrevistadas de alguma forma, quando se trata da lei, mencionam a questão da religiosidade afro-brasileira, mesmo sem haver qualquer pergunta que fizesse referência a tal, a dificuldade de tratar da Lei na escola, com os colegas de trabalho e os alunos, além de ainda haver nas falas das professoras a presença do niilismo docente, a descrença está presente na fala delas. Quando não é uma descrença no sistema, é na escola, ou nos colegas de trabalho.

Quando questionamos as entrevistadas sobre o conhecimento da Lei, obtivemos as seguintes respostas:

“Sim” (Professora Rosa)

A primeira resposta bem objetiva, no entanto as demais discorreram mais detalhadamente sobre o assunto. Falando sobre a dificuldade de inserir a Cultura afro-brasileira nas escolas e algumas estratégias.

“Conheço. Trabalho, já foi mais fácil, mas hoje está mais difícil ainda. Porque é você se conscientizar que é negro, então quando você dá alguma coisa de origem africana os alunos se esquivam. Agora mesmo no trabalho com Vinicius de Moraes, com aquelas garotas que estavam ao meu redor ali (se referindo a palestra de mais cedo), eu queria fazer de Vinicius de Moraes o branco mais negro do Brasil (falamos sobre a música Samba da benção), só que elas não quiseram, eu ia colocar os afro-sambas e ia pedir para a turma dançar, não quiseram, só uma menina quis, aí depois eu larguei para lá. Tinha o Samba da benção, cantiga para Yemanjá, Cantiga para Oxum, as garotas não quiseram. As pessoas não veem esse lado artístico. Por exemplo, eu tive um grupo de Jongo aqui que perdurou por 10 anos aqui na escola. Nos 500 anos do Brasil em 2000, uma coordenadora que tinha aqui, colocou cada professor para fazer uma coisa com uma turma. Aí eu falei: vou fazer um Jongo! Comprei um CD e ensaiei as alunas da minha turma, elas estavam no primeiro ano, aí ficou primeiro, segundo e terceiro, a cada ano ia chegando mais uma, uma, mais uma. Dançaram no SESC, na Beija-flor, na Grande Rio, em colégios, os colégios vinham e convidavam o grupo de Jongo do Colégio para dançar em vários lugares, aí com o aumento dessas religiões Neo pentecostais, essas casas, aí foi caindo, caindo...” (Professora Laura)

“Trabalho. Usando a dança estratégia.” (Professora Monique)

“Conheço. Já disse né? não, não trabalho diretamente dizer essa lei. Mas já falei na didática. Como agora mesmo estava falando com elas (as alunas), não vou poder fazer aquele trabalho do ano passado. E também queria fazer... Mas já falei sobre todas as raças que criaram a população brasileira, o negro, o índio e o europeu. Ai falaram: “professora vamos tentar fazer nem que seja só as máscaras , de um índio de um europeu e de um preto”. Até porque eu não posso ter... ser racista. Eu não posso ficar batendo nisso, eu tenho que mostrar a ela, eu tenho que quebrar por ai, acho que tenho que quebrar por ai. Na hora que falar em um, já fala no outro, o índio já bota o europeu ali na mesma linha. Um vassalo e o que roubou, que foi o branco. O outro que foi roubado, que foi o índio. E o que foi abusado, que foi o negro. Entendeu? Eu acho que a gente vai conseguir emplacar, a partir que tratar todos na mesma linha. Porque quando fala de um, sobressalta o preconceito em cima do outro. Eles vão admitir tudo o negro e o branco, mas a origem branca. Mesmo porque, quando fala do negro vira bagunça, né? Você já percebeu isso? Eu acho que essa lei, eu posso ate falar dessa lei, mas aquela coisa, vai discutindo sobre isso o que elas acham que não sei o que. A gente nunca vai conseguir saber, ainda mais com essa de bíblia, a gente não pode botar uma música, que eles interferem, que não vai deixar cantar que é musica de macumba. Caramba! E a outra professora de artes é cristã...”
(Professora Maria)

Essa fala da professora Maria, nos remete ao texto de Cunha Junior (2013), quando ele fala de como a sociedade brasileira foi construída em cima de atos criminosos, o que produziu enormes desigualdades e que para que haja uma compreensão da formação da história do Brasil de acordo com a visão dos descendentes dos escravizados, é imprescindível um embasamento na história africana, o que concederia uma maior compreensão e a verdadeira profundidade da Cultura africana, nos conteúdos educacionais nos diversos níveis. (In: JESUS, et al,2013)

Na segunda questão referente a este eixo, quanto à escola se ela cumpre a Lei, podemos observar ações já tão conhecidas nas literaturas referentes ao assunto, pois hoje a Lei existe, mas não é aplicada na maioria das escolas e quando aplicada é apenas um dia de comemoração e não de reflexão, como observamos através das entrevistadas e como nos relata também Neusa Gusmão:

Na ausência de uma formação adequada, o que acontece no espaço das escolas, muitas vezes, são práticas pontuais que se realizam através de jogos, lutas, danças, músicas, comidas e religião, muitas vezes compreendidas como sendo “toda a cultura negra”. Pondera-se que, então, a lei possa ser cumprida estipulando um “dia da África”, como no caso das escolas portuguesas; ou, no caso brasileiro, atividades restritas a comemorar duas datas: 13 de maio, Dia da Abolição da Escravatura e 20 de novembro, Dia da Consciência negra. **Este último, em grande parte,**

acabou por se firmar mais como um feriado escolar, local ou regional, do que uma data de reflexão. (p.53, In: JESUS, et al, 2013)⁸

“Raramente, quando ocorre assim para mostrar que ela está sendo efetivamente usada. Eles criam um projeto, que eu me recuso a participar, porque esses projetos da escola, é só momento de comer e de dançar, a minha Prática em sala de aula, é trabalhar a lei, em todos os momentos possíveis dentro da minha sala de aula. Porque, porque eu não to criando nenhuma força⁹ de barra para introduzir a lei. A lei nada mais é do que o conteúdo que a gente já vivencia em sala de aula, basta você ter um olhar apurado para ver essa questão, já está ali dentro do conteúdo, então é o trabalho do dia-a-dia e não do oba-oba, como muitas escolas fazem somente para dizer assim: “Oh, ta vendo? To trabalhando”. Mas, é como são questões que levantam a questão do racismo, a questão da religião e sempre vai criar polemica, então muitos professores, optam para não trabalhar para não ter problema, dores de cabeça, como eles falam. Mas é um assunto que não dá para se deixar de lado, a gente tem que cada vez mais levantar a questão para que possa haver uma discussão sobre o tema e fazer com que as pessoas passem a pensar até mesmo, para sentir forte para externar aquilo que eles pensam, que muita das vezes pensa mas não transmite. Até porque acha que tudo que está vinculado a questão étnica do negro é inferior a do branco, infelizmente eles sempre fazem uma comparação e não uma discussão para que possa ser tiradas as dúvidas.

Eu já escutei de professor que se puder trabalhar África se mexer com religião ele quer aprender¹⁰. *Se a gente observar é... tem formas de trabalhar em todas as disciplinas, em todos os assuntos e é um conteúdo muito rico, mas por muitos ter.. se equivocar, em termos assim de comparações, vai sempre se levar pelo inferior , ai quem perde é ele mesmo e os aluno. Eu acho até mais, a perda é muito mais do professor que do aluno, o aluno tem vários professores então quando tem um que levanta essa questão que coloca isso em termos de um debate ele vai aprender muito mais que aquele professor que se fecha porque ele vira um ostrazinha e nem sempre, né um corpo estranho vai ser transformado numa pérola.”* (Professora Rosa)

Como ela mencionou os professores da escola, perguntei como era o corpo de professores, se eles eram antigos na escola.

A maioria já se aposentou, o que esta tendo são professores novos com novas cabeças, mas com velhas praticas. Infelizmente que aquilo que o professor tem de é ruim acaba passando para o aluno que também vai

8 Grifos da pesquisadora.

9 Palavra escrita literalmente como a professora falou.

10 Grifos da pesquisadora.

ser professor, que é a lei do menor esforço, que você não precisa se dedicar. “A vamos deixar do jeito que tá”. E quando não é a realidade, né?(Professora Rosa)

“Eu aqui na escola, somente eu e a professora Fátima. Tinha um professor de história que trabalhava isso, maravilhosamente, era só nós três, agora, somos só nós duas. O grupão não trabalha. Por isso que eu também não brigo muito, por que parece que to querendo aparecer, como eu já ouvi muita coisa, eu falo para as alunas que eu sou macaca velha, (risos).

Tanto é que estávamos comentando, que um funcionário falou assim, com a diretora nova: os alunos estão fora de sala porque a professora ta obrigando a dançar candomblé! E essa professora era eu. E eu nem estava abordando o tema, simplesmente, eles não queriam ficar em sala e inventaram isso.” (Professora Laura)

*“Obedece? **Obedece no sentido de quê? De conscientizar não!** Só se eu puxar para fazer, se não puxa, não! Se eu puxar para fazer, comprar o material, se eu inventar alguma coisa, mas também eu vou ser ridícula, vou fazer sozinha. Não tem uma data especial para isso. Seu fizer, vou fazer porque sou negra, quero puxar...*

Uma vez, foi o que, não me lembro não, uns cartazes, sei que passou batido que o pessoal acho demais. É tem isso!

Mas agora também tem uma coisa, a gente percebe , quando alguém pega para fazer alguma coisa, bota o Negro no tronco, o negro de novo naquela velha história, né? Ai eu já tento sair disso! Entendeu. Quer dizer, quando não é desse mundo, é muito engraçado! Eles quando tem que focalizar, focaliza isso! Nunca falam os maiores expoentes negros, nunca falam disso. É isso que faz sentido, é isso que a gente tem que mostrar”. (Professora Maria)

“Uma obediência superficial. Aquela coisa que cada professor inclui na sua disciplina. Cada professor tem que trabalhar nas suas áreas. Mas o que eu percebo que não tem uma discussão no coletivo. Só uma escola que eu trabalhava que a gente fazia isso. Que foi em Engenheiro Pedreira, uma escola de formação de professores, mas lá era só formação de professores e tinha uma equipe muito afinizada¹¹, então nos conseguíamos fazer um trabalho integrado, cada um na sua disciplina, mas ao mesmo tempo uma proposta interdisciplinar muito forte culminando com exposições e tal. Não era aquela coisa um dia dedicado, não, não era. Era o ano inteiro trabalhando, discutindo. Foi a única escola que eu tive essa experiência. Até porque no estado não sei qual é sua experiência, a maioria das Direções são protestantes, então isso... Foi isso que te falei de sistema falido. Acho que a gente ta vivenciando um processo muito complicado, to falando de rede Estadual, não conheço

as outras redes. Mas a gente está vivendo um processo muito complicado, porque, literalmente os professores não estão preocupados, com a qualidade de ensino não. E como existe uma cobrança do governo, uma aprovação automática camuflada, eu percebo muito uma ausência de um desejo, uma esperança nos professores, independente da área do conhecimento, de ser homem ou mulher. Está todo mundo entrando em sala de aula para cumprir o seu dever, dar o conteúdo. Currículo mínimo. “E aí o conteúdo principal, o que vai ser cobrado no SAERJ? Então tá, é isso que a gente vai dar!” E a Lei não é cobrada no SAERJ! Aí é complicadíssimo, porque a maioria dos nossos alunos são meninos e meninas negras, e aí eu discuto muito isso na faculdade: “Gente, presta atenção só o público que vocês vão trabalhar, vocês estão na Baixada Fluminense... a maioria vai trabalhar com estudantes de escolas públicas da região, então o público de vocês vão ser crianças, adolescentes e adultos negros, vocês tem que saber olhar isso aí”. Eles tem uma ausência de consciência de quem são eles enquanto indivíduos. Eu discuto corpo minha área é o corpo, né. Então essa é a primeira discussão que eu faço na Universidade: Que corpo é esse? Como é que a gente se enxerga? E como é que essa sociedade Eurocêntrica, diz para gente como a gente tem que ser? Algumas alunas caminham, né, de ter esse olhar de: ‘Caraça! O que eu to buscando? O que eu to fazendo da minha vida?’”

“Mas é um número muito reduzido. Como é que a gente faz mural (Professora de didática, no ensino superior)? Qual conteúdo vai para sala? Qual o tipo de revista que a gente usa em sala? Então é o tempo todo, essa discussão perpassa pela minha prática. O tempo todo, mas não é fácil não. A gente não consegue atingir todo mundo. Aprendem que a dança, que é a minha vertente, a dança do Negro é do demônio. A gente, em uma sociedade eurocêntrica extremamente cartesiana e conteudista, então nada que a gente discutir e que se refere a cultura africana e afro-brasileira se encaixa nessa realidade, entendeu. Então o professor para levar essa discussão, vai mexer com o que ele é enquanto indivíduo. E não é todo mundo que está predisposto a abrir essa janela, botar a cara, repensar quem é ele nessa sociedade, se ele é negro ou se ele não é. Já que ser negro hoje é uma questão de assunção, não é só uma questão de cor de pele, da maneira como você usa seu cabelo. Aí nem todo mundo está disposto a ir para essa luta de botar mesmo, a cara para bater, travar discussão com aluno, travar discussão com a direção”. (Professora Monique)

As ações estão distantes da questão da reflexão, da conscientização quando se trata da escola, é mais um momento de mostrar que a lei está sendo aplicada através das culminâncias, o que não prova que a lei está sendo efetivamente aplicada. Com observamos na fala da Professora Rosa, ela se recusa a participar desses momentos que ela chama de “oba-oba”, que em seu ponto de vista, o intuito da Escola seria apenas para mostrar à supervisão que a Lei está sendo implementada na Escola. Faltando assim uma conscientização do alunado e dos educadores quanto à necessidade do assunto.

Ao relacionar as três identidades das entrevistadas, o ser mulher, ser negra e ser professora, aos processos educativos e a aprendizagem, temos as seguintes respostas:

“Sim, por que... nas relações humanas o que importa é o diálogo entre os seres, é esse diálogo que faz com que a gente passe a observar o outro e até nem concordar com que o outro fale, mas a gente tem que garantir o espaço para ser dito para ser conversado para ser vivenciado, porque só assim que a gente acaba trocando experiência até mesmo a negação deles nos traz experiência, até para gente pensar como é que a gente pode abordar o assunto de uma forma que vai plantar uma sementinha em cada um para que isso germine mais tarde, o importante não é que... a pessoa concorde com você de imediato, o importante é você conseguir transmitir alguma coisa a ela, levar ela a pensar sobre o assunto e nessa reflexão certamente ela vai ter um ganho.” (Professora Rosa)

“É igual ele¹² falou assim: é que eu não larguei o osso. Acho que tudo é possível, que a sociedade mudou, as crianças mudaram, mas que é possível você transformar ainda, é possível eu acredito, acho que é por isso que to aqui ainda. Eu acredito ainda, tenho esperança. Sempre digo que a gente que lida com criança e com adolescente, a gente nunca pode perder a esperança, nunca pode.” (Professora Laura)

“Bom, aprender comigo?! Eu acho muita pretensão eu achar que os processos educativos podem aprender comigo! Eu não sei dizer não! Eu acho que é a tenacidade a teimosia, é o processo de se repetir sempre, é o não desistir, achar que vale a pena recomeçar, que vale a pena tentar. Entendeu. Tentar criar todo um sistema voltado para uma educação melhor. Pra arte que é meu meio. Não sei se isso te responde?!(...)” (Professora Maria)

E continua, demonstrando sua indignação com o Governo que só quer exigir, segundo ela.

“Não, eu não consigo fazer isso. Posso até estar errada! Ele¹³ quer isso vai ter isso, mas eu vou dar a aula que eu acho que tenho que dar. Entendeu. Lá no planejamento, ai tem um currículo né?!Você já viu que muitas coisas não tem nada a ver? Aquilo ali é um absurdo. Mas é o que ele quer, como quer que você de acima de 5, pra você não ter que fazer relatório. Então eu não vou mais lutar, eu não vou mais brigar, sabe por quê? Porque a gente briga e acaba se prejudicando muito. Então essas coisas assim que a gente tem que, esses fatores... Esse espaço a gente vai ter que criar, se a gente for seguir isso tudo, ai a gente vai acabar se afastando mais ainda dos alunos. Porque já está muito difícil dar aula hoje em dia, com tanta agressão, com tanta

12 Quando cheguei à escola, estava acontecendo a Semana Pedagógica das Normalistas, com a presença de um palestrante, que abordava assuntos como: a necessidade da Formação de um professor consciente, a importância de uma formação para o não preconceito e a Lei 10639/03.

13 Está se referindo ao Governo do Estado.

interferência da casa, da casa na sala. Da casa que eu digo, depois que deram esse cartão de família, cartão disso e daquilo... Entendeu, um montão de coisas absurdas. Então você tem que, eu acho que tem que criar a sua linguagem, a sua metodologia, meu processo é esse, se eu resolver eu dou na turma se estiver precisando. Eu não sei o que eu vou poder ensinar a eles, acho que eu tenho que ensinar eles a repetir o professor, acho que eles estão se achando a cima de qualquer coisa e não estão! Entendeu? Eu acho que é a única coisa que eu posso ver é isso! Todas as escolas entraram num mesmo processo de classificação, de querer só projeção, de quer mandar não sei o que, é isso que esta acontecendo! Me agride esse tipo de trabalho, me agride! Eu gosto de arte, mas arte mal feita é feia. Uma comunidade toda quebrada é feia, mas pinta fica bonita não fica?! Pra você ver as coisas são fica sem sentido. As coisas aqui são soltas, não tem acompanhamento. Toda técnica que dou, elas (as alunas) sabem porquê, quando elas podem usar, para que elas vão usar. Para chamar atenção, para dar calma, para voltar a calma, eu mexo um pouco com terapia, trabalho com terapia”. (Professora Maria)

“O que os processos educativos podem aprender é essa necessidade da abertura, essa necessidade de olhar o outro como diferente, mas um diferente que esta incluído, na estrutura social, não o diferente que tem que ser excluído. Essa que é minha discussão, que é minha preocupação o tempo todo. E outra coisa também, vou voltar no corpo, o tempo todo o meu olhar, o que eu transmito é essa necessidade do corpo liberto, eu acho que eu devo isso a minha formação enquanto mulher negra. Um corpo que está aberto, esta liberto, que se mexe, que se movimenta, que sente, que chora, que ri, o corpo de uma mulher de 46 anos que não carrega... Uma vez eu ouvi isso de uma amiga: você não se comporta como uma mulher de 40anos. O que é se comportar como uma mulher de 40 anos? Eu não sei o que é ser uma mulher de 40 anos, então... Esse é o meu diferencial, essa é uma das grandes contribuições que eu trago para a realidade escolar, eu trago esse corpo que é muito livre. Livre de preconceitos de amarras, é o corpo que dança, sem estereótipo, que não tem contagem marcada, é o corpo que... é uma coisa que vem da cultura africana, né?! Vivencia o tempo o ritmo, a música de acordo com a minha própria realidade, com a minha própria identidade, que a cultura Europeia não trabalha com esse corpo da mesma forma. Na cultura Europeia esse corpo é prisioneiro, né... A cultura Europeia aprisiona o corpo, e as danças de origem africana e afro-brasileira fazem justamente o contrario elas libertam e é isso que eu trago pros lugares onde trabalho... Também porque eu fiquei muito tempo longe da dança. A Universidade faz isso com a gente, quando você começa, a entrada para universidade, a entrada para o Mestrado, eu fui ficando cartesiana demais, demais da conta. Então o meu corpo foi ficando aprisionado, eu já não dançava mais, eu só lia e estudava, dava aula, as minhas aulas ficaram rigorosas

demais , porque meu corpo estava muito aprisionado. Eu tinha aluno que dizia que eu era um sargento general. Eu não usava roupas coloridas, eu só usava roupas que me deixavam neutra, bege, branco, preto. Então a negação mesmo, é a partir do momento em que eu volto a dançar, que resgato minha relação domas danças de matriz africana, tudo isso começa a mudar, então de uns 10 anos para cá, eu comecei esse processo de resgate.”(Professora Monique)

A professora Monique fala dessa importância do Corpo liberto, que é uma característica da Cultura Afro-brasileira, diferente da Cultura Europeia que aprisiona. O que é abordado por Petit e Cruz (2008), através de discussões com autores como Muniz Sodré e Eduardo D. de Oliveira e Hampaté Bâ, tratando das dimensões da cosmovisão africana e como essa pode contribuir para uma forma diferenciada de ensinar, utilizando o termo arkhé, para caracterizar culturas, como a negra por exemplo, que são fundadas na vivência e no reconhecimento da ancestralidade.

Destarte, como a ancestralidade, a tradição, como “transmissão da matriz simbólica do grupo, as arkhés são ecológicas, por realizar “a confraternização do ser humano com as plantas, animais e minerais”, acredita também no axé, “ enquanto lugar que irradia a força”, admiti-se a supremacia onde o mais velho é o possuidor de axé “ pela sabedoria adquirida pela vivência”. E tendo no Corpo a Centralidade, visto que ,“o corpo fala””, como acentua Pierre Weil (1999, p. 88, apud PETIT e CRUZ, 2008, p.4). O corpo é o modelo, é a marca. Deste modo, nas culturas negras africanas, o corpo está presente nos rituais. “A dança é marca temporal do sagrado e manifestamente pedagógica:”

no sentido de que expõe ou comunica um saber ao qual devem estar sensíveis as gerações presentes e futuras. Incitando o corpo a vibrar ao ritmo dos cosmos, provocando nele uma abertura para o advento da divindade (o êxtase), a dança enseja uma meditação, que implica ao mesmo tempo corpo e espírito, sobre o ser do grupo e do indivíduo, sobre arquiteturas essenciais da condição humana. (PIERRE WEIL, 1999, p.124, apud PETIT e CRUZ, 2008, p.5)

E Professora Monique continua falando da presença do preconceito velado, o mais difícil de exterminar é feita essa superação através da criação e de sua cultura familiar.

Uma mulher negra, com uma filha negra numa classe media, era lidar com preconceito diariamente... Então todo o tempo eu tive que trabalhar com ela (a filha) esse processo então naturalmente...

Começa a lidar com outra forma de preconceito, por que o preconceito é velado, na classe média e na classe alta o preconceito é velado.

É muito difícil, porque você olha e você não se enxerga. Porque todas as suas amigas são de outra etnia, a menina negra ta onde? Na comunidade, ela não está no condomínio onde eu moro.

Eu sou de classe popular, e cresci em escola publica, eu convivi mais de perto com meninas negras, mas mesmo assim eu não deixei de sofrer preconceito e de ter uma questão confusa na formação da minha

identidade, mas a razão era uma. Ela ta passando pelo mesmo processo por outras questões, que na verdade vai culminar no mesmo ponto né?! Na sociedade o tempo todo desvaloriza, seja na classe popular , seja na classe média, seja na classe alta, quem é esse negro, quem é essa mulher negra, quem é esse homem negro. Bem complicado. É questão da luta, né?

É uma coisa legal de dizer. você falou da minha avó, eu sei que seu tema é a mulher negra, e que nem sempre numa relação familiar o homem tem um papel diferencial, geralmente essa relação da mulher é com a mãe , com a tia, com a avó, mas na minha família esse lugar do homem negro filho de escravos, foi justamente esse...

Minha mãe diz que o meu avô, era ele que trazia para conversa, era ele que contava historia, ai você tem esse lugar do Griot. Ele fazia muito bem o papel do griot, na família e na comunidade, então quando a gente nasce, e eu não conheci esse avô, minha mãe, minha tia, minha outra tia, madrinha, elas mantiveram o lugar do griot, entendeu.¹⁴

Então o tempo todo o meu referencial, não é a minha mãe somente, é minha mãe e meu avô que eu nem conheci.” (Professora Monique)

CONCLUSÕES PARCIAIS: AINDA HÁ MUITO CAMINHO A TRILHAR

O objetivo principal dessa pesquisa era analisar as construções identitárias de Educadoras negras e como esses processos influenciavam em suas ações pedagógicas, e para tanto utilizamos da entrevista como meio para chegar às falas dessas professoras, além de pesquisa bibliográfica, relacionada á questões de raça, Gênero e Educação Brasileira, bem como a Educação do Negro no Brasil. Deixo claro desde já, que as conclusões que chegamos foram parciais devido ao rico material que tivemos em mãos após as transcrições das entrevistas.

Nessa pesquisa utilizei o suporte bibliográfico, para que pudesse ter embasamento teórico para me aprofundar na pesquisa de campo. Necessitei conhecer um pouco mais da historia dos Movimentos Negros e de sua busca pela educação, logo tive que me aprofundar na história da

Educação em nosso país, reconhecendo a importância dos negros nessa luta e principalmente das professoras negras no auxílio da construção dessa nação.

Devido às falas das professoras negras entrevistadas pude observar a presença marcante do ideal de professora disseminada pela sociedade, esse fez parte da formação delas, trazendo assim uma mulher complexa, pois ao mesmo tempo que é frágil também luta, é maternal mesmo sem ser mãe, é sinônimo de cuidado e dedicação, tendo a profissão docente sempre se confundindo à sua construção de gênero, não que os homens não sejam capazes de ser bons professores, mas elas já nasceram preparadas para esse labor, trazem nos seus genes as habilidades para tal.

Para a professora Monique, está intrínseco o ser Mulher lutadora a ser Mulher Negra, percebo isso mais nela do que nas outras professoras, banca a bandeira da negritude, da Mulher Negra na luta, pois não é qualquer mulher, como ela diz, quando define mulher define o que é ser Mulher Negra, Guerreira, Amazona, que cuida. A relação familiar influencia nas suas práticas, de modo que foi na família que aprendeu o cuidado com o outro e o gostar de cuidar do outro. Fala sobre a importância da consciência que adquiriu em família, do que é ser Mulher Negra na sociedade. Todas foram influenciadas de alguma forma pela família, no entanto a Professora Rosa se vê como Ser Humano a parte de gênero.

Obtiveram uma ascensão profissional em relação aos pais, pois conquistaram um “capital cultural” erudito, antes ausente nos membros da família, de modo que apenas na geração delas se encontravam pessoas com formação de nível superior. Os pais as impulsionaram embora o pai de Maria quisesse que ela tivesse uma profissão que o projetasse e os pais de Rosa não aceitaram sua escolha profissional, embora valorizassem seus estudos.

Verifiquei tópicos importantes abordados pelas professoras entrevistadas como o preconceito, o racismo, a falta de comprometimento das Escolas com a Lei 10639/03, a obrigatoriedade de se abordar um currículo distante da realidade dos alunos, bem como a ancestralidade, a autoafirmação da beleza. Pude notar que a dificuldade de se tratar da Lei 10639/03 caminha junto ao desconhecimento do que seriam as Culturas Africanas e Afro-brasileiras, devido ao preconceito que foi e ainda é disseminado por tantos meios, bem como por algumas religiões judaico-cristãs na busca de mais fies. E que mesmo sem perceber elas encontram-se imersas em um niilismo docente.

As professoras conhecem e trabalham com a lei, mas, o niilismo surge, por falta de espaço e condições de trabalho, por terem que seguir o sistema, por não poderem contar com a escola para impulsionar projetos em relação à Lei 10.639/03, encontram-se sozinhas realizando pequenas ações em sala de aula, sentem-se engessadas a um sistema, sentem-se desanimadas, pelo fato de saberem que os preconceitos e o racismo só serão liquidados e a equidade alcançada com a união da Instituição escola em prol de uma educação menos excludente. Se viver em sociedade é produzir cultura, precisamos reconstruir a cultura escolar incluindo as Culturas Negras efetivamente no Currículo escolar.

A ausência de uma formação adequada abre espaço para professores mal formados, utilizando práticas pontuais, através de algum viés das Culturas Afro-brasileiras para alegar que a lei está sendo cumprida, em dias específicos, feriados, perdendo o verdadeiro sentido pelo qual a Lei foi criada, o da Reflexão e Conscientização. Onde as professoras alegam haver uma “força” de barra, uma obediência superficial, não o de conscientizar, sendo necessário apenas cumprir e realizar as provas oficiais mostrando que a escola está com bons índices.

Pode-se observar a presença constante, de modo não ser possível desvincular as religiões Africanas e Afro-brasileiras. Pois, nas Culturas Negras, como foi visto, está intrínseca a

ancestralidade, a tradição oral, o corpo, com representação nas danças e jogos, a ligação com a natureza, que está representada nos Orixás presente nas religiões afro-brasileiras. Por conseguinte, constata-se a necessidade dos ensinamentos da cosmovisão africana não só aos alunos nas escolas, mais também uma formação continuada séria aos professores, pois a palavra conscientizar se torna palavra de ordem, para sanar as deficiências em aplicar a lei, consequentemente erradicando os preconceitos aos símbolos, às culturas africanas e afro-brasileiras, bem como aos afro-brasileiros que é a maioria da população presente na Escola pública.

Desconstruir os efeitos danosos dessa Educação racista que ainda temos, depende muito de uma mudança na trajetória da formação de professores, além de um engajamento político, na luta por uma educação mais crítica reflexiva, pois “o que pensamos o que cremos o que somos revela o que podemos nos tornar, como em Maturana e Varela (2001) ‘tudo o que é dito é dito por alguém, significa que ao refletirmos produzimos um Mundo.’” (CASTOR, 2013)

Em relação aos processos educativos e o que elas poderiam ensinar a eles, dizem que “*nas relações humanas o que importa é o diálogo entre os seres, é esse diálogo que faz com que a gente passe a observar*” o outro, é o não “largar o osso”, que não se deve largar o que acredita, é ter esperança, pois os processos necessitam de abertura e o adquirir a consciência, é o plantar a semente para que um germine e possa dar frutos.

Nós educadores precisamos romper com a naturalização das diferenças em desigualdades, tanto a de Gênero quanto a Racial/Étnica. Desmistificar as culturas Negras quanto ao significado que deram a elas o do exótico e folclórico, evidenciar que as produções culturais negras, vão efetivar as construções identitárias Negras, como a dessas mulheres entrevistadas, possibilitando a construção do nós, com uma história e uma identidade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ABREU, E. M. G. **Aspectos do 2 de Julho: 15 anos de Independência na Bahia**. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, 1973.
- ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru. Edusc, 1998.
- APPLE, M. W. A Política do Conhecimento Oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional? . In: MOREIRA, Antonio Flávio. Silva, Tomaz Tadeu da. (orgs.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. 3ª ed. – SP: Ed. Cortez, 1999

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Organização: Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis, Ed. Vozes, 2005

CARVALHO, I.M. **O processo didático**. 5ª ed.- RJ: Ed. Da Fundação Getulio Vargas, 1984.

CASTOR, K. G. **Narrativas da Umbanda e sua relação com a Educação Ambiental: Subjetividades subversivas**. VII Seminário Internacional- As Redes Educativas e as Tecnologias e subversões na atualidade. 2013

CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e Anti-Racismo na Educação : Repensando nossa Escola..** São Paulo: Selo Negro, 2001.

COELHO, W. de N. B. **A Cor ausente: um estudo sobre a presença do negro na formação de professores**. Belo Horizonte: Mazza Edições; Belém : Editora Unama, 2006.

CUNHA JR, H. Diversidade Etnocultural e Africanidades. In: **Dez anos da Lei Nº 10639/03: Memórias e perspectivas**. Regina de Fátima de Jesus (et.al.) Fortaleza: Edições UFC, 2013.

CUSTÓDIO, M.A. HILSDORF, M.L.S. **O Colégio dos Jesuítas de São Paulo (que não era Colégio e nem se chamava São Paulo)**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. São Paulo, nº 39, 1995.

FERREIRA, R.F. **Afro- Descendente: Identidade em construção**. São Paulo: EDUC: Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

GOMES, N.L. **A Mulher Negra que vi de Perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: **Racismo e Anti-Racismo na Educação : Repensando nossa Escola**. CAVALLEIRO, Eliane (org.). São Paulo: Selo Negro, 2001.

_____. **Cultura Negra e Educação**. Revista Brasileira de Educação, nº23, Maio/Agosto, 2003, pp.75-85.

_____. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GONÇALVES, A. N. da S. **Luiza Mahin: uma rainha africana no Brasil**.- 1ª Ed.- Rio de Janeiro: CEAP, 2011. (Cadernos CEAP)

GONÇALVES, L.A.O. & GONÇALVES E SILVA, P.B. **Movimento Negro e Educação**. Revista Brasileira de Educação. Set/Out/Nov/Dez, 2000. nº 15.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaide La Guardia Resende...(et al).- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

MELO, Victor Andrade de. ALVES JR., Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. Barueri, SP: Ed Manole, 2003.

MULLER, M.L.R. **A cor da escola: imagens da Primeira Republica**. Cuiabá, MT: Entrelinhas/EdUFMT, 2008.

MUNANGA, K. Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo. IN. : Oliveira. I. de. et al. **Cadernos PENESB Especial: Curso ERER**. Niterói, n.12, 2010.

NASCIMENTO, C. F. do. **Histórias de vida de professoras negras: trajetórias de sucesso**. Coletânea Educação e Relações Raciais. Maria Lucia Rodrigues Müller e Candida Soares da Costa (org.) Volume XXII. Editora da Universidade federal de Mato Grosso, Cuiabá. 2013

NASCIMENTO, E.L. Sankofa: educação e identidade afrodescendente . In: **Racismo e Anti-Racismo na Educação : Repensando nossa Escola**. CAVALLEIRO, Eliane (org.). São Paulo: Selo Negro, 2001.

NUNES, C. (Des)Encantos da modernidade pedagógica. In: TEIXEIRA, Eliane Marta etl(org). **500 anos da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

OLIVEIRA, I. de. **Cor e Magistério**.(org) Quarter: Niterói,RJ:EDUFF,2006.

_____. Raça, Currículo e Práxis Pedagógica. In. OLIVEIRA, I. e SISS, A. (Orgs.) **Caderno PENESB, Periódico de Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira**, Niteroi, Quarter/ EdUFF, n°7, Nov. 2006. p 43-70.

PARAÍSO, M.A. **Gênero na Formação Docente: Campo de silêncio no currículo**. Caderno de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas. Nov.1997. n° 102

PETIT, S. H. e CRUZ, N. B. Arkhé: Corpo, Simbologia e Ancestralidade como canais de ensinamento na Educação. 31ª Reunião ANPED, GT-21: Afro-Brasileiros e Educação, 2008. <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT21-4159--Int.pdf>

PINTO, R.P. **A Educação do Negro : Uma Revisão da Bibliografia**. Caderno de Pesquisa, São Paulo (62): pp 3-34, Agosto, 1987.

_____. **Raça e Educação: Uma articulação incipiente**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n.80, p.41-50, fev.1992.

_____. **Movimento Negro e Educação do Negro : Ênfase na Identidade**. Caderno de Pesquisa, São Paulo, n.86, p.25-38, ago.1993.

REIS, M. C. G. **Mulheres Negras e professoras no ensino superior: As histórias de vida que as construíram**. Tese de Doutorado. UFF, 2008.

Retrato das Desigualdades de gênero e raça- 3ª edição- Análise Preliminar dos dados. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) ; Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. Brasília, setembro, 2008. <http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>

SACRISTÁN, J.G. **Currículo: uma reflexão para prática**. Trad. Ernani F. da F. Rosa- 3. ed. – Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SANTOS,C. **“A mulher negra”**. Coletivo de Mulheres Negras da Bahia, ano I, n.2, jul/ago. de 1982.

SANTOS, E. A. **Histórias de vida, Gênero e Profissão Docente: as representações sociais das alunas egressas do curso de pedagogia da FCT-UNESP**. Seminário Internacional Fazendo Gênero. Agosto de 2006. Florianópolis, Santa Catarina. http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/E/Elizabeth_Angela_dos_Santos_42.pdf

_____. **Gênero e Profissão Docente: As representações sociais das alunas egressas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP, Campos de Presidente Prudente- SP**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, São Paulo, 2008.

SANTOS, S. A. dos. **Movimentos Negros, Educação e Ações Afirmativas**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia - Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SERRANO, C.; WALDMAN, M. **Memória D'África: a Temática Africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.

SEYFERTH, G. **As Ciências Sociais no Brasil e a Questão Racial**. IN SILVA, Jaime da; BIRMAN, P.; WANDERLEY, R. (ORGS). **Cativeiro e Liberdade**. Rio de Janeiro: UERJ, 1989.

SISS, Ahyas. **Afro-Brasileiros, Cotas e Ação Afirmativa: razões históricas**. Quartet: Rio de Janeiro,2003.

_____. Imprensa Alternativa Negra, movimento negro e educação brasileira. In: SISS, A. & MONTEIRO, A.J.J. (Orgs.). **Educação, cultura e relações interétnicas**. Rio de Janeiro: Quarter/Edur, 2009.

SOUZA, E. P. Professoras Negras - a escola como tessituras da territorialidade ancestral. In: COELHO, W. de N.B. e MAGALHAES, A.D.T.(Orgs.) **Educação para a diversidade: olhares sobre a educação para as relações étnico-raciais**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

TEIXEIRA, M. de P. A presença negra no Magistério: aspectos quantitativos. In: OLIVEIRA, I. de (Org.). **Cor e Magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói, RJ: EDUUF,2006.

TODOROV, Tzvetan. Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana; tradução Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ANEXOS

ANEXO-A



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEDUC- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES
GPESURER – GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO SUPERIOR E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS

Roteiro de Entrevista

- Identificação: () 1 () 2 () 3 () 4
- 1. Pseudônimo:
- 2. Data de Nascimento:
- 3. Estado Civil:
- 4. Gênero?
- 5. Qual a sua cor?
- 6. Em termos de classe social, como você se define?
- 7. Para você, o que significa ser mulher e quais as principais consequências que vem com essa identificação?
- 8. Em que contextos e relações (família, escola, amigos, meio religioso...) você aprendeu a ser mulher?
- 9. Qual o grau de instrução de seus pais?
- 10. Quantas pessoas da sua família possuem curso superior?
- 11. Qual a posição de sua família e de seus pais, em relação a sua escolha profissional?
- 12. Quanto tempo faz que você exerce o Magistério?
- 13. O que te faz professora?
- 14. Ser Negra e Professora: o que isso significa para você?
- 15. Suas identidades de Mulher e Negra possuem alguma relação com sua prática pedagógica?
- 16. Há diferenças de tratamento dispensado às professoras negras e brancas pela escola?
- 17. Enquanto Mulher, Negra e Professora, você passou por alguma experiência de preconceito? Você se sente à vontade para falar sobre ela?

18. Você conhece a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?
19. A escola na qual você trabalha obedece à essa Lei e às suas Diretrizes?
20. Mulher, Negra e Professora: o que os processos educativos podem aprender com você?

ANEXO B



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PPGEduc - PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADEMICO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E
DEMANDAS POPULARES.
GPESURER – GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO SUPERIOR E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Caríssima Senhora, _____.

Joanna de Ângelis Lima Roberto é membro do GPESURER – Grupo de Pesquisa Educação Superior e Relações Étnico-Raciais, sendo também aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação, Contextos Populares e Demandas Contemporâneas – PPGEduc – da UFRRJ, onde desenvolve a pesquisa “*Construções Identitárias de Educadoras Negras*”, sob minha orientação. A mestranda está em fase de coleta de dados para a pesquisa que desenvolve com vistas à elaboração de sua dissertação de mestrado. Nesse sentido, solicitamos à V. S^a a gentileza de atende-la, respondendo a um instrumento de coleta de dados que é parte essencial de sua pesquisa de campo. Nessa pesquisa, seguiremos os “Protocolos Para Projetos de Pesquisa que Envolvem Seres Humanos” da Comissão De Ética Na Pesquisa / Comep-UFRRJ. Antecipamos agradecimentos pelo seu atendimento e colaboração. Cordialmente,

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Ahyas Siss', is positioned above the typed name.

Ahyas Siss
Professor/pesquisador do PPGEduc/UFRRJ
GPESURER - Grupo de Pesquisa Educação Superior e Relações Étnico-Raciais/CNPq (líder)

AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Em caso de publicação dessa pesquisa e de seus resultados parciais e/ou totais, EU _____, autorizo a publicação das informações aqui fornecidas, desde que preservado meu anonimato.

Assinatura.

Nova Iguaçu
Julho de 2013.

ANEXO C



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEDUC- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES
GPESURER – GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO SUPERIOR E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS

- Identificação: () 1 (x) 2 () 3 () 4

1. Pseudônimo: Rosa.

2. Data de Nascimento: 18/11/1963

Vou fazer 50 anos.

Pesquisadora: Isso merece uma festa?

To tentando fugir, porque eu não gosto de festa. Porque eu fui rejeitada pela mamãe, minha mãe uns 4 anos antes dela morrer eu descí para tomar café com ela no dia do meu aniversário ela tava chorando demais e maldizendo o dia que ela fez tratamento para me ter, é porque eu nunca fui uma filha da qual ela queria né..., por que ela queria uma árvore de natal, aquela mulher que anda de cabelo sempre arrumado, maquiada, com muitas joias.

Pesquisadora: Mas, eu te vejo tão feminina!

Isso pra ela era uma morte porque ela acha que eu tinha que ser assim, salto alto... minha mãe sempre valorizou muito o externo a ditadura da beleza, tinha que ser magra, ta bonita, arrumada, e muito a questão da posse, o poder para ela estava no dinheiro e no controle que uma pessoa pode ter sobre a outra. E como eu, a única coisa que eu sei é o conhecimento que a gente tem da gente, para mim o que importa não é o que esta por fora mas o que esta por dentro, ai ela se entristecia muito. É porque coitada o final dela foi muito triste, porque ela entrou em depressão com a morte da irmã passou a fazer as necessidades na fralda, uma mulher muito vaidosa, perceber que nós não somos perfeitos, nós só somos mais uma criação da natureza, que a gente vive, é muito triste.

3. Estado Civil: Eu casei muito cedo , em 84.

Casada há 29 anos, com uma família tipicamente Europeia, eles não aceitam eu falar, mas, usando o preconceito, eu enegreci a família deles, de vários aspectos porque eu sou a única que trabalho fora, a única independente e sou a única ovelha negra, porque mesmo eu sendo filha única meu modo de vida foi muito chocante para eles, porque eles são fechados neles mesmos, eles só convivem com pessoas do círculo deles eu não, costumo dizer que sou do mundo, já que papai do céu não me deu irmãos de sangue eu tenho muitos irmãos do coração, um filho da barriga, mas sou adotada por vários outros, não foi nem eu que os adotei , tem Rodolfo, Luciana, Lucas, Thais e Tatiane, são 5 que me adotaram.

4. Gênero?

O que aconteceu é que eu fui criada para ser ao homem e a filha mulher, fui rejeitada quando nasci, por que meu pai queria um filho homem e veio uma menina depois de 9 anos de casado, então com 7 anos de idade eu já estava no açougue trabalhando no caixa sendo obrigada a fazer as quatro operações porque, eu tinha que dar conta do filho homem que ele queria ter e ao mesmo tempo tinha que ser extremamente feminina em casa porque era a filha mulher que a mãe queria ter. Depois do açougue papai passou a trabalhar na feira, eu passei a trabalhar com ele como porqueira, ele tinha... criava, bichos então... a gente era obrigado a ir aqui para os terrenos (mora no local, até hoje?), para amarrar os cabritos, para cuidar dos cabritos e quando precisava matar porco, a gente tinha que matar porco, ai para a feira e ao mesmo tempo tinha que produzir na escola, né?... Então a adolescência até pouco tempo mais porque eu entrei para o Estado.

5. Qual a sua cor?

Eu sou Negra (sem dar tempo para pensar)

Pesquisadora: mas você é negra? Mas quando a gente fala cor, a gente não vê a pele?

É só que pra mim, não tem essa coisa de pele, eu acho que tem pelos valores, que a gente adquire , através da vida. Eu tenho um avô negro, porque meu avô era mulato, mulato... negro, que tinha uma tonalidade linda, uma cabeça linda, com olhos azuis maravilhosos, ta! Se você pegar minha estrutura física, eu tenho meus quadris largos, uma grande abundancia meu nariz não tem nada de afilado, acho que se encaixa muito bem com meu rosto. E o interior? Uma força muito grande. As pessoas, que ao me ver, né, não me classificam como Negra, mas eu me reconheço como Negra.

Pesquisadora: e ninguém puxou a cor dele?

Não, infelizmente não. Os filhos deles dois (2) são similares, mas tinham olhos verdes, porque minha avó era cabocla, né...e tinha olhos azuis e ele mulato também com olhos azuis. Então todos os filhos deles, os 8 filhos, tinham olhos verdes, na minha geração, somos... eu e 4 mais 2 e 7 e 2, 9, 11... somos 15 netos, desses 15 netos, somente 3 tem olhos castanhos, então os netos com olhos claros, eles se recusam a pensar na possibilidade de dizer que é negro.

Pesquisadora: E quando fala que seu avô era negro, eles aceitam?

Não, era moreninho, mais claro.

6. Em termos de classe social, como você se define?

Classe média, porque mesmo o professor ganhando pouco, a gente em vista de muitas profissões, pela quantidade de horas de trabalho, a gente recebe um valor que não é tão pouco assim, é que o

mundo capitalista, te exige cada vez mais, cada vez mais consumo, então você quer cada vez mais, para ter mais.

7. Para você, o que significa ser mulher e quais as principais consequências que vem com essa identificação?

Não... eu hoje me identifico como Ser Humano, independente de Gênero, até porque eu descobri, que mesmo ainda sendo preconceituosa, porque o preconceito a gente não abandona ao longo da vida, eu tenho que me policiar 24 horas por dia, para tentar não cometer nenhuma situação que envolva o preconceito. É muito difícil, eu me ver como A Mulher (com ênfase) porque mulher, a gente acaba ligando à fragilidade e raramente eu me permito (dando ênfase de novo) ser frágil.

8. Em que contextos e relações você aprendeu a ser mulher?

Apesar de ter passado por tanta coisa, numa educação tão complexa como a que eu tive, eu nunca me permitir ser amarga.

Pesquisadora: mas você é um pouco dura, né?

Sim, comigo mesma, eu acho que o transtorno obsessivo compulsivo que eu tenho em organização é mais comigo, porque eu não me permito ser frágil. Eu não me permito cair, eu tenho que estar pronta para qualquer diversidade.

Pesquisadora: Então você é mais apegada ao seu pai, né? Por você ter passado mais tempo com ele, trabalhando com ele?

Não é seja mais apegada, eu sempre estive mais com ele, mas eu nunca tive oportunidade de falar com ele o que eu queria, minha mãe nunca me permitiu isso, eu tinha que primeiro falar com ela para ela falar com ele. Eu só vim conhecer meu pai de fato e meu me conhecer, de nove (9) anos para cá, depois do falecimento dela , porque ela nunca me viu como filha, ela me via como uma adversária, que poderia roubar o amor dele em relação a ela. Então eu passei a vida inteira, com minha mãe competindo junto comigo, né espaço. Quando eu percebi que eu não tinha porque competi, ela passou a competir sozinha. Só que ela nunca aceitou o envelhecimento, e eu era a prova viva que ela estava envelhecendo, conforme eu crescia ela envelhecia então, ela me afastava mais ainda dele. Quando chega aqui em casa conhecido dela e de papai, quando ela era nova ela se escondia, porque eles não podiam ver o quanto ela tava envelhecida, porque ela dizia que era uma mulher de fechar comercio de nova Iguazu.

O mais interessante foi a forma de criação que eu tive, sendo criada como o filho homem e a filha mulher, isso me preservou. Que eu não me tornei uma filha mulher fútil, tive que buscar o meu caminho, construir o meu saber eu busquei o q, todo o meu melhoramento, todo meu crescimento estaria na aprendizagem, porque casada formada com uma matricula no Estado eu poderia ter me dado por satisfeita, mas não eu fui buscando mais, fiz Estudos Sociais, depois fui trabalhar no SESI para fazer um pé de meia, quando eu voltei para fazer história, eu pedi demissão no SESI, pra fazer outra graduação e na época eu fazia GLP (dobra), e na escola de GLP eu sempre dizia que eu ia fazer um concurso para ter uma matricula lá. E todos riam da minha cara, vai conseguir nada, você vai trazer sua matricula do R. para cá. Eu: não, vou fazer outro concurso e vou trazer a minha matricula para cá. Eu fiz o concurso, fui chamada e me tirou a GLP, estou lá hoje com matricula, o que a gente sonha, se a gente batalhar, a gente pode realizar.

9. Qual o grau de instrução de seus pais?

Pai analfabeto, minha mãe tinha até a 4ª série.

10. Quantas pessoas da sua família possuem curso superior?

Da família inteira? Porque da minha mãe eram oito (8) irmãos. Da família da minha mãe tem eu e Dinha, somos duas; duas mulheres.

11. Qual a posição de sua família e de seus pais, em relação a sua escolha profissional?

Ficaram decepcionadíssimos, porque meu pai não aceitava que eu fizesse o magistério, para ele, nas palavras dele quando eu me matriculei na formação de professores (colégio Iguaçuano), era que é mais fácil ensinar um cavalo a baixo de chicote do que uma criança e é a grande decepção que eu tenho é que mesmo eu sendo professora, eu não consegui alfabetizar meu pai, ele sempre se recusou a ser alfabetizado.

Agora meus pais sempre valorizaram os estudos, mas o estudo até o ensino médio, porque quando chegou para eu fazer a graduação, eu não podia estudar fora de Nova Iguaçu, porque eles achavam que eu podia ser sequestrada, então eu me casei muito cedo, casei em 84, casei 10 dias depois que eu entrei para o Estado, logo tive filho, então durante meus primeiros sete (7) anos, minha dedicação foi, uma matricula no Estado, minha casa e meu filho. Meus filho fez 7 anos, já o vi com uma independência, comecei a buscar para mim, ai fui fazer o adicional, fiz ééé a graduação em Estudos Sociais, como Estudos Sociais se perdeu com o tempo, eu voltei para fazer História.

12. Quanto tempo faz que você exerce o Magistério? 29 anos.

Em 84, eu já estava casada trabalhando no Estado como professora, quando faltava algum empregado eu tinha que faltar serviço para ir atender ele na feira, eu fui criada como um imóvel para dar lucro, eu não tinha direitos, só tinha deveres, não tinha vontades, eu podia, ia chegar nove (9) horas da noite em casa, era meu horário, mais do que isso não era permitido, mas eu tinha a obrigação de sair duas (2) horas, três (3) horas para feira com ele para armar a barraca, na feira tinha que fazer entrega. Ele pegava o saco botava ali 15, 20 quilos de carne e toucinho e ... você dá seu jeito para levar, para fazer a entrega...

Pesquisadora: caminhando, andando?

Ééé, na época eu me vestia para feira como homem, calça jeans, camisa de botão, cabelo sempre foi muito comprido, então eu enrolava como coque e botava um boné, para não ter problemas de assédio, porque o meio onde, que a gente trabalhava da barraca do porco eu era a única mulher.

1ª a 4ª que foi o concurso, que eu fui para o M. B., mas eu não me adaptei lá, porque eu não aguentava a situação dos alunos, porque a minha realidade de escola era o I., então trabalhar no contra-turno, né, porque a gente entrava onze (11) horas e saia as três (3) horas e a miséria que tinha, aquilo me incomodava muito, eu vinha chorando, chorando, chorando, então como tinha uma conhecida que trabalhava na agência, porque a coordenadoria não se chamava coordenadoria, era agência, a minha mãe intercedeu com conhecidos para me desviarem de lá para cá, ai essa pessoa me fez uma troca, como a diretora da escola precisava de uma vaga no R., ela conseguiu a vaga no R. desde que me liberasse. Eu fui a primeira professora liberada em 17 anos da diretora. E fui para o R. onde trabalhei aproximadamente uns 10 anos (de 1ª a 4ª) e depois fui desviada para a **formação de professores**, que comecei a trabalhar com as meninas.

13. O que te faz professora?

Desde muito cedo eu sempre trabalhei como explicadora em casa, porque eu nunca consegui esperar as coisas virem até mim, eu sempre fiz acontecer para ter, éé, minhas primas pintavam tecido, eu passei a observar elas pintarem e comecei a produzir lencinhos, aprendi a fazer crochê para fazer roupa de boneca, desde cedo eu passei a ter esse lado comerciante e artesão, tendo uma renda própria, e isso foi me levando a quê? A buscar, buscar, a galgar e sempre batalhando as

minhas conquistas, que já que não tinha direitos, só tinha deveres, eu tinha também que buscar aquilo que eu queria e sempre vi no aprendizado uma melhora muito grande para mim, então hoje eu não consigo me ver assim: é mulher ou é homem, hoje eu me vejo a parte de gênero, eu sou um ser humano que tem a forma de pensar tanto masculina como feminina, que eles me criaram bem dizer para a diversidade, qualquer problema eu consigo resolver com facilidade, mesmo que depois eu desarme. Agora, eu não sei trabalhar bem com elogios (SILÊNCIO), quando uma pessoa chega até mim para fazer um elogio e pra me tratar de forma carinhosa acaba me quebrando porque eu não sei lidar com isso.

Pesquisadora: Por que foi criada de uma forma dura, né? Criada para ser homem? Extremamente dura. Por isso que talvez, eu não tenha conseguido contar até hoje o cordão umbilical, nem de pai, nem de mãe. Ainda criei um terceiro que foi com a tia. Então, eu cuidei da tia até o falecimento dela, quando minha mãe adoeceu, eu saí da minha casa para cuidar dela até o falecimento dela, não voltei para casa, porque eu continuei cuidando do meu pai como cuido até hoje.

Acho que o maior elogio que tive foi, alguns anos, porque eu trabalho em uma escola particular também, e uma aluna que ficou reprovada na escola particular acabou indo para a escola pública que eu trabalho, e depois de alguns meses na escola pública ela veio conversar comigo, tava muito feliz em ver que a minha prática na escola pública era a mesma da escola particular. Acho que isso é um grande elogio. Não era mais que minha obrigação, mas dentro da realidade que a gente vive... pelo menos eu tento ser coerente, pode ser que em alguns momentos eu não consiga, mas ... também depois de 29 de magistério é muito gratificante você encontrar... poxa professora você tá dando aula para minha filha, já me deu aula na escola tal, lá trás. Isso é gratificante, isso, não tem dinheiro que pague...

14. Ser Negra e Professora: o que isso significa para você?

É a minha vida não consigo diferenciar, alias, a minha profissão, ela não está fora de mim, eu não sou professora só dentro da sala de aula, acho que professores e médicos, são profissões que vocês não estão, vocês são. Porque não dá para você vivenciar a vida, fazer uma leitura de mundo sem perceber que aquilo ali vai estar ligado à sua prática em sala de aula, não adianta você usar a terminologia: não você tem que fazer o que eu falo e não o que eu faço! Professor tem que ter uma postura que independente ou não vai, ééé, diferenciando ele onde ele está. Porque a ele não é permitido determinados comportamentos, determinados, éé, criar determinadas situações, porque não é só você transmitir o conhecimento é muito mais do que simplesmente informação.

15. Suas identidades de Mulher e Negra possuem alguma relação com sua prática pedagógica?

Sim, sim. Porque não dá para você ser uma coisa e ter outra prática, tem que ter coerência. Essas discussões tem que ser levada onde você for, ano passado eu tive, algumas discussões em sala de aula por causa dessa DITADURA DA BELEZA, que a gente vive hoje. Em que umas alunas no 2º ano de formação de professores, estavam questionando cabelo. “A porque o cabelo é bom, o cabelo é ruim”. Então eu parei a atividade que eu estava fazendo para a gente discutir isso. Quando é que um cabelo é bom? Quando é que ele é ruim? A sociedade que vai dizer que o cabelo é bom? Não o cabelo é bom ou é ruim quando você gosta dele, quando você se identifica com o seu, até usei o meu dentre a fala delas, porque o meu é boi lambeu, mas para mim não é um cabelo bom, eu acho que para mim um cabelo bom, que eu gostaria de ter, seria um cabelo totalmente cacheado, então são reflexões, são situação que você encontra, que mesmo você tendo preconceitos, porque a gente não consegue cortá-los da nossa vida, é levar o outro a refletir e refletir também com aquilo que o outro te traz de retorno, porque eu acho que o crescimento que

a gente tem é a partir daí, é na diversidade que a gente consegue pensar o outro e repensar o que nós somos, porque ninguém nasce pronto.

Pesquisadora: O corpo de professores daquela época para agora, mudou muito?

A maioria já se aposentou, o que esta tendo são professores novos, com novas cabeças, mas com velhas praticas. Infelizmente que aquilo q o professor tem de é ruim acaba passando para o aluno q também vai ser professor, que é a lei do menor esforço, que você não precisa se dedicar. A vamos deixar do jeito que ta. E quando não é a realidade, né?

Nas escolas a gente nunca tem uma linha de trabalho, então eu falo para as meninas é o seguinte, a melhor escola que a gente tem é essa que não tem uma linha de trabalho, porque você pode escolher o melhor de um e escolher não ser o pior do outro, porque o maior termômetro ta em você. Se o meu filho tiver um professor como eu , eu vou aceitar? Vai ser bom para ele? Mas são reflexões que a gente raramente faz, né? Mas o professor a pratica dele vai ser boa para o filho dele? As minhas aulas seriam interessante para que meu filho assistisse? Ele iria aprender com essas aulas? É a escola que eu gostaria que meu filho tivesse?

A gente sempre se esquece de fazer essa pergunta, às vezes tem ate medo, né? Porque na escola nos somos profissionais não tem que gostar ou desgostar de aluno, porque a gente gosta e desgosta de nossos familiares, dos nossos amigos ali tem q ser profissional, mas será que a gente tem isso em mente? Ou a gente continua naquela leizinha de Gerson? Fazendo isso para me dar bem. Me dedico na escola particular porque meu ganho é de lá , no Estado não, aqui é só para minha aposentadoria.

E ele tem q descansar em algum lugar, ai você acaba não sendo coerente, porque ai você tem a aula boa num canto e se anula no outro. Existe um ser humano ter dois tipos de vida?

Pesquisadora: Dos que trabalham com você como é a pratica deles? Você conhece algum que tem uma pratica que seja coerente com a lei em outro lugar e na escola publica não consegue ter a pratica?

Sim, conheço. É engajado e tudo, mas ali não exigem muito dele, ele pode ficar na dele, ta sendo incoerente, mas o ser humano acaba sendo incoerente.

16. Há diferenças de tratamento dispensado às professoras negras e brancas pela escola?

Sim, a diferença é grande, tanto é... pela classificação que o outro faz de você, quanto também a classificação que você faz de você , hoje eu causei um transtorno na sala dos professores, porque eles queriam que eu permanecesse mais tempo lá , e eu dizendo a eles que não podia, para vir lhe dar entrevista, quando eu falei do tema que você estava pesquisando, A Mulher Negra, né, no curso de formação de professores, eles se espantaram porque eu ia dar uma entrevista, se eles me veem como branca e ao me autodeclarar negra foi um choque, dentro da sala dos professores, porque eles veem a questão de estar equivocada, que eu também tenho a situação dentro da minha própria família, porque minha primas por parte de mãe elas não aceitam que eu me declare negra, porque elas são brancas, elas tem olhos claros e para elas todos na nossa família somos brancos; elas não reconhecem me avô quanto mulato.

17. Enquanto Mulher, Negra e Professora, você passou por alguma experiência de preconceito? Você se sente à vontade para falar sobre ela?

Sim. Sinto. Ééé , a questão do preconceito nunca foi pela etnia, porque as pessoas não me veem como negra, mas é até por uma opção de vestimenta, é porque eu não ligo muito para o externo, então se eu tiver que sair do jeito que eu estiver em casa eu vou sair e na minha adolescência, é havaiana, melissa, eram calçados que as pessoas não usavam, só quem usava eram pessoas de poder aquisitivo muito baixo mesmo, e eu nunca esquentei , então varias vezes por eu andar desse

jeito nas lojas em nova Iguaçu, ficava de lado , mesmo chegando na loja para comprar um artigo caro e à vista você ficava sempre de lado, como ainda hoje (dando ênfase) , você chega e as pessoas, vão primeiro dar atenção aquele que está bem vestido, que está de calçado melhor, com roupa melhor,então a gente passa por situações, mas são situações que a mim já não incomoda.

18. Você conhece a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Sim.

19. A escola na qual você trabalha obedece a essa Lei e às suas Diretrizes?

Raramente, quando ocorre assim para mostrar que ela está sendo efetivamente usada. Eles criam um projeto, que eu me recuso a participar, porque esses projetos da escola, é só momento de comer e de dançar, a minha Prática em sala de aula, é trabalhar a lei, em todos os momentos possíveis dentro da minha sala de aula porque, porque eu não to criando nenhuma forçação de barra para introduzir a lei. A lei nada mais é do que o conteúdo que a gente já vivencia em sala de aula, basta você ter um olhar apurado para ver essa questão, já está ali dentro do conteúdo, então é o trabalho do dia-a-dia e não do oba-oba. Como muitas escolas fazem somente para dizer assim: oh, ta vendo? To trabalhando.

Mas, como são questões que levantam a questão do racismo, a questão da religião e sempre vai criar polemica então muitos professores, optam para não trabalhar para não ter problema, dores de cabeça, como eles falam. Mas é um assunto que não dá para se deixar e lado a gente tem que, cada vez mais levantar a questão para que possa haver uma discussão sobre o tema e fazer com que as pessoas passem a pensar até mesmo, para sentir forte para externar aquilo que eles pensam, que muitas das vezes pensa, mas não transmite. Até porque acha que tudo que está vinculado à questão étnica do negro é inferior a do branco, infelizmente eles sempre fazem uma comparação e não uma discussão para que possa ser tirado as dúvidas.

Pesquisadora: E você vê no caso, com os próprios professores que trabalham com você e com essa formação de professores, você vê dificuldade deles tratar desse tema?

Sim, eu já escutei de professor que se puder trabalhar África sem mexer com religião ele quer aprender. Se a gente observar é... tem forma de trabalhar em todas as disciplinas, em todos os assuntos e é um conteúdo muito rico, mas por muitos ter..se equivocar, em termos assim de comparações, vai sempre se levar pelo inferior , ai quem perde é ele mesmo e os alunos, eu acho até mais, a perda é muito mais do professor que do aluno, o aluno tem vários professores então quando tem um que levanta essa questão que coloca isso em termos de um debate ele vai aprender muito mais que aquele professor que se fecha porque ele se vira um ostrinha e nem sempre, né, um corpo estranho vai ser transformado numa pérola.

20. Mulher, Negra e Professora: o que os processos educativos podem aprender com você?

Sim, por que... nas relações humanas o que importa é o dialogo entre os seres, é esse dialogo que faz com que a gente passe a observar o outro e até nem concordar com que o outro fale, mas a gente tem que garantir o espaço para ser dito para ser conversado para ser vivenciado, porque só assim que a gente acaba trocando experiência até mesmo a negação deles nos traz experiência, até para gente pensar como é que a gente pode abordar o assunto de uma forma que vai plantar uma sementinha em cada um para que isso germine mais tarde, o importante não é que a pessoa concorde com você de imediato, o importante é você conseguir transmitir alguma coisa a ela, levar ela a pensar sobre o assunto e nessa reflexão certamente ela vai ter um ganho.

Muito Obrigada!



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEDUC- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES
GPESURER – GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO SUPERIOR E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS

- Identificação: (x) 1 () 2 () 3 () 4

1. Pseudônimo: Laura

2. Data de Nascimento: 11/11/56

3. Estado Civil: solteira, não tenho filhos, solteirona. (risos)

4. Gênero? Mulher

5. Qual a sua cor? Negra

6. Em termos de classe social, como você se define?

Acho que sou todas as classes, porque a minha maneira de ser não me impede de ir a lugar nenhum, eu não me sinto constrangida de ir a lugar nenhum, então eu posso entrar em todas elas. Eu já tive oportunidade de chegar perto de todas elas, mais eu sou mais popular, né , é lógico.

7. Para você, o que significa ser mulher e quais as principais consequências que vem com essa identificação?

Ah, a maternidade, mesmo sem eu ter filhos. Muito responsável pelos filhos dos outros, pelos irmãos mais novos, pelas crianças que passaram pelas minhas mãos, meu primeiro emprego foi de babá, então minha afilhada hoje tá com 36 anos, me chama de tia até hoje, me respeita até hoje. Uma coisa maternal mesmo...

8. Em que contextos e relações (família, escola, amigos, meio religioso...) você aprendeu a ser mulher?

Aprendi, porque eu graças a Deus convivi muito com minha mãe,, numa época onde a mulher era muito submissa...

Bem, família, minha mãe, minha madrinha e a diretora do colégio onde estudei, onde aprendi tudo de educação, os amigos de uma forma em geral e o meio religioso também, que eu fui criada dentro da umbanda e do catolicismo, então eu ia para as sessões durante a noite, de manhã cedo eu tava na igreja, era uma época q você tinha q colocar véu, pra chegar perto pra receber a hóstia, então essa questão feminina, a família, a escola, os amigos e o meio religioso, foi tudo isso (...)

Pesquisadora: Você tem as duas religiões por causa de alguém?

Não, eu gostava, sempre gostei da questão mística, minha mãe nunca nos obrigou a nada, tanto que eu tenho uma Irma que é evangélica desde pequenina, então eu gostava queria ser filha de Maria, eu queria ser amiga da mãe de santo, eu queria ter um cargo religioso e eu só fui receber esse cargo religioso tem 5 anos...

Pesquisadora: Hoje a senhora continua na umbanda?

Não ai minha madrinha morreu, aquela coisa toda, ai eu fiz amizade na escola com um rapaz que se tornou Pai de santo, os ficamos amigos a 38 anos, ai a 5 anos atrás eu resolvi fazer um agrado no Candomblé, quando ele foi ver que agrado que eu tinha que fazer, Ogum me convidou para Equede, ai eu fui e ele veio a falecer um ano e meio depois, como o professor falou agora (acabávamos de sair de uma palestra da semana pedagógica, no colégio onde ela trabalha), você que estuda muito você não pode, você como professor não pode ter uma religião determinada, porque todas são certas, senão você influencia seu aluno. Então eu que tenho amigos em todas as religiões, a minha religião me permitia entrar em qualquer lugar, então você conhece e vê q o que importa nas pessoas é o caráter, não é a religiosidade, é o caráter.

Pesquisadora: E hoje em dia ainda existe muito preconceito na escola?

E o que ele falou lá que eu achei essencial e vou conversar com minhas meninas (alunas), é que você tem ali um aluno que é do candomblé e ele está omitido ali, como tenho colegas aqui que também são e ninguém sabe, só eu sei, e no então eu uso esse brinco e de vez enquanto eu venho de brinco só para chamar atenção (um brinco de búzios) e uso o anel também só para chamar atenção, para que... Porque eu não me altero, eu tenho 35 anos de sala de aula e minha voz é a mesma...

9. Qual o grau de instrução de seus pais?

Só ler. Minha mãe nem pegar num lápis sabia, só sabia assinar o nome, mas era inteligentíssima.

10.Quantas pessoas da sua família possuem curso superior?

Todo mundo, só uma que não por que não quis, que trabalha em escola, mas não fez porque não quis. Meu irmão mais velho é jornalista, o outro advogado já ta até aposentado da rede ferroviária, tem eu que sou professora, tem minha irmã uma que é atriz, e a caçula que é pedagoga. Mamãe se danou na fila do Rangel Pestana, por isso digo que era muito inteligente, porque meu pai não se preocupava com a educação feminina, só a masculina, só homem que tinha que estudar, mulher não ainda peguei essa época.

Pesquisadora: Então tinha essa diferença na sua casa?

Tinha. Só os homens podiam estudar. Minha mãe que corria atrás das vagas. Meu pai não se opunha, mas quem se danava era mamãe.

11. Qual a posição de sua família e de seus pais, em relação a sua escolha profissional?
Orgulho, muito orgulho. Minha filha professora... Nossa! Minha mãe era lavadeira e meu pai da rede ferroviária.

12. Quanto tempo faz que você exerce o Magistério?
35 anos em sala de aula... Em outras escolas já tive outras funções. No colégio L. já fui coordenadora geral. Já fui diretora no J. R. da Prefeitura, já trabalhei no M.C., no Ciep N°.

13. O que te faz professora?
Ensinar, passar, jogar aquela sementinha e eu que tenho 35 anos ver os frutos, isso que é interessante. O que eu encontro ai pela rua, é bacana. Inclusive aqui na escola eu devo ter uns quatro (4) que estudaram comigo e hoje dão aula aqui.

Pesquisadora: Devem te respeitar muito né?

Me respeitam muito mesmo.

Pesquisadora: E o que te influenciou ser professora?

O que me influenciou ser professora é que nova Iguazu, só tinha duas escolas publicas, que era o Monteiro e o Instituto, e eu não consegui entrar no Instituto, ai uma vizinha aconselhou que eu fosse pro colégio das irmãs, ai não minha irmã tava trabalhando no colégio L., do L. eu me achei e eles me acharam ai eu fui trabalhar na casa da dona L., que era diretora Fundadora do colégio, a filha dela foi minha primeira professora de língua portuguesa, eu fui baba da filha dessa Dona N., e a menina quando ficou adolescente quis que eu fosse madrinha dela e nos somos amigas ate hoje, então meu grande exemplo de professora é a M. N., que foi a minha primeira professora de língua Portuguesa e que me aconselha me orienta até hoje, mesmo assoberbada de trabalho, final de semana eu vou pra lá e a gente ainda discuti muita coisa de educação, então meu grande exemplo de educação.

14. Ser Negra e Professora: o que isso significa para você?

Acho que é o instinto maternal mesmo.

Pesquisadora: Se você fosse homem isso seria diferente?

Ah, seria

15. Suas identidades de Mulher e Negra possuem alguma relação com sua prática pedagógica?

Ah, possui. Vou lembrar o professor ... é o evento pelo evento. Você querendo você consegue. Porque hoje passados 35 anos eu to vivendo um sonho

16. Há diferenças de tratamento dispensado às professoras negras e brancas pela escola?

Já houve muito, mas hoje não. No século XX sim , no XXI não (risos)

17. Enquanto Mulher, Negra e Professora, você passou por alguma experiência de preconceito? Você se sente à vontade para falar sobre ela?

Ah, preconceito... já...Por ser Negra, por ser mulher Negra.

Pra comprar em loja, pra pegar taxi e pra parar em determinados lugares, éé... Principalmente em loja, e um preconceito social muito grande. Eu cheguei, agora se eu sou amiga de A B C ou D ai muda completamente, esse é o social. É impressionante, muda completamente. Laura é amiga de fulano ai acabou, muda tudo.

18. Você conhece a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Conheço. Trabalho, já foi mais fácil, mas hoje esta mais difícil ainda. Porque é você se conscientizar que é negro, então quando você dá alguma coisa de origem africana os alunos se esquivam. Agora mesmo no trabalho com Vinicius de Moraes, com aquelas garotas que estavam ao meu redor ali (se referindo a palestra de mais cedo), eu queria fazer de Vinicius de Moraes o branco mais negro do Brasil, só que elas não quiseram, eu ia colocar os afro-sambas e ia pedir para a turma dançar, não quiseram, só uma menina quis, ai depois eu larguei para lá. Tinha o Samba da benção, cantiga para Yemanjá, Cantiga para Oxum, as garotas não quiseram.

As pessoas não veem esse lado artístico. Por exemplo, eu tive um grupo de Jongo aqui que perdurou por 10 anos aqui na escola. Nos 500 anos do Brasil em 2000, uma coordenadora que tinha aqui, colocou cada professor para fazer uma coisa com uma turma, ai eu fala ei vou fazer um Jongo, comprei um CD e ensaiei as alunas da minha turma, elas estavam no primeiro ano, ai ficou primeiro, segundo e terceiro, a cada ano ia chegando mais uma, uma, mais uma. Dançaram no SESC, na beija-flor, na Grande Rio, em colégios, os colégios vinham e convidavam o grupo de Jongo do A. para dançar em vários lugares, ai com o aumento dessas religiões Neo pentecostais essas casas, ai foi caindo, caindo...

19. A escola na qual você trabalha obedece à essa Lei e às suas Diretrizes?

Eu aqui na escola, somente eu e a professora Fátima, tinha um professor de história que trabalhava isso, maravilhosamente, era só nós três, agora, somos só nós duas. O grupão não trabalha.

Pesquisadora: E quando trabalha é mostrando uma coisinha ou outra?

Nem isso. Por isso que eu Tb não brigo muito, por que parece que to querendo aparecer, como eu já ouvi muita coisa, eu falo pras alunas que eu sou macaca velha, (risos).

Tanto é que estávamos comentando que um funcionário, falou assim, com a diretora nova: os alunos estão fora de sala porque a professora ta obrigando a dançar candomblé, e essa professora era eu.

E eu nem estava abordando o tema, simplesmente, eles não queriam ficar em sala e inventaram isso.

20. Mulher, Negra e Professora: o que os processos educativos podem aprender com você?

É igual ele (o professor da palestra) falou assim: é que eu não larguei o osso. Acho que tudo é possível, que a sociedade mudou, as crianças mudaram, mas que é possível você transformar ainda, é possível eu acredito, acho que é por isso que to aqui ainda. Eu acredito ainda, tenho esperança. Sempre digo que a gente que lida com criança e com adolescente, a gente nunca pode perder a esperança, nunca pode.

“Estava eu, uma menina loira e uma outra colega negra também, a moça chegou se dirigiu a loira, ai ela disse assim, não a diretora é ela. E é uma coisa que já está...”

Muito Obrigada!



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEDUC- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES
GPESURER – GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO SUPERIOR E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS

- Identificação: (x) 1 () 2 () 3 () 4

1. Pseudônimo: Maria

2. Data de Nascimento: 17 /03/1956

3. Estado Civil: Solteira, porém casada. (Risos)

Solteira mais vivo com uma pessoa a muitos anos. Quando tenho que colocar num papel , coloco solteira. Não tenho filhos, nunca evitei, não tive é porque não era para ter.

4. Gênero? Feminino e minha opção é feminino.

5. Qual a sua cor? Negra (sem parar para pensar)

6. Em termos de classe social, Como você se define?

Média. Apesar de as coisas hoje estar tão descaracterizada.

Tive uma experiência de uma aluna que ligava o ar e ficava o dia inteiro sem necessidade, falei: “você ta gastando muito ar”.

Ela disse: “ah, não é de graça não?”

Por que dentro da favela onde ela morava era de graça. (Risos)

Pra você vê, eles tiram onda.

7. Para você, o que significa ser mulher e quais as principais consequências que vem com essa identificação?

Ser mulher é uma coisa extremamente complexa, você é tudo e não é nada, a gente tem que ser completa, ser ativa, resolver tudo, né?

E ao mesmo tempo você tem que ter a humildade de dizer, que não que ta tudo bem. Às vezes tem que pisar no freio firme, assumir as coisas, para ser ouvida, ser atendida. Ser mulher para mim é ter um montão de habilidades, sentimentos e emoções, entendeu, que você tem que organizar isso muito bem se não, até você acaba se sucumbindo, se maltratando, né?! Para você conseguir vivenciar isso, selecionar cada coisa no seu lugar e estar bem com você mesma é o principal.

8. Em que contextos e relações (família, escola, amigos, meio religioso...) você aprendeu a ser mulher?

Acho que aprendi na família, em casa, mãe, referência de mãe, formas de agir. Eu perdi minha mãe deve ter uns... 2006, 6, 7, oito (8) anos. Quer dizer perdi minha mãe e até hoje faz uma falta muito grande, por que era um modelo de decisão, um modelo de postura, um modelo de dignidade, entendeu?

E eu me coloco muito em cima disso, foi na família que peguei esse jeito, embora eu ache até, colocando a minha irmã do meu lado a gente é completamente diferente, mas a família da esse respaldo para você, se a mãe é um referencia ... Mas para ela a referencia é completamente diferente, agora que você ta perguntando é que notei, não tenho como dizer, mas eu acredito que tenha vindo disso, meu temperamento...

9. Qual o grau de instrução de seus pais?

Era primeiro grau, como antigamente era muito difícil, mas eles eram bem estruturados, escreviam muito bem, minha mãe desenhava muito bem, envolvida com artes, então até peguei um pouco disso.

10. Quantas pessoas da sua família possuem curso superior?

Eu e minha irmã.

Pesquisadora: São só vocês duas?

Não tenho um irmão também, mas que não chegou a fazer faculdade. Somos 3.

11. Qual a posição de sua família e de seus pais, em relação a sua escolha profissional?

Foi positiva, minha mãe sempre me apoiou, meu pai que ficou assim... Ele queria alguma coisa que pudesse projetar ele de alguma forma, ele queria arquitetura, “por que você não foi arquiteta?”

Mas também depois... Mas minha mãe sempre me apoiou muito, foi boa, foi positiva.

12. Quanto tempo faz que você exerce o Magistério?

Acho que uns 15 anos, fora que já sou formada mais de 25 anos em Belas Artes, mas só depois de 10 anos. Mas foi depois disso depois dessa iniciativa minha que começou a surgir. Eu fui a primeira escultora de carnaval, só que naquela época era tudo mais difícil.

Quando eu entrei no barracão... meu pai era vice-presidente de uma escola e minha mãe não queria. Meu pai achava assim: minha família não é para isso! Mas ele era. Minha mãe disse: ou você leva ela para fazer um estagio lá ou a gente se separa agora. Ai não teve jeito ele me colocou

numa sessãozinha que tinha dona Mariazinha eu era muito nova tinha, o que uns 18 anos, to com 57 é tempo né? (Risos)

Ai ele virou pra menina e disse: olha ela vai fazer estágio aqui, mas ela só vai aprender a fazer flores, a senhora não deixa ela sair daqui. (Risos) Daí pra lá comecei a tomar o gosto...

13. O que te faz professora?

Você tem cada pergunta difícil. Acho que eu acreditava... Por que eu não era professora, eu fui escolhida pela profissão. Eu sempre briguei para não ser professora desde criança, por que a família do meu pai existia minhas professoras, minha tia era diretora de escola, todo mundo era professor.

Eu dizia: eu não vou ser e a minha mãe: não você vai ser.

E eu dizia: eu não vou ser! Tanto é que eu não tinha... Acho que o que me fez foi ver a necessidade, de... eu fiquei querendo saber... Até então eu era desenhista, produtora visual, comunicadora, mas eu comecei a sentir que o mercado de trabalho não tinha desenhistas, entendeu? Ai eu fui fazer um trabalho de carnaval, ate você comentou esse inicio de postura de profissional enquanto mulher. (se referindo a uma das perguntas) Cada uma situação a gente acaba sendo uma pessoa mesmo, e eu tive e tenho uma folguinha... da minha diversidade de tramar de fazer carnaval de trabalhar com carnaval, e nessa fase eu trabalhei com um grupo de pessoas do Salgueiro, fazendo um abre alas pro Salgueiro e eu vi um grupo de meninos começarem, a entrar, ajudar sem nenhuma orientação, mordendo com a tesoura, estragavam papel, ficavam ali, e depois dormiam ali, depois não vão mais pra casa não, ficando na rua, ai eu vi. Isso me incomodou isso foi uma coisa.

E depois de ver isso, não voltavam mais para casa. “Vou trabalhar para fulano, pra cicrano, terminava por ali.

Quer dizer não aprendia uma profissão, largava tudo pela metade e ainda caia na rua né!? Uma situação de informalidade pior. Então eu comecei a ficar preocupada e fiz um projeto.

Não porque eu não vou ser professora, eu não era professora, trabalhava em sindicato, desenhista e vida empresarial só. Ai uma amiga falou e insistiu muito, para eu escrever um projeto, eu escrevi o projeto que concorreu na comunidade solidaria em 98. Assim, A gente conseguiu ganhar um premio para financiar o projeto para 80 alunos, para profissionalizar esses 80 alunos e da participação total, dar estágio... ai eu comecei a ver que...E era tudo na área de desenho, artes do carnaval, foi o primeiro projeto de carnaval que teve no Rio de Janeiro. Então eles entraram. Para cada disciplina para escultura tinha professor, pintura tinha outro, desenho técnico. Era uma estrutura incrível, todos ganhavam muito bem, e eu fazia a coordenação disso tudo, então quando faltava um professor por qualquer motivo, eu tinha que entrar, porque eles não tinham hábito de ter aula regularmente, então tinha que criar o hábito e não podia falhar. Então tinha que ter aula, ta caindo chuva, tem que ter aula. Eles eram jovens ate 14 anos, ate hoje tenho contato com eles no mercado, faço alguma coisa, pesquias em cima disso.

Eu consegui perceber que eu dava aula, que eu gostava de dar aula, ai que eu me descobri professora, entendeu.

Daí falamos assim: só pega professor ruim, vamos ver ... ai um grupo disse vamos ver porque não tem professor de artes no mercado, vamos ver? Vamos!

Ai, fizemos uma reunião com alguns outros professores da Escola de Belas Artes, na rede pública não tínhamos experiência, só trabalhando enquanto artista. Então fizemos concurso e passamos, foi cada um para um lado. Ai conclusão, deixamos esse outro lado de lado, a arte essas coisas, pq não dava pra conciliar todas essas coisas. Ai comecei a aplicar mais, aplicar mais a educação. E foi uma descoberta, ne! E eu comecei a gostar muito do que eu tava fazendo dar aula. E ai quando

cheguei há 15 anos atrás descobri que a escola não tinha professor formado em arte, o que tinha eram professores de outras matérias dando arte, entendeu. Ai a gente começa a ver a diferença, a criar uma norma, um jeito melhor de trabalhar a profissão. Por quê o mercado hoje não tá tão fechado, já tem mais professores de artes. E hoje é muito mais para dar aula e antes era uma coisa assim muito solta.

Eu ganho o dia quando chega um aluno: Professora o que precisa para ser professor de artes?

E eu: Por que?

Porque eu quero fazer artes!

Acho isso tão legal, ne!?

Olham para você e falam: eu não sei porque, mas eu não sabia que sabia fazer.

Assim sabe umas coisas umas descobertas muito boas.

Outro assim, já tinha o ensino médio e não sabia o que fazer agora, eu quero ser arquiteto.

Eu trabalho muito perspectiva sabe.

Ai aqueles desenhos de perspectiva, puxa pra a puxa pra cá. Eu vou contando uma historia assim rápida, ai ah... ai vem a descoberta. O grande barato de tudo é a descoberta. Se você botar eles para correr e no final da corrida for para fazer alguma coisa procurara alguma coisa diferenciada já gera uma descoberta. E é essa descoberta que eu acho interessante. Tanto no ensino médio e agora to tendo outra experiência no ensino fundamental.

Porque antes eu só ensinava a dar aula, essas coisas assim, porque eu dou a parte de didática da arte. E agora, eu to no município na educação infantil peguei uma turminha e é uma descoberta deles, muito legal, no nível deles, de repente peguei uma tesoura dobrei uma folha fui contar uma historia e cortei um pinheirozinho de natal e quando eu corte eles: ahhhhhh

Eu falei: cada um vai cortar seu pinheiro, faz o seu pinheiro.

Isso me surpreende sabe, eu já to velha e ainda não me surpreendi com tudo. Isso que é a coisa.

Agora as coisas negativas. Aqueles alunos que acham que você não é nada, só tá ali para fazer as vontades deles, acho que isso é a pior coisa que tem, né? E é isso, acho que não fugi muito!

14. Ser Negra e Professora: o que isso significa para você?

Para mim é a mesma coisa não acho assim: oh! Para mim é a mesma coisa. Não tem assim um significado de peso, é uma função entendeu. Eu percebo que muitos e muitos lugares que eu vou para dar aula ou para fazer algum tipo de trabalho qualquer, eu percebo que existe espantos, entendeu. Sem saber quem eu era, tem aquela coisa assim, alunos extremamente preconceituosos, quando chega assim... Tem até um caso que ficaram assim sabe, me olhando de cara feia sabe. E assim eu não posso te dizer Joanna, que para mim é uma coisa de Vitória, não é sabe. E hoje mais ainda do jeito que está tão desvalorizado, a gente ainda se sente, sabe?!

Não sei por que mais para mim é a mesma coisa é igual. Sou professora, sou negra sim, nasci na minha raça, adora ser negra, gostaria de ver isso muito mais bem trabalhado. Não faço mais trabalho sobre coisa, é negro, dia da consciência negra, faço mais nada aqui, já fiz.

Pesquisadora: Ana me contou da mostra que você fez?

Isso que ela pegou foi o mínimo.

Pesquisadora: Parou porque desanimou?

É muito difícil a cabeça das pessoas e eu não posso me queimar lá fora por pessoas que não querem. Eu consegui arranjar luz, eu consegui um Ballet, a gente trouxe aqui, agente fazia festas monumentais aqui, com o 4º ano eu e uma outra professora, umas coisas muito bonitas, muito bonitas.

Conseguimos um ballet lindo, com colat preto, tralhado com branco, uma coisa linda, fizemos oficinas de trança afro, conheço uma mulher que trabalha com panos africanos, tinha uma aluna

grávida, ai ela deu uma palestra sobre amarrar o pano assim, assim e as meninas já ficaram prontas para o desfile de moda, lembro até hoje. As fotos todas sumiram, não tem mais nada. No final não chamaram a Mara nem para fazer um agradecimento, menina. Eu pensei, eu nunca mais faço isso. As crianças debochando da mulher falando, sabe, ela mal conseguia falar. Sabe, não teve preparação, teve professor que não quis liberar turma, porque ele disse que tinha prova. Tem gente que trabalha comigo até hoje, se diz muito amiga, anda atrás de mim e não sei o que, eu falo mas fico de longe.

Aconteceu isso tudo. Agora você acha que depois disso tudo, eu fiquei muito sentida. Essa moça vai e volta pra África, entendeu, eu tenho amigo na África, já fizemos trabalhos assim na Lapa, eu trabalhei assim, não é trabalhar não é fazer um trabalho voluntariado. No trabalho voluntariado na nossa militância, sabe eu acredito, que se não for assim a gente não vai coseguir nada, se eu for esperar salário, se for esperar dinheiro do Estado para fazer aquelas máscaras, aquelas coisas que a Ana viu, não tinha saído, entendeu. E quando sai, sai coisas assim quando eu resolvo investir no meu trabalho, o que acontece. Vou investir nisso ai a coisa acontece. Agora para você investir sozinho não tem como, entendeu.

15. Suas identidades de Mulher e Negra possuem alguma relação com sua prática pedagógica?

Eu acho que sim, que eu passo isso muito para o meu trabalho. Eu acho que passo, não consigo fazer um trabalho assim como é que é... muito light assim, sempre coloco uma cor mais forte, é isso que você ta perguntando, né?

Eu acho que eu já tenho uma linguagem muito definida, não é amargo nem confuso, mas é uma forma de ser.

16. Há diferenças de tratamento dispensado às professoras negras e brancas pela escola?

Olha... Aparentemente não, mas como eu vou te dizer...

Linearmente existe, sabe aquela coisa de onde você guarda seu preconceito, a pessoa nem sabe que ta lá. Existe, existe. Você pode me perguntar como você sabe já passou por isso, tenho uma coisa muito rápida para te falar.

Esses dias que acabou de passar, ia ter a semana da normalista e não tava nos meus dias aqui, a professora quis fazer e começou a ensaiar os alunos, começou a fazer o trabalho, essa professora se distanciou um pouquinho por causa daquela outra professora, mas sem briga sem nada tudo muito light, só pra você ver que a coisa ta muito subjetiva. E ai eu falei assim: Posso te ajudar.

Ela: vê, se dá pra vim segunda-feira.

Eu não pude por causa dessa minha confusão (remetendo-se a questão delicada da sua saúde, está fazendo tratamento), mas meu dia vou estar ai e vou dar ajuda que puder.

Quando eu tava chegando, ela falou assim: Ah, solta direto no SESC pra me ajudar que eu to precisando.

Eu falei: tudo bem e soltei.

Teve uma época, que eu soltei no SESC que ela ligou e falou: ai a gente não tem nada para colocar no palco. Falei assim: pega 4 folhas de coqueiro e leva, manda as crianças levarem pro SESC. Ai chegou no SESC eles me ajudaram eu cruzei as folhas de coqueiro, fiz um crucifixo de coqueiro, peguei um pano imenso, ai botei lá em cima o pessoal levantou. Porque no SESC tem toda possibilidade de fazer isso. Quando abriu a cortina estava aquele coqueiro, pedi um colega para ficar mexendo na luz. Olha que coisa linda, as coisas assim de improvisado.

Ai dessa vez agora ela falou assim: vou precisar de você.

Eu falei: ta tudo bem.

Quando cheguei ela falou: olha só você vai ficar na cochia, pra ficar mandando entrar.

Isso quando eu cheguei e entrei... porque as vezes o preconceito é nosso, então a gente tem que ta muito...

Eu disse: Mas eu nem acompanhei! Como vou saber a hora de entrar ou não?

Ela: Não, acompanha aqui, toma o roteiro, você vai acompanhando aqui e manda entrar.

Eu falei: ta bom!

Agora eu não sou de ficar... é o que tem pra fazer eu vou fazer. Eu não preciso me projetar em lugar nenhum. Você não acha complicado?

Te dei um exemplo físico do que você me perguntou. Todo mundo me trata bem, mas se eu te dizer q não tem diferença, você vai dizer que eu sou pancadona, né?!

Pesquisadora: Eram as fotos que estavam em um cartaz?

Ela: Sim.

Pesquisadora: Não vi nenhuma professora ou professor negros nas fotos!

Ela disse: não a negra que tava lá ficou lá para entregar coisa (se referindo a ela). Quando eu queria alguma coisa eu ia lá sentava e via, ninguém ia tirar minha liberdade. Mas era como se fosse... não é estranho isso?

Outra coisa também, na hora de chamar, esqueceu da professora Maria, ate gosto que aconteça.

Ai uma aluna veio de lá do fundo: professora entra aqui, entra aqui.

Eu falei: a ta, a ta, é pra entrar eu entro.

Agora você vai me dizer que não? É diferenciado. Agora você vai falar, na escola: ah, não, a professora Maria, a professora Maria. Vamos fazer uma apresentação, ai chega, pra professora Maria tem que fazer isso, isso. Mas tem que selecionar prova para não sei o quê, chama a professora P. , para dar prova para 3 pessoa

Pesquisadora: quando é para trabalho pesado...

É para você ver, que o negro é relacionado com o trabalho de manufatura, ao artesanato.

Eu tinha um painel que eu fiz grande de folclore, esse painel mostrava todas as manifestações folclóricas do Rio do Brasil. Então vinha assim os índios, (...), sambódromo, lapa. Foi até para a coordenadoria.

Pesquisadora: Ouvi falar desse mural quando eu entrei no Estado, que foi para uma mostra da coordenadoria 2007/2008!

Então esse mural depois ficou aqui. Só que quando chegou outra professora, incomoda sabe.

Falou: ah, esse mural tá ai, vamos tirar esse mural daí colocar coisa mais moderna, que esse mural já esta cansativo.

Sabe incomoda! Tirou o mural jogou para qualquer canto, ninguém sabe nem onde está.

Primeiro ano que eu tava aqui, eu fiz um mural só de fuxico, os alunos ajudaram fazer o fuxico.

Montamos a casa, montou Papai Noel, montou tudo em fuxico. A coisa mais linda que essa escola já viu. Todas as coisinhas vão se unir, pra mostrar, para ensinar, mostrar para quê vim,eu tive que ...

Pesquisadora: Essa foi a sua primeira escola?

Foi, o primeiro concurso que fiz e vim pra cá. Então, eu moro no maracanã, agora ta ficando muito mais longe. Eu to ficando de saco cheio. To querendo sair, mas ainda não tive tempo, to cuidando da saúde. Mas é isso Joanna, é complicado esse parte.

Pesquisadora: Se o professor é preconceituoso, o que vai passar para o aluno?

A gente nunca vai conseguir saber, ainda mais com essa (...) de bíblia a gente não pode botar uma musica, que eles interferem que não vai deixar cantar que é musica de macumba. Caramba! A outra professora de artes é cristã, sabe. Teve um dia que ela tava com problema, mal humorada, tava sentada ai. Teve uma hora que ela foi, subiu entrou na turma, ah você me desculpa tal (ela entrou na turma da professora Maria)

Mas sabe é tanta falta de ética aqui! Eu to falando isso, mas não tenho relação de magoa com ninguém, venho aqui faço meu trabalho. É que tem coisas muito absurdas, porque eu mexo muito com ética, entendeu? A gente é professora e eu quero trocar experiência. Não vou falar que vai ficar registrado...(risos)

(contou por alto as reclamações dessa professora , quanto ao horário,...)

Ah, eu venho de longe, pra uma sempre chegar atrasada e ficar e cara feia. Ai falou: tava aqui chateada, cansada, entrei numa sala lá, falei, falei, sobre arte, falei sobre dança, que não sei o que. Depois que eu vi que era sua turma, você me desculpa tá?! Que falta de ética né?Eu falei: é! Agora tu vê, que doidera! Mas é isso Joanna.

17. Enquanto Mulher, Negra e Professora, você passou por alguma experiência de preconceito? Você se sente à vontade para falar sobre ela?

Pesquisadora: você já ate falou, né!?

Passei, passei alguns. Passei com alunos, eu dando aula na zona Sul. Sabe essa minha experiência de trabalhar com carnaval, é muita coisa tratada, essa coisa de se impor, jogar palavra, de falar, de pisar, de olhar para cara deles, e olhar assim mesmos (demonstrou), porque tem que me respeitar, porque me dou o respeito, entendeu! Se não, não respeita, tem que saber se impor mesmo. Então diante disso, eu tive altos perrengues, na zona sul assim. Uma turma assim, um colega falou: tem uma turma problema, estamos desesperados, classe média alta, os pais vivem viajando, a gente precisa de professor que tenha domínio, que segure bem a coisa, ai na época eu tinha horário vago, fui pra lá no Recreio. Quando cheguei sabe qual foi a primeira pergunta quando eu entrei? Eles me olharam assim: “Ih, já tem professor negro nessa escola?”

Olhei assim e comecei escreve e disse: isso não vai dar certo. Vai falando que seu pai deve ter dinheiro isso vai me dar um bom processo!

Eles sentados com pés na cadeira de perna aberta. E falei: pode sentar direito, me poupa, senta direito. Sabe, ai acabei, você ganha essa credibilidade dentro da turma nos primeiro três minutos do primeiro e segundo tempo, como você já deve ter visto. Então a partir dali... esse foi um preconceito de dentro da sala de aula, aqui já tive muito isso. Depois disso mesmo, teve uma menina com um trabalho ridículo, nessa semana (se referindo a semana pedagógica) E um garoto falou: Professora sabe com que a senhora parece? Com aquela menininha, aquela bonequinha que apresentou.

São deboches, são situações que a gente vê, e você vê que em baixo daquilo deve ter tido um preconceito e o pior que as vezes é do próprio aluno negro isso me deixa mais ... eu sinto muito isso. Quando eu percebo que uma aluna, ta me tratando de forma áspera porque eu sou negra e a aluna as vezes também é negra. Tem vários dessa turma, tem uma menina do 3º ano da outra turma.

Pesquisadora: E os alunos que não se reconhecem enquanto negros?

Eles se ofendem!

Pois é, mas se é para começar na base o difícil é definir qual é o núcleo dessa base que tem que começar primeiro? Na casa? E da casa ir para a escola? Mas a casa é a primeira a ridicularizar, a primeira a não ter estrutura nenhuma, nem para educar a nível social o próprio filho, né?! É muito complicado! Ai você joga para escola, a escola para outro. Outras necessidades, não ta nem ai para esse tipo de coisa.

18. Você conhece a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana?

Conheço. Já disse né, não, não trabalho diretamente dizer essa lei. Mas já falei na didática. Como agora mesmo estava falando com elas, não vou poder fazer aquele trabalho do ano passado. E também queria fazer... Mas já falei sobre todas as raças que criaram a população brasileira, o negro, o índio e um europeu.

Ai, falaram: professora vamos tentar fazer nem que seja só as máscaras, de um índio de um europeu e de um preto. Até porque eu não posso ser racista. Eu não posso ficar batendo nisso, eu tenho que mostrar a ela, eu tenho que quebrar por ai, acho que tenho que quebrar por ai. Na hora que falar em um, já fala no outro, o índio já bota o europeu ali na mesma linha. Um vassalo. O que roubou que foi o branco. O outro que foi roubado, que foi o índio. E o que foi abusado, que foi o negro. Entendeu. Eu acho que a gente vai conseguir emplacar, a partir que tratar todos na mesma linha. Porque quando fala de um, sobressalta o preconceito em cima do outro. Eles vão admitir tudo o negro e o branco, mas a origem branca. Mesmo porque quando do negro vira bagunça, né?! Você já percebeu isso? Eu acho que essa lei, eu posso até falar dessa lei, mas aquela coisa, vai discutindo sobre isso o que elas acham que não sei o que .

19. A escola na qual você trabalha obedece à essa Lei e às suas Diretrizes?

Obedece. Obedece no sentido de que? De conscientizar não! Só se eu puxar para fazer, se não puxar, não! Se eu puxar para fazer, comprar o material, se eu inventar alguma coisa, mas também eu vou ser ridícula, vou fazer sozinha. Não tem uma data especial para isso. Seu fizer, vou fazer porque sou negra, quero puxar...

Uma vez, foi o que, não me lembro não, uns cartazes, sei que passou batido que o pessoal acho demais. É tem isso!

Mas, agora também tem uma coisa, a gente percebe, quando alguém pega para fazer alguma coisa, bota o Negro no tronco, o negro de novo naquela velha história, né. Ai, eu já tento sair disso! Entendeu. Quer dizer, quando não é desse mundo, é muito engraçado! Eles quando tem que focalizar, focaliza isso! Nunca falam os maiores expoentes negros, nunca falam disso. É isso que faz sentido, é isso que a gente tem que mostrar.

20. Mulher, Negra e Professora: o que os processos educativos podem aprender com você?

Bom, aprender comigo?! Eu acho muita pretensão eu achar que os processos educativos podem aprender comigo! Eu não sei dizer não!

Eu acho que é a tenacidade a teimosia, é o processo de se repetir sempre, é o não desistir, achar eu vale a pena de recomeçar, que vale a pena tentar. Entendeu. Tentar criar todo um sistema voltado para uma educação melhor. Pra arte que é meu meio. Não sei se isso te responde?!

Pesquisadora: E sobre o currículo mínimo?

Não, eu não consigo fazer isso. Posso até estar errada! Ele, o Governo, quer isso vai ter isso, mas eu vou dar a aula que eu acho que tenho que dar. Entendeu? Lá no planejamento, ai tem um currículo, né?! Você já viu que muitas coisas não tem nada a ver? Aquilo ali é um absurdo. Mas é o que ele quer, como quer que você de acima de 5,0 pra você não ter que fazer relatório. Então eu não vou mais lutar, eu não vou mais brigar, sabe por quê? Porque a gente briga e acaba se prejudicando muito.

Agora eu estava demorando que eu estava falando com uma aluna do 3º ano que está, com medo que ela estava em dependência na minha matéria, só que ela foi lá e a dependência sumiu, ai ela tá com medo de depois de formada a dependência aparecer, entendeu. É uma ótima aluna, eu não quero prejudicar. Não tem como cobrar coisas do ano passado, que ela me disse, “ professora eu não lembro!”

Na realidade eu não vou avaliar essa aluna, tá bem que ela é uma ótima aluna, já vi que ela vai ser uma ótima professora, é esforçada, mas eu não posso deixar de fazer porque de repente o que pode acontecer? Se fosse outra situação eu dava de presente até para ela, entendeu?! Então essas coisas assim que a gente tem que, esses fatores...

Perai, me perdi um pouco deixa eu me lembrar...

Esse espaço a gente vai ter que criar, se a gente for seguir isso tudo, aí a gente vai acabar se afastando mais ainda dos alunos. Porque já tá muito difícil já dar aula hoje em dia, com tanta agressão, com tanta interferência da casa, da casa na sala. Da casa que eu digo, depois que deram esse cartão de família, cartão disso e daquilo, eles estão se achando assessores do governador, e do prefeito. Eles vem aqui cheios de dedo, querendo saber que hora vai ser a reposição, o porquê que o professor está faltando tanto. Entendeu, um montão de coisas absurdas.

Então você tem que, eu acho que você tem que criar a sua linguagem, a sua metodologia, meu processo é esse, se eu resolver eu dou na turma se estiver precisando.

Eu não sei o que eu vou poder ensinar a eles, acho que eu tenho que ensinar eles a repetir o professor, acho que eles estão se achando a cima de qualquer coisa e não estão! Entendeu? Eu acho que é a única coisa que eu posso ver é isso!

A Ana queria que eu apresentasse ao passado o trabalho numa feira que tinha lá, para ficar como uma apresentação científica para mim, mas eu não tenho tempo. Que eu poderia até levar um grupo de alunos. Todas as escolas entraram num mesmo processo de classificação, de querer só projeção, de querer mandar não sei o que, é isso que está acontecendo! Me agride esse tipo de trabalho, me agride! Eu gosto de arte, mas arte mal feita é feia. Uma comunidade toda quebrada é feia, mas pinta fica bonita não fica?!

Outro dia, uma bobagem, peguei um papal higiênico, e piquei, uma outra professora viu e tentou fazer igual. Eu perguntei a turma quem fez isso, na turma de 2º ano, falaram a professora tal fez isso. Era para trabalhar o que? Qual o objetivo? Trabalho sensorial?

“Não ela gostou e fez.” Ela entrou quando eu tava saindo e ela disse: Ah, gostei vi você fazendo e fiz. Para você ver as coisas são feitas sem sentido. As coisas aqui são soltas, não tem acompanhamento. Toda técnica que dou, elas sabem porquê, quando elas podem usar. Para que elas vão usar. Para chamar atenção, para dar calma, para voltar a calma, eu mexo um pouco com terapia, trabalho com terapia. Não deu tempo pega uma receitinha; pega papel molhado, um pouquinho de farinha de trigo e cola, faz uma massinha e faz esse desenho em relevo, entendeu, aperta, vai apertando assim.

O laboratório que eu criei não dá para usar, tinha um ótimo laboratório. Ana até falou que queria esse laboratório funcionando, mas ninguém limpou e está um caos.

(Terminamos a entrevista porque ia começar o turno da tarde e as crianças estavam entrando na sala)

Muito Obrigada!



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PPGEDUC- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES
GPESURER – GRUPO DE PESQUISA EDUCAÇÃO SUPERIOR E RELAÇÕES ÉTNICO-
RACIAIS

- Identificação: 1 2 3 4

1. Pseudônimo: Monique
2. Data de Nascimento: 11/09/67
3. Estado Civil: casada, uma filha 12 anos
4. Gênero? Mulher... achei engraçada a pergunta...
5. Qual a sua cor? Negra, Preta

6. Em termos de classe social, Como você se define?

Média, em função da minha renda e por causa da minha realidade social que vivo hoje. Pelo local onde moro por todas as coisas que consigo realizar, minha filha estuda numa escola privada muito boa. Eu vim de classe popular, mas já estou a bastante tempo na classe média.

7. Para você, o que significa ser mulher e quais as principais consequências que vem com essa identificação?

Ser mulher significa ser mãe, esposa, amiga, batalhadora, lutadora, eu sempre me vi como uma grande amazona, a gente ta o tempo todo a frente de alguma atividade, sempre cuidando do filho, cuidando dos alunos, porque sou professora, cuidando do marido, sempre tendo que encampar alguma batalha, sempre cuidando. Cuidar é uma palavra que faz parte do meu vocabulário constantemente. Eu sou uma defensora das ideias do Leonardo Boff, ele tem um livro chamado "Saber cuidar": a ética do humano compaixão pela terra, eu acho que isso é básico, se todo ser humano cuidasse do outro as relações sociais seriam diferentes.

8. Em que contextos e relações (família, escola, amigos, meio religioso...) você aprendeu a ser mulher?

Inicialmente na família, depois nas relações, nos grupos escolares e grupos de movimento Negro, mais inicialmente foi família...

Pesquisadora: Você participa de Movimento Negro?

Particpei na adolescência, mas grupos de cultura, participei do L, frequentava O l, D, mais integrante mesmo eu era do L. E atualmente eu coordeno um grupo que é o D a lua, que é um grupo danças populares, não é um grupo que ta integrado no movimento é um grupo de professores que se propõe a estudar, dançar, cantar, as danças de matriz africana. A gente começou em uma universidade que a U.A, que é onde eu dava aula uma época, ficamos um na lá, ai na época, era o grupo folclórico da U.A, depois de um ano a gente resolveu sair da U.A., porque a Universidade não dava oportunidade pro trabalho ser desenvolvido, e ai eu criei... Nós mudamos o nome, outras pessoas fora chegando, porque antes era só alunos da U.A., quando nós saímos conseguimos integrar outras pessoas de outras universidades.

9. Qual o grau de instrução de seus pais?

Os dois só fizeram o primeiro segmento né... o antigo primeiro grau

10. Quantas pessoas da sua família possuem curso superior?

Nós somos três (3) irmãs e as três (3) tem nível superior, mas do lado da minha mãe todos nós temos ensino superior.

Porque minha avó tinha uma defesa, minha Avó era analfabeta, né... Baiana, filha de Negro com índio, minha avó defendia a ideia de que ... ela não tinha conseguido dar... ela não conseguiu que todos os filhos fossem para o nível superior, só uma tia minha, que era minha madrinha, mas que os netos delas todos fariam nível superior e foi exatamente que aconteceu, todo mundo tem nível superior hoje.

11. Qual a posição de sua família e de seus pais, em relação a sua escolha profissional?

Sempre me apoiaram desde o inicio, desde quando eu resolvi fazer o normal né... porque minha entrada como professora foi pelo normal, né... Minha mãe sempre teve junto sempre apoiou todo o processo.

12. Quanto tempo faz que você exerce o Magistério? 25 anos

13. O que te faz professora?

O desejo de ensinar, mesmo, de ajudar no processo de superação de construção isso foi o que sempre me movimentou. Durante muito tempo eu cheguei a dizer que não sabia fazer outra coisa. Ia dar aula né... esse desejo, eu defendo que através da educação eu conseguiria ajudar nessa superação, na emancipação das pessoas. Só q hoje esta muito difícil fazer isso to começando a duvidar dessa “verdade” (fazendo entre aspas), entendeu...

Eu digo verdade, porque sempre tive isso como uma grande verdade, meu caminho é educar é ensinar, é ajudar porque eu sempre trabalho com classes populares eu to a muitos anos como professora do Estado, a 25 anos, só que de uns aos pra cá eu comecei a questionar se é isso mesmo que eu quero, se vale a pena, eu não questiono se vale a pena lutar, eu questiono se vale a pena educar em escola, entendeu, então na verdade percebo que quero continuar ensinando, mas eu não quero mais esse ambiente, o sistema publico ta falido, esse...

Eu não consigo perceber nenhum caminho de mudança, de alteração, então eu to para pedir exoneração. Eu tenho duas (2) matriculas, ou vou exonerar ou vou tentar licença sem vencimento, se não sair dentro do prazo que preciso eu vou exonerar uma matricula, que é a matricula mais nova, que catorze anos é muito tempo para esperar eu não dou conta, eu não to dando conta mais, e essa matricula que é mais antiga que é a que tenho 25 anos eu to naquela de, faltam quatro (4) para me aposentar então ou vou tentar esperar.

Pesquisadora: Vai empurrar coma barriga?

É literalmente... E ai isso é complicadíssimo, porque eu acabo indo contra tudo que eu defendi a vida inteira, a vida toda. Eu formo professores, né? Então ai e mais um problema para mim, porque eu vivo o tempo todo na contradição, que eu defendo uma serie de ideias na Universidade, né... Porque eu dou aula tanto pro curso de pedagogia quanto para o curso de educação física, então eu tenho uma serie de defesas, e ai quando eu venho para o campo, que eu tenho que lidar com a realidade do campo eu não consigo desenvolver nenhuma delas e ai é um conflito eterno. Quando eu trabalho com formação de professores, eu ainda chego perto de desenvolver. Primeira vez que não consigo trabalhar de forma qualitativa com formação de professores é nessa escola. É muito complexo, essa escola é muito complexa.

Nós estávamos conversando sobre o problema do segundo turno, mas aqui o problema não é só do segundo turno é ...são todos os turnos. Aqui o normal é complicadíssimo. (pela segunda vez fomos interrompidos por alunos querendo saber onde seria a aula deles que seria no próximo tempo, alunos estavam no pátio em tempo vago)

Eu pedi para cá por que tinha formação de professores, desde que eu me formei, a mais de 25 anos é que trabalho com a formação de professores, já dei aula no instituto de educação do Rio , já dei aula em vários lugares , já dei aula no instituto de educação de Engenheiro Pedreira, em Itaguaí onde era minha matricula, eu sempre tive muito prazer um tesão muito grande em trabalhar com formação de professores, e quando fui diretora adjunta de uma escola, a ultima escola que trabalhei com formação, só que quando resolvi sir da direção adjunta eu perdi minha matricula na escola, não tinha mais turma para mim. Ai eu comecei a bater cabeça, até eu achar uma escola onde eu conseguisse, que eu acreditasse que eu poderia fazer meu trabalho, cai aqui. Eu pedi para vir para cá justamente por isso, formação de professores, ótimo, vou conseguir desenvolver aquilo que eu acredito, a mesma dificuldade que a gente percebe ...

(Fomos interrompidas por outra professora de educação física, que queria dividir o espaço... e por uma aluna querendo saber da chamada e quem pegaria a turma dela depois... Monique comentou que essa professora que chegou q era da turma dessa aluna que antes dava aula de artes, agora é de educação física, que tinha abandonado. Comentou: Ela é que tinha abandonado, mas o Zé aposentou, ela não deve ter conseguido entrar em outra escola, no meio do ano, você fica quebrada)

A realidade dessa escola é essa né... Então, com trabalhar, sem material, sem quadra, sem cobertura, sem estrutura, desde que eu entrei pro estado é que eu lido com essa realidade, só que tem uma hora que o sistema te vence, é muito tempo brigando porque eu preciso de quadra, porque eu preciso de baliza, porque eu preciso de rede, porque eu preciso de material, que uma bola só não é o suficiente para ensinar, modalidade nenhuma, isso a muitos anos, a mais de 20 anos. São 2, 3, 4 bolas. Professores no mesmo horário, que é uma coisa inviável, você não pode ter dois profissionais de educação física no mesmo horário, né? É a mesma coisa q você querer colocar dois professores de matemática na mesma sala. Impossível, mas para educação física isso é permitido, tudo é permitido. Mesmos que você desenvolva qualitativamente seu trabalho, Por que não te dão espaço, não te dão material, não dão a condição de trabalho. Essa é a questão. Eu tava falando disso essa semana. Eu comprei bola do meu dinheiro, comprei bomba do meu

dinheiro, foram muitos anos assim comprando material do meu dinheiro, para dar aula, só que nesses últimos 10 anos, 10 anos pra cá, eu passei a cansar, passei a não comprar mais do meu dinheiro e dar com o que eu tinha na escola, mas até então eu tava na formação de professores, era viável era possível. Agora a partir do momento que eu chego no ensino fundamental, ai acabou, né... No fundamental você não consegue trabalhar com material alternativo, como você consegue trabalhar na formação de professores... Tem toda uma estratégia de jogos. Jogos dramáticos, jogos competitivos, cooperativos, essa faixa etária já trabalha com a concepção do senso comum que educação física é sinônimo de futebol, não é nem esporte, é sinônimo de futebol então, tudo que você propõem diferente eles não querem, entendeu...

Eu trabalho com dança, eu não consigo ensinar dança no ensino fundamental, eu não consigo,... Se você quiser trabalhar, só se fosse funk, mas mesmo assim com restrições.

14. Ser Negra e Professora: o que isso significa para você?

O mesmo processo, não tem diferencial do ser mulher para mim, né? Eu sou mulher negra que ta na luta o tempo inteiro.

Pesquisadora: Como qualquer mulher estaria?

Não como qualquer mulher, porque quando eu defini para você o que é ser mulher, na minha cabeça já fica subentendido ser negra... eu não separo...

Pesquisadora: Você não sabe o que é ser mulher branca, não é?

Exatamente, eu não separo as duas coisas. Então qualquer questão relacionada ao agir como mulher no mundo, eu vou estar falando do lugar da mulher negra. Então quando eu digo eu sou uma amazona, eu sou uma guerreira, eu sou uma lutadora, sou alguém que cuida é porque ta na minha história de mulher negra, ta nessa relação. A palavra... eu falei para você que eu sou uma seguidora da palavra de Boff, é porque essa discussão do cuidar já ta na minha família a muito tempo. Meu avo foi filho de escravo, ele nasceu em 1888, e vem dele esse processo, de que um tem que cuidar do outro, então ele ensinou, a minha mãe tem mais duas (2) irmãs e um irmão, então a fala do meu avo era: vocês são mães, irmãs, amigas umas das outras, né. Então eu minhas irmãs e minhas primas, fomos educadas no mesmo processo, somos mães, irmãs, primas, amigas umas das outras. Então se você é educado na tua relação familiar assim, você consegue, acaba transferindo isso para fora, então não tem como ser uma coisa na família e outra coisa no mundo, né?! Você percebe isso claramente, em todas as mulheres negras da família, todo mundo nesse movimento de cuidado, mesmo assumindo outras profissões. Eu sou professora, minha irmã do meio é assistente social, a minha irmã caçula é administradora, de certa forma cuida, minha prima é fisioterapeuta, todo mundo trabalha cuidando. E todo mundo com essa consciência muito clara do que é ser mulher negra na nossa sociedade.

15. Suas identidades de Mulher e Negra possuem alguma relação com sua prática pedagógica?

O tempo todo eu banco essa bandeira, né... nas minhas aulas. Do que é ser negro, eu não falo só do ser mulher negra, sempre falo do que é ser negro dento da nossa sociedade, agora quando... geralmente as meninas que ficam mais próximas, que Educação física gera essa possibilidade, ai o essa discussão acaba vindo a tona, porque eu me tornei um referencial em muitos lugares onde trabalho ou trabalhei, então as meninas me veem de uma forma diferente, semana passada eu fui surpreendida, na volta da greve entram alunas novas em uma das turmas de formação de professores, então elas não me conheciam. Ai quando eu cheguei, elas falaram: nossa professora como você é bonita, seu cabelo é lindo sua maneira de vestir, e tal. Ai, eu sempre aproveito essa oportunidade para firmar o dialogo, mas a maneira como eu me visto, isso já é um diferencial para os alunos.

Para alguns no sentido de perceber que é possível ser mulher negra linda na sociedade, e para outros uma certa estranheza, hoje eu observei isso. No 7º ano, que essa fala da professora linda é no ensino médio, o 7º ano tava achando engraçado hoje, meu sapato minha roupa muito colorida, to sempre muito colorida. E ai coisa estranha, a roupa da professora. Porque é um pavão né, a calda de um pavão. Muito estranho isso pra elas, né?!, Coisa meio esquisita.

Na Universidade é o mesmo processo. Agora engraçado na Universidade é onde passo por maiores situações de preconceito, por causa dos trabalhos das danças de matriz africana, ai lá sim eu consigo levar a discussão de uma forma mais aprofundada e discuto a lei né...10639, e peço trabalho em que o tempo todo to pontuando a questão da cultura negra e da mulher dentro desse universo e ai tem alunas que rejeitam mesmo, a coisa é pesada

16. Há diferenças de tratamento dispensado às professoras negras e brancas pela escola?

Não, nem na escola, nem na Universidade, eu nunca passe por essa diferenciação, em relação à Administração. Sinto em relação aos alunos. A administração não.

17. Enquanto Mulher, Negra e Professora, você passou por alguma experiência de preconceito? Você se sente à vontade para falar sobre ela?

Ah, o tempo todo. Sinto, falo tranquilamente.

Mais visível na Universidade. Porque os alunos que ta no ensino médio e no ensino fundamental eles não ostentam o preconceito, você percebe a existência dele naqueles olhares assim e na risadinha. Foi o que te falei que aconteceu hoje.

Mas no ensino superior não, isso fica mais claro, né... como por exemplo na U. A. eu dava aula de dança, eram duas disciplinas uma era dança e a outra folclore e por trabalhar com as danças de matriz africana, e por acreditar que essas danças são alijadas, do processo de formação eu sempre priorizava esses conteúdos. Então eu sempre dei pouquíssimas danças europeias eu sempre dava mais danças indígenas e africanas, ai eu virei a mãe de santo da Universidade. Eu sempre com saias muito coloridas, eu sempre usei muita chita, ao só para dar aula. Eu tenho roupa de chita que eu uso no meu dia-dia, para ir a uma festa, eu uso gosto muito de chita, eu gosto muito de cor, ai nesse processo de levar a dança...

Tanto que tinha um grupo que caminhava comigo, que descobriu o grande barato que era poder dançar e viraram meus súditos, no olhar do preconceituoso: “os filhos de santo” da professora Monique, isso na U.A. E na U.E., eu cheguei a ter alunos que reclamavam na coordenação pedagógica que eu levava macumba para sala de aula. Isso em clima complicado, o coordenador acabou me apoiando, mas um apoio com algumas restrições né: “o professora toma cuidado com o eu você ta fazendo, com o q esta desenvolvendo, como é que esta sendo feito isso?”

Porque os alunos literalmente disseram que eu tinha levado (...) por que eu levei para um trabalho no SESC que eles tinha que vivenciar uma roda de jongo, coco e ai para eles eu tinha levado para um centro, para uma Roda de candomblé. Uma coisa louca.

E ai você vê a questão da ignorância do preconceito. Esse ano eu passei de novo.

Em uma aula ensinei ciranda, que não é uma dança de matriz africana. Expliquei, que eu sempre explico a origem da dança. expliquei o que era ciranda, a influencia de todas as etnias, todas as culturas, para que a ciranda se constituísse. E ai na semana seguinte, um grupo veio:

“Professora tem alunas que reclamaram que a senhora deu macumba na sala de aula”.

Falei gente, mas eu ensinei ciranda e a ciranda nem é de matriz africana. Como assim? E ai volta à discussão, eu já to naquela fase da irritação, da vontade de dizer: vai pesquisar, vai estudar,

antes de falar , vai descobrir o que é isso. Não é possível, vocês na Universidade ainda tem esse tipo de postura.

18.Você conhece a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana? Trabalho. Usando a dança enquanto estratégia.

19.A escola na qual você trabalha obedece à essa Lei e às suas Diretrizes?

Uma obediência superficial. Aquela coisa que cada professor inclui na sua disciplina. Que é uma modalidade mesmo. Cada professor tem que trabalhar nas suas áreas. Mas o que eu percebo que não tem uma discussão no coletivo.

Só uma escola que eu trabalhava que a gente fazia isso. Que foi em engenheiro Pedreira, uma escola de formação de professores, mas lá era só formação de professores e tinha uma equipe muito afinizada, então nos conseguíamos fazer um trabalho integrado, cada um na sua disciplina, mas ao mesmo tempo uma proposta interdisciplinar muito forte culminando com exposições e tal. Não era aquela coisa um dia dedicado, não! Não era. Era o ano inteiro trabalhando, discutindo. Foi a única escola que eu tive essa experiência. Até porque no estado não sei qual é sua experiência, a maioria das Direções são protestantes, então isso...

Foi isso que te falei de sistema falido. Acho que a gente ta vivenciando um processo muito complicado, to falando de rede Estadual, não conheço as outras redes. Mas a gente ta vivendo um processo muito complicado, porque, literalmente os professores não estão preocupados, com a qualidade de ensino não. E como existe uma cobrança do governo, uma aprovação automática camuflada, eu percebo muito uma ausência, de um desejo, uma esperança nos professores , independente da área do conhecimento, de ser homem ou mulher. Está todo mundo entrando em sala de aula para cumprir o seu dever, dar o conteúdo. Currículo mínimo.

E ai o conteúdo principal, o que vai ser cobrado no SAERJ? Então ta é isso q a gente vai dar e a Lei não é cobrada no SAERJ.

Ai é complicadíssimo, porque a maioria nossos alunos são meninos e meninas negras, e ai eu discuto muito isso na faculdade: “gente presta atenção só o publico que vocês vão trabalhar vocês estão na Baixada Fluminense... a maioria vai trabalhar com estudantes de escolas publicas da região, então o publico de vocês vão ser crianças, adolescentes e adultos negros, vocês tem q saber olhar isso ai. Eles tem uma ausência de consciência de quem são eles enquanto indivíduos. Eu discuto corpo minha área é o corpo né, então essa é a primeira discussão que eu faço na Universidade.

Que corpo é esse? Como é que a gente se enxerga? E como é que essa sociedade Eurocêntrica, diz para gente como a gente tem que ser?

Algumas alunas caminham, né?! De ter esse olhar de: “Caraca, o que eu to buscando o que eu to fazendo da minha vida?”

Mas é um numero muito reduzido.

Como é que a gente faz mural (Professora de didática, no ensino superior) ? Qual conteúdo vai para sala? Qual o tipo de revista que a gente usa em sala? Então é o tempo todo, essa discussão perpassa pela minha pratica. O tempo todo, mas não é fácil não. A gente não consegue atingir todo mundo. Aprendem que a dança, que é a minha vertente, a dança do Negro é do demônio. A gente em uma sociedade eurocêntrica extremamente cartesiana e conteudista , então nada que a gente discuti e q se refere à cultura africana e afro-brasileira se encaixa nessa realidade, entendeu. Então o professor para levar essa discussão, vai mexer com o q ele é enquanto individuo e não é

todo mundo que esta predisposta a abrir essa janela., botar a cara, repensar quem é ele nessa sociedade, se ele é negro ou se ele não é. Já que ser negro hoje é uma questão de assunção , não é só uma questão de cor de pele, , da maneira como você usa seu cabelo.

Ai nem todo mundo esta disposto a ir para essa luta de botar mesmo a cara para bater, travar discussão com aluno, travar discussão com a direção.

20. Mulher, Negra e Professora: o que os processos educativos podem aprender com você?

Eu acho que é isso que eu estava te falando agora, o que os processos educativos podem aprender é essa necessidade da abertura, essa necessidade de olhar o outro como diferente, mas um diferente que esta incluído, na estrutura social, não o diferente que tem que ser excluído. Essa que é minha discussão, que é minha preocupação o tempo todo. E outra coisa também, é , vou voltar no corpo, o tempo todo o meu olhar, o que eu transmito é essa necessidade do corpo liberto, eu acho que eu devo isso a minha formação enquanto mulher negra. Um corpo que ta aberto, esta liberto, que se mexe, que se movimenta, que sente, que chora , que ri, o corpo de uma mulher de 46 anos que não carrega... Uma vez eu ouvi isso de uma amiga: você não se comporta como uma mulher de 40anos.

O que é se comportar como uma mulher de 40 anos?

Eu não sei o que é ser uma mulher de 40 anos, então...

Esse é o meu diferencial, essa é uma das grandes contribuições que eu trago para a realidade escolar, eu trago esse corpo que é muito livre. Livre de preconceitos de amarras, é o corpo que dança, sem estereótipos, que não tem contagem marcada, é o corpo que... é uma coisa que vem da cultura africana, né?! Vivencia o tempo o ritmo, a musica de acordo com a minha própria realidade, com a minha própria identidade, que a cultura Europeia não trabalha com esse corpo da mesma forma.

Na cultura Europeia esse corpo é prisioneiro, né...

(os alunos estavam jogando a bola de vôlei na janela, então ela parou de falar comigo, para chamar a atenção dos alunos)

A cultura Europeia aprisiona o corpo, né, e as danças de origem africana e afro-brasileira fazem justamente o contrario elas libertam e é isso que eu trago para os lugares onde trabalho. Tanto é que aqui, na Universidade, é sempre assim chegou a Monique, o tempo todo isso é uma marca né . Ah, uma coisa bem legal, eu tinha turmas na U.A, na U.E. eu nunca escutei isso, mas na U.A. eu já ouvi. Que as meninas ficavam apostando como é que meu cabelo iria.

“Como é que será q ela vem hoje?” Que o meu cabelo nunca tá do mesmo jeito.

Que o meu cabelo um dia ta Black, outro dia ele ta preso, outro dia ele ta enrolado , outro dia ta transado.

“Professora, a gente nunca sabe como você vai chegar!”

Eu não tenho padrão, entendeu?

E elas gostavam disso, elas gostavam de olhar para outra professora.

Então é esse meu diferencial.

O fato de eu me autoafirmar enquanto Mulher Negra, uma mulher Negra Bonita e tal... Isso gera no outro também um olhar diferente.

Mas isso não foi sempre assim ne, porque todas suas perguntas fala do hoje, de agora. Isso é de alguns anos para cá ne, porque eu como a maioria das mulheres, passei por todas as situações, da maioria das mulheres Negras, então eu cresci achando que eu era feia, eu alisei e estiquei cabelo por muito tempo, nunca neguei minha etnia, isso felizmente , não passei por esse processo, só que

essa beleza sempre foi questionada, até porque eu sempre escutei que eu não era bonita, que meus traços não eram traços de mulher bonita. Interessante é que somos três irmãs e eu sou a que tem o tom de pele mais escuro, mais melanina, minhas irmãs são mais claras, literalmente o pardo, o famoso pardo. E elas ouviam essas brincadeiras que elas eram cor de papel, só que elas eram bonitas e eu não. Então eu passei muitos anos com esse olhar, passei toda a minha adolescência e até uma parte da minha maturidade, achando realmente que era uma coisinha.

Pesquisadora: E como quando você se descobriu assim, bela, mulher, poderosa?)

Acho que o nascimento da minha filha me ajudou muito, a ocupar esse lugar que a necessidade de que ela não vivenciasse o que eu vivenciei, eu desde que ela nasceu sempre trabalhei com ela a autoafirmação sobre a própria beleza. O quanto ela era negra linda, tem uma estrutura óssea, muito grande, então ela nunca vai ser magra mignon, então eu sempre bati nessa tecla:

“ Mari, olha sua estrutura óssea, olha tua estrutura muscular, olha como é seu corpo. Você nunca vai ser magra, você é negra seu cabelo é assim ... Então acho que a fala para ela repercutiria. E aí também, quando eu voltei a dançar, porque eu fiquei muito tempo longe da dança. A Universidade faz isso com a gente, quando você começa, a entrada para universidade, a entrada para o Mestrado, eu fui ficando cartesiana demais, demais da conta. Então o meu corpo foi ficando aprisionado, eu já não dançava mais, eu só lia e estudava, dava aula, as minhas aulas ficaram rigorosas demais, porque meu corpo estava muito aprisionado. Eu tinha aluno que dizia que eu era uma sargento, general. Eu não usava roupas coloridas, eu só usava roupas que me deixavam neutra, bege, branco, preto.

Então a negação mesmo, é a partir do momento que eu volto a dançar, que resgato minha relação com as danças de matriz africana, tudo isso começa a mudar, então de uns 10 anos para cá, eu comecei esse processo de resgate. Minha filha já tem 12. A primeira coisa que me chamou a atenção, que minha filha acordou tinha de dois (2) para três (3) anos, pedindo para comprar cabelo loiro para ela.

E aí é um outro problema que a gente vivencia. Você me perguntou a minha classe, que classe social eu acredito que me insiro. Uma mulher negra, com uma filha negra numa classe média, era lidar com preconceito diariamente. Então todos os amigos da minha filha, ela estudava em uma das escolas mais caras de Nova Iguaçu, todos os amigos eram brancos, tinha ela e mais 2 crianças negras na escola. E nós morávamos em Japeri onde a maioria da população é negra, então todo o tempo eu tive que trabalhar com ela esse processo então naturalmente...

Começa a lidar com outra forma de preconceito, por que o preconceito é velado, na classe média e na classe alta o preconceito é velado.

Minha Irmã passou por agora por uma situação com minha sobrinha, minha sobrinha tem cinco (5) anos e tem um cabelo Black lindo. Minha filha até os 8 anos eu consegui manter o Black e a trança, a partir do momento que ela começou a perceber que era muito diferente das amigas, ela começou a querer alisar o cabelo, e começou a brigar comigo. “Eu não quero esse cabelo, eu não quero esse cabelo, eu não quero esse cabelo.”

É muito difícil, porque você olha e você não se enxerga. Por que todas as suas amigas são de outra etnia, a menina negra tá onde? Na comunidade, ela não está no condomínio onde eu moro.

Pesquisadora: Você não mora em Nova Iguaçu?

Não, eu morava aqui na posse, morei e Japeri muitos anos, me separei vim pra posse, agora tô no Rio, em Irajá. Eu moro num condomínio classe média, então são pouquíssimas meninas negras, pouquíssimas. Eu sou de classe popular, e cresci em escola pública, eu convivi mais de perto com meninas negras, mas mesmo assim eu não deixei de sofrer preconceito e de ter uma questão

confusa na formação da minha identidade mas a razão era uma. Ela ta passando pelo mesmo processo por outras questões, que na verdade vão culminar no mesmo ponto, né?!

Na sociedade o tempo todo desvaloriza, seja na classe popular , seja na classe média, seja na classe alta, quem é esse negro, quem é essa mulher negra, quem é esse homem negro.

Bem complicado. É questão da luta né?

E é interessante que eu tenho mais essa preocupação, o pai dela é negro também, mas eu não percebo nele essa preocupação dessa fala, entendeu. Isso é mais um movimento meu. E nessa idade é muito difícil né, adolescente, uma mulher negra na adolescência é muito difícil é muito complicado.

É a vida é tudo... É fase, nada que orientação e cuidado.

Há um tempo tive uma conversa com ela sobre isso, ela ta com 12 anos já quer ficar e namorar, a maioria das amigas já tem namorado ou esta ficando , e ela se não me engano já ficou 2 vezes, e todo menino que ela se apaixona, porque adolescente se apaixona de mês em mês , todo menino que ela se apaixona não se interessa por ela, ela começou a questionar se ela era tão bonita quanto ela sempre achou. Por que ela tinha, ela tava no segundo ano da escola, a professora me chamou e falou a mariana tem uma autoestima, que bom né?

“ É tem , ela sabe que ela é linda, ela tem essa consciência que ela é uma menina negra linda.”

A única menina negra na turma né?

Ela tem essa consciência .

Eu não entrei muito na discussão porque achei que não valia a pena, me chamar na escola para dizer que minha filha tem autoestima elevada...

E agora eu comecei a perceber uma certa insegurança, ao mesmo tempo que em casa ela fala dessa, de quanto ela é linda inteligente, comecei pegar escritas de que talvez não fosse, porque ela não consegue namorar, não consegue ficar com os meninos que ela quer e as amigas conseguem. Ai, comecei uma conversa sobre, você não é qualquer menina, você é uma menina negra, ai a imagem que a amiga vende de beleza não é a sua, e os seus amigos e os meninos que você se interessa, eles te acham...

Ela é melhor amiga de todo mundo, isso é outra coisa que acontece na vida da mulher negra, é a melhor amiga de todo mundo não é a namorada, não é para namorar, não é pra casar. E ela ta vivenciando isso muito novinha, 12 anos.

Então eu falo, que isso Mari, vamos lá...

Ela quis alisar o cabelo, porque todas as amigas, ai entra a bendita da escova progressiva, todas as amigas com aquele cabelo escorrido, ai alisou, eu falei: vai cair, mas quer alisar vai passar pela experiência, alisou.

“Mãe quero voltar para a trança”. Ficou 2 meses com o cabelo alisado

“Mãe quero minhas tranças de volta.”

Mas tinha que passar, porque ai percebeu que não era o cabelo. Essa foi a minha questão de deixar alisar. Porque o tempo todo era a minha fala. “Não é o cabelo, não tem nada a ver que você não tem o cabelo liso, que voa, que balança, é uma outra questão. É muito a questão que a sociedade embute na cabeça do menino, do homem do que é ser bonito, não é alisando o cabelo que você vai quebrar isso. Mas ela acreditou que se ela alisasse o cabelo ela ia ficar mais bonita, ela ia ficar mais interessante.

Passou ficou um tempo de cabelo alisado, o cabelo caiu, quebrou, né? Ai, agora voltou para a trança. Felizmente.

É uma coisa legal de dizer, você falou da minha avó, eu sei que seu tema é a mulher negra, e que nem sempre numa relação familiar o homem tem um papel diferencial, geralmente essa relação

da mulher é com a mãe, com a tia, com a avó, mas na minha família esse lugar do homem negro filho de escravos, foi justamente essa...

Minha mãe diz que o meu avô, era ele que trazia para conversa, era ele que contava história, aí você tem esse lugar do Griot.

Ele fazia muito bem o papel do griot, na família e na comunidade, então quando a gente nasce, e eu não conheci esse avô, minha mãe, minha tia, minha outra tia, madrinha, elas mantiveram o lugar do griot, entendeu.

Então o tempo todo o meu referencial, não é a minha mãe somente, é minha mãe e meu avô que eu nem conheci. Se você conversar com a minha irmã, é minha mãe e meu avô, entendeu, o tempo todo, minha mãe, minha tia e meu avô, minha mãe, minha tia e meu avô. Ele é a grande referência da importância de ser uma mulher negra dentro dessa estrutura.

Muito Obrigada!